



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO - SIBI
BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES



UFRJ
SIBI

FORMULÁRIO DE AUTORIZAÇÃO PARA OS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO, MESTRADO E DOUTORADO DO IPPUR/UFRJ

1. Identificação do tipo de material:

Tese Dissertação Trabalho de conclusão de curso

2. Identificação do documento:

Unidade: IPPUR

Programa de Pós-Graduação: em Planejamento Urbano e Regional

Autor: JHAIANE BARBOSA DA SILVA

RG: 21554084-0 CPF: 128014697-42

Título do Trabalho: A CRIEADA SÃO SEBASTIÃO E AS SUAS TRANSFORMAÇÕES

Orientador: SORAYA SIMÕES

Co-orientador: _____

Número de Páginas: 116 F

Anexos e/ou Apêndices: NAO

Data da defesa: 10/2/2017

Entrega no formato: Impresso Digital

AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NA BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES

Autorizo a UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral da publicação supracitada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão pela Internet, a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Rio
Local

13/9/2019
Data

Jhainane Barbosa da Silva
Assinatura do(a) autor(a) ou seu representante legal

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL**

THAIANE BARBOSA DA SILVA

**A CRUZADA SÃO SEBASTIÃO E AS SUAS TRANSFORMAÇÕES:
Os efeitos da valorização imobiliária local.**

Rio de Janeiro

2017

THAIANE BARBOSA DA SILVA

**A CRUZADA SÃO SEBASTIÃO E AS SUAS
TRANSFORMAÇÕES:**

Os efeitos da valorização imobiliária local.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Orientadora: Prof.^a Dr. Soraya
Silveira Simões

Rio de Janeiro

2017

CIP - Catalogação na Publicação

S586c Silva, Thaiane Barbosa da
A Cruzada São Sebastião e as suas transformações: Os efeitos da valorização imobiliária local. / Thaiane Barbosa da Silva. -- Rio de Janeiro, 2017.
116 f.

Orientadora: Soraya Silveira Simões.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional, 2017.

1. Cruzada São Sebastião (Rio de Janeiro, RJ). 2. Conjunto Habitacional (Rio de Janeiro, RJ). 3. Estigma (Psicologia Social). 4. Bens imóveis (Rio de Janeiro, RJ). 5. Representação social. I. Silveira Simões, Soraya, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

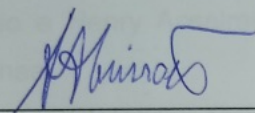
A CRUZADA SÃO SEBASTIÃO E AS SUAS TRANSFORMAÇÕES:

Os efeitos da valorização imobiliária local.

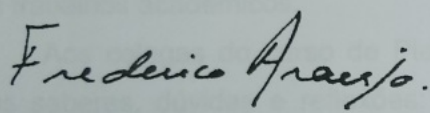
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Aprovada em:

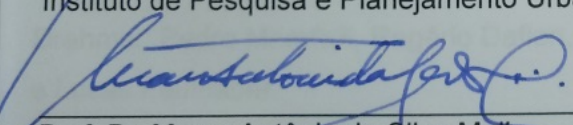
BANCA EXAMINADORA



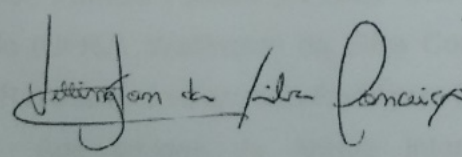
Profa. Dra. Soraya Silveira Simões
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/UFRJ



Prof. Dr. Frederico Guilherme Bandeira de Araujo
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/UFRJ



Prof. Dr. Marco Antônio da Silva Mello
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS/UFRJ



Prof. Dr. Wellington da Silva
Conceição
Prof. Dr. Wellington da Silva Conceição
Colegiado de Ciências Sociais - Universidade
Federal do Tocantins – UFT

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer a todos os familiares que além de apoiarem a confecção deste trabalho também são inspiração para que este exista: Bisavó Alavinia, aos avós Marli e Luís Francisco (in memória), Tio Orlando (in memória) e aos demais familiares.

A Profa. Soraya Simões (minha orientadora), primeiro por não desistir deste trabalho e por não me deixar desistir dele. Pelas críticas e interlocução necessárias para que se possa construir um trabalho digno de apreciação.

Ao corpo de professores do IPPUR, que fomentaram o alicerce do conhecimento para que essa dissertação pudesse existir: Fania Fridman, Luciana Lago, Cecília Mello, Julieta Nunes, Carlos Vainer, Orlando Jr, Alex Magalhães, Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro, Mauro Kleiman, Pedro Novais, Robert Pechman, Thamara Egler, Hipólita Siqueira, Hermes Tavares, Fabrício Leal, Claudia Pfeiffer, Carlos Brandão, Aberto Oliveira, Aauto Cardoso e Henry Acselrad. Em especial aqueles que tive oportunidade de cursar as disciplinas.

Ao GESTHU – Grupo de Estudos do Território e História Urbana – Coordenado pela professora Fania Fridman, que me possibilitou ingressar no mundo da pesquisa e dos trabalhos acadêmicos.

Aos colegas do curso de Planejamento Urbano e Regional, que compartilharam seus saberes, dúvidas e reflexões: Janaína Wu, Victor Barbosa, Marta Loreto, Daniel Oblitas, Eliza Barbosa, Leandro Conti, Max Vasconcelos, Daniel Souza, Juliana Hereda, Tarsila Amaral, Gabriel Zelesco, Juliana Araújo, Laura Rêdes, Maria Kalil, Marina Drehmer, Pedro Marafalli, Rogério Daflon, Túlio Heckmaier, Thiago Pinho, Larissa Lacerda e Lucas Faulhaber.

Aos professores de diversos institutos que também fizeram parte da construção desse trabalho através do importante processo de interlocução: Adriana Facina (PPGAS-URFJ), Pâmela Passos (PPGAS-URFJ), Felipe Berocan (UFF), Marco Antônio da Silva Mello (UFRJ), Wellington da Silva Conceição (UFT), Mário Brum (UERJ), Márcia Leite (UERJ) e Antônio Edmilson Rodrigues (UERJ).

Aos amigos da Anistia Internacional Brasil, que acompanharam o árduo desenvolvimento deste trabalho e que trouxeram conforto nos momentos difíceis: Laura

Talho, Luiza Santiago, Maria Clara Mello, Yasmin Monteiro, Leila Carvalho, Rafael Monteiro, Ingra Maciel, Andressa Bonance, Pedro Zeno e Andressa Alves.

Aos colegas das disciplinas eletivas que fiz durante esse curso, que ajudaram a construir e lapidar este trabalho: Vinícius Santiago, Camila Castanho, Tatiana Lima, Dennis Novaes, Taísa Sanches e Thiago Matioli.

Aos técnicos da secretaria do IPPUR, sempre solícitos e competentes em seus ofícios: Ana Cristina Araújo, André Luís e Zuleika Cruz.

Aos amigos e colegas da Cruzada São Sebastião que efetivamente abriram as portas de suas casas, que participaram das entrevistas formais ou informais os meus mais sinceros agradecimentos, sem sombra de dúvidas, este trabalho não poderia existir sem a contribuição de cada um de vocês: Edson Nascimento, Raquel Martins, Rebeca Martins, Luiz Felipe Brandão, Eric Estrada, Daniela Rodrigues, Fábio Alves, Ibsen Caio, Joel Nonato, Franco Nascimento, Manoel, Shirley e Paulo Pereira.

As amigas da academia e da vida, pelas palavras de incentivo e inspiração: Clarisse Barroso, Nayana Bonamichi, Taiana Martins.

A Juliana Passos com a ajuda no trabalho de campo e belo trabalho jornalístico que me ajudou a compor parte deste trabalho.

Por fim, agradeço à CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior) pelo auxílio com a bolsa de pesquisa de mestrado entre 2014 e 2016.

RESUMO

Esta dissertação apresenta as transformações em um conjunto habitacional da zonal sul do rio de Janeiro – A Cruzada São Sebastião – ao longo de um processo de valorização imobiliária. Discutimos, aqui, as possíveis mudanças da organização social, sociabilidade, estilo de vida, assim como, as representações e estigma que recaem sobre os habitantes do conjunto habitacional. O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, apresentamos o contexto histórico e político da criação da associação católica Cruzada São Sebastião e do conjunto residencial ao qual deu origem. No capítulo dois, abordamos as representações que foram sendo construídas sobre o conjunto, com o apoio da imprensa, e o modo como seus moradores administram aquelas que muitas vezes remetem a um estigma. Por fim, na última parte deste trabalho, tratamos do aquecimento do mercado imobiliário local e suas consequências, seus personagens e conflitos. Os métodos e técnicas de pesquisas empregados no desenvolvimento deste trabalho foram inúmeros. Destaco o uso da observação direta e participante, o que denota a perspectiva etnográfica presente nessa dissertação. Além de pesquisa documental e de periódicos no acervo digital da Biblioteca Nacional (A Noite, A Cruz, A Ordem, Jornal do Brasil e O Globo).

Palavras-chave: Cruzada São Sebastião. Valorização imobiliária. Estigma. Representações. Sociabilidade.

ABSTRACT

This thesis presents the transformations through a process of real estate valorization, in a housing complex in the south zone of Rio de Janeiro: Cruzada São Sebastião. Here we discuss the possible changes in social structure, sociability, life style, as well as the representations and stigma that falls upon the housing complex. This thesis is divided in three parts: In the first part there is the historical and political context of the creation of the complex and of the catholic association Cruzada São Sebastião. In the second, the questions of representation and stigmas occurring during the constitution of the complex and in the unfolding of its historical process. And lastly, in the last part of this thesis, we approach the theme of the heating of the local real estate market and its consequences, characters and conflicts. The methods and techniques of research used in the development of this thesis were many. I highlight the use of direct and participant observation, what denotes the ethnographic perspective present in this thesis. In addition to documental research and research of journals of the digital archive of the Biblioteca Nacional (A Cruz, A Ordem, Jornal do Brasil e O Globo).

Keywords: Cruzada São Sebastião. Real Estate valorization. Stigma. Representation. Sociability.

SUMÁRIO

PREÂMBULO: PENSANDO O DIREITO À CIDADE.	09
1 INTRODUÇÃO	13
2 APRESENTAÇÃO	15
3 CAP 1. UMA CRUZADA PELOS DIREITOS DOS MORADORES DE FAVELAS NO RIO DE JANEIRO DOS ANOS 1950	20
3.1 A escolha da Favela da Praia do Pinto	23
3.2 Construção do Conjunto Habitacional: A aposta do fim da degradação moral e familiar do favelado e seus agentes	29
3.3 A História da Cruzada São Sebastião e de seus fundadores segundo alguns moradores	32
4 CAP 2. CRUZADA SÃO SEBASTIÃO: PROXIMIDADE FÍSICA E DISTÂNCIA SOCIAL E AS SUAS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES	43
4.1 O que os jornais dizem sobre a Cruzada São Sebastião: Um passeio sobre a opinião pública	50
4.2 O fantasma da favela	60
4.3 Gentrificação ou contenção de usos: Processos recentes de valorização imobiliária	64
5 CAP 3. O AQUECIMENTO DO MERCADO IMOBILIÁRIO LOCAL E A CHEGADA DOS NOVOS MORADORES	67
5.1 Em busca do perfil dos novos moradores	81
5.1.1 A Comissária.....	82
5.1.2 Os Estrangeiros.....	85
5.1.3 O Estudante.....	88
5.1.4 O Sommelier.....	100
5.2 O lugar da rua: Sinal dos tempos	102
6 CONCLUSÃO	108
REFERÊNCIAS	111

PREÂMBULO: PENSANDO O DIREITO À CIDADE.

A cidade do Rio de Janeiro tem passado por inúmeras transformações desde que foi anunciada a realização da Copa do Mundo (2014) e das Olimpíadas (2016). Uma dessas transformações está relacionada à valorização do solo urbano. Principalmente de regiões e espaços da cidade que são historicamente estigmatizados e ignorados pelo mercado imobiliário formal. É o caso das favelas e de outras regiões populares que estão situadas dentro de áreas nobres da cidade.

O que se vê neste cenário é o aparecimento de um fenômeno mundial conhecido como gentrificação ou simplesmente aburguesamento ou sucessão de áreas urbanas, como descrito por Robert Ezra Park. Esse fenômeno foi primeiramente assim classificado pela socióloga inglesa Ruth Glass (1964) para distinguir processos de intervenção urbana que ensejam a substituição de populações habitantes de bairros pouco valorizados por outras, com maior poder aquisitivo, ao longo das transformações que visam à valorização fundiária e imobiliária. Atualmente, os processos ditos de gentrificação vêm impactando muitas cidades em toda a região da América Latina e gerado uma intensa mobilização de movimentos sociais, pesquisadores e agências nacionais e internacionais contra a destruição do patrimônio material e imaterial das populações habitantes em sítios urbanos os mais variados.

Por questões históricas e características de socioeconômicas e culturais de cada país, esse fenômeno tem se apresentado de diferentes formas em diversos lugares. Por isso, não é possível falar de gentrificação como um processo uniforme, na medida em que cada grupo populacional afetado reage e define suas estratégias de enfrentamento dessas intervenções de maneiras distintas, e sobretudo dispendo de condições sociais, políticas e econômicas igualmente distintas para empreenderem suas lutas e resistências. Apesar disso, é importante destacar algumas características gerais do fenômeno, principalmente a questão da troca de uma população originária (normalmente menos favorecida) por outra de poder aquisitivo maior.

Outro ponto comum entre os casos analisados em vários países, e que pude reunir para esta dissertação, é a interferência do Estado nesses processos, criando desde um novo léxico para qualificar os lugares a serem transformados, até a

projeção de novos “espaços” para a cidade (especialmente para a população ainda inexistente no local) e a estimativa de um novo planejamento de tempo e de uso do tempo nos deslocamentos e em outras práticas que se reorganizam a partir dessas intervenções, impondo um novo planejamento dos fluxos de vida na cidade, ou seja, uma nova “economia urbana”. Nesse sentido, o Estado lança mão do argumento da “revitalização” desses espaços – categoria privilegiada no léxico da “gentrificação” – para promover a “renovação populacional” desses setores. Esses argumentos não raro aparecem camuflados nas ações em prol da defesa e valorização de um dado conjunto de práticas culturais ou conjunto arquitetônico, que passa então a ser chamado *patrimônio*, seja ele público ou privado.¹ Como evidenciou MELLO e VOGEL (1981)

Porém, existem casos de gentrificação que ocorrem por fora das possibilidades apresentadas, ou seja, não partem de uma ação estatal orientada (ou pelo menos não de uma forma explícita). Ainda assim, não deixam de ser um produto resultante de um projeto de cidade desenvolvido, que obedece aos interesses dos grandes capitais e empresas, no sentido que promovem a cidade como uma mercadoria a ser vendida.

Se antes as favelas e alguns espaços populares, eram ignorados pelo mercado imobiliário formal, hoje fazem parte de um circuito cobiçado para novos investimentos. Com a chegada desse novo ator aos espaços de habitação tornados objeto de intervenção e valorização (somado ao projeto de cidade que se tem), temos uma mudança de panorama que, de tempos em tempos, no caso do Rio de Janeiro, reproduzem as desigualdades sócio territoriais historicamente marcadas no tecido urbano da cidade. Assim, sobretudo com o apoio dos novos programas habitacionais e de “aceleração do crescimento” associados ao fomento e ao “empreendedorismo”, se materializa a chance da entrada e expansão de um mercado imobiliário formal em localidades erguidas pela autoconstrução e pelo estabelecimento de práticas e instâncias de regulação de conflitos locais desenvolvidas no seio de uma intensa vida comunitária.

Em espaços como as favelas e os conjuntos habitacionais da cidade, o Estado, quando aparece, é para reinventar os modos de morar, desqualificando e

¹ Caso que serve de exemplo é do “Triangle du XIVème”.

substituindo aqueles que até ali se permitiu o estabelecimento de inúmeras famílias na cidade.

Com isso a gentrificação/aburguesamento se torna possível com um conjunto de ações e programas que, no caso de uma cidade como o Rio de Janeiro, permitem veicular novos valores atribuídos a esses territórios de habitação popular. Viabilizando processos ditos de gentrificação através da valorização global dessas localidades, inclusive com a valorização simbólica desses lugares, através de uma apropriação mercantil de suas próprias histórias. Ou seja, não só há o aumento do preço dos imóveis, mas também a inserção desses espaços em uma nova “paisagem urbana” e, com ela, o aumento do custo de vida para a população que reside nesses espaços em vias de transformação.

A gentrificação, nesse cenário, aparece como uma reapropriação desses espaços que historicamente não eram cobijados pelo mercado imobiliário formal, devido à presença de grupos armados ou pelo estigma que recaía sobre tais localidades, sobretudo, no caso do Rio, àqueles associados às virtualidades negativas referentes à categoria “favela”.

A chegada do mercado imobiliário formal em alguns desses espaços é facilitada pela distribuição de títulos de regularização fundiária, uma distribuição simples de títulos, modelo que não leva em consideração estratégias de desenvolvimento local que poderiam ser elementos importantes para a manutenção daquele morador recém-regularizado no local, evitando que este fosse alvo de uma expulsão (remoção) não violenta, feita via mercado.

O mercado imobiliário formal também é um instrumento facilitador de mudanças sobre as práticas de negócio que regulam a compra e a venda dos imóveis. Se num primeiro momento a regulação desse mercado imobiliário (informal) se faz por caminhos próprios, ou seja, pela soberania das relações pessoais, de confiança e pelo chamado boca a boca, ressaltando um circuito que raras vezes prescinde das informações e dos conhecimentos da vizinhança, em contraste com o mercado formal, preponderantemente impessoal. Hoje, frente à entrada do mercado imobiliário formal nas áreas de habitação concebidas, em programas do passado, como áreas de interesse social, nota-se uma tendência à formalização dessas relações de pessoalidade que ajudam a promover uma retirada dessa rede de comércio de imóveis do circuito das relações de proximidade, criando, em várias

dessas localidades, mudanças também nos modos de administração dos conflitos locais

1 INTRODUÇÃO

Dentro da conjuntura apresentada que este trabalho pretende analisar um caso ainda embrionário de gentrificação, após a valorização imobiliária que ocorreu em uma parte da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Mais precisamente dentro de um conjunto habitacional chamado Cruzada São Sebastião, situado em um dos bairros cujo metro quadrado é cotado como sendo dos mais caros do Rio de Janeiro¹ – ou mesmo do país.²

Ao analisarmos esse caso, pudemos observar alguns dos impactos que a valorização imobiliária ocasionou em um local que, historicamente, se constituiu como uma solução mas, também, como um problema para seus moradores na medida em que foi tratado, pela grande mídia e pelo entorno *chic*, como objeto de discriminações e de atribuição de estigma³. Assim, buscamos entender quais as transformações que têm ocorrido na organização social do conjunto com a chegada dessas novas práticas de mercado, assim como a chegada de pessoas com o perfil socioeconômico diferenciado.

Para tanto, dividi esse trabalho em três partes. Na primeira parte, abordo o contexto histórico e político da criação da associação católica Cruzada São Sebastião e, especialmente, esse projeto da associação, fundada por Dom Hélder, que foi a construção de um conjunto habitacional no Leblon, entre a praia e a lagoa, hoje conhecido comumente como “Cruzada”. Erguido nos anos 1950, após uma articulação pensada por Dom Hélder junto ao governo do antigo Distrito Federal, os 10 blocos de apartamentos do conjunto acolheram os moradores da favela da Praia do Pinto e Ilha das Dragas, ambas situadas em terreno contíguo, espalhadas naquele setor do bairro e avançando sobre o espelho d’água da lagoa. Essa primeira parte trata, assim, da construção também de um fantasma que jamais deixou em paz os moradores do conjunto e que, ainda hoje, os persegue

1 Segundo a reportagem: “Os cinco bairros com imóveis mais caros do RJ, SP e BH” retirada da página da revista Exame.com 17/01/2016. Na reportagem o valor médio do metro quadrado era de R\$22.478,00.

2 Segundo a reportagem: “Leblon é o bairro mais caro do país para se viver, estima portal” retirada do jornal O Dia – 27/01/2014.

3 Abordo esta questão no trabalho: Estigma entre estigmatizados: distinção e transferência de estigma em um conjunto habitacional do Rio de Janeiro, programa de pós-graduação em Sociologia Urbana - UERJ, 2015 – Orientação: Marcia da Silva Pereira Leite.

nos comentários na imprensa, nos rumores de “remoção” da “favela vertical” e na opinião despuorada dos moradores dos condomínios do entorno.

Na segunda parte, problematizo algumas representações e estigmas que, como pretendo mostrar, operam no local e dão sentido às ações e projetos dos moradores engajados em uma ação política que tem a cidade, e mais precisamente o *direito à cidade*, como elemento mobilizador.

Por fim, abordo o tema do aquecimento do mercado imobiliário local e suas consequências, personagens, conflitos e formas de resistências, restituindo um pouco da história desse processo que culminou com a abertura da rua Padre Bruno Trombeta para a ligação entre os bairros do Leblon e Ipanema, o que afetou um dos espaços mais caros para a vida comunitária que era a marca do conjunto Cruzada São Sebastião. Com a extinção desse espaço de intensa sociabilidade, comércio e controle da vida local, o conjunto parece ter se aberto de vez à chegada de novos habitantes que não tinham qualquer relação com as políticas de habitação social. Esse novo público, recentemente chegado aos apartamentos da Cruzada, ao contrário da população de “fundadores” da Cruzada, se caracteriza por ser celibatário, com nível superior e composto por profissionais liberais, enquanto as famílias beneficiadas pela política da Cruzada São Sebastião ou pelo mercado informal de compra e venda de apartamentos se caracterizam por ser numerosas e com membros que têm também nas favelas da cidade a extensão de seus espaços de convívio e de relações.

Os métodos e técnicas de pesquisas usados no desenvolvimento deste trabalho foram inúmeros. Destaco o uso da observação direta e participante, o que denota a perspectiva etnográfica presente nessa dissertação. Também realizei pesquisa documental e de periódicos no acervo digital da Biblioteca Nacional (A Noite, A Cruz, A Ordem, Jornal do Brasil e O Globo). Também foram realizadas entrevistas, tanto formais como informais, a partir da observação sistemática, do convívio propiciado pela minha residência e de parte de minha família no conjunto e do lugar privilegiado que pude usufruir, portanto, durante grande parte da realização desta pesquisa, face aos meus interlocutores, que rapidamente me localizavam em uma família e, com ela, em um determinado circuito das trocas locais

2 APRESENTAÇÃO

Antes de iniciar tal trabalho faz-se necessário situar o lugar onde me encontro como pesquisadora. Antes de ser pesquisadora, fui moradora da Cruzada São Sebastião de 2010 até o início de 2016. O “lugar” Cruzada São Sebastião já se faz presente para mim por muito tempo, pois, apesar de não ser “nascida e criada” aqui (pegando emprestado uma categoria nativa) faço parte de uma família de removidos da antiga Favela da Praia do Pinto.

Sou “nativa” de um outro conjunto que também foi oriundo desta mesma favela da Praia do Pinto: a “Cidade Alta”. E, portanto, desde criança já estava habituada a fazer o trajeto “Cidade Alta – Cruzada São Sebastião” pelo fato de que a parte da família com quem fui criada (materna) estar dividida nesses dois conjuntos.

A Cruzada então não é uma novidade para mim, no sentido de já ter uma certa familiaridade com o local. Porém, depois que virei pesquisadora, que entrei para a Universidade e me tornei “cientista social”, essas noções sobre o espaço foram se tornando mais conhecidas. Fazendo uma breve alusão a uma frase que permeia um dos trabalhos de Gilberto Velho, “nem tudo que é familiar é conhecido”.

Com isso, não quero dizer que antes estava impedida de refletir sobre o espaço em que vivia, pois creio que minhas inquietações como pesquisadora nasceram exatamente no momento posterior à entrada na universidade. E surgiram tão logo quando comecei a refletir e questionar sobre situações que vivia no meu cotidiano, à luz das conversas que mantive com colegas e professores, dentro e fora da sala de aula.

Mas mesmo antes de entrar na universidade, muitos questionamentos se faziam presentes, e estes, muitas das vezes, estavam relacionados à minha experiência de vida na Cidade Alta e a tal “herança favelada” da Praia do Pinto. Pois desde criança sempre ouvi que aquele espaço onde morava era um espaço de “pobreza”, e me inquietava muito saber por que morávamos em um lugar que muitos classificavam como “favela” se, para mim, eu era moradora de um apartamento, de um prédio, de um condomínio. Durante a minha adolescência essas indagações foram se amplificando. Principalmente depois de ter atingido determinado grau de escolaridade.

Já não aceitava a justificativa de que morávamos ali porque éramos pobres, como minha querida avó sempre me falava. Essa pergunta, entre todas, poderia ser

talvez a que me inquietava mais, pois eu pensava exatamente nos nossos outros parentes que moravam na Cruzada São Sebastião, no Leblon. Mas à minha avó e interlocutora eu sempre perguntava: “Se a razão de morarmos aqui é porque somos pobres, então por que nossos parentes moram no Leblon?” E assim eu prosseguia com a indagação, afirmando: “Eles também são pobres”.

Com a entrada na universidade, os questionamentos se tornaram mais complexos. Cheguei à universidade em 2007. Como sempre estudei em escola pública, tive a oportunidade de ingressar na universidade pública graças à política de cotas. Oportunidade que realmente considero que tenha marcado a minha vida.

A minha escolha pelo curso de Ciências Sociais na UERJ, creio que também tenha sido parte dessas minhas inquietações, que foram mais ainda fomentadas e multiplicadas durante o ensino médio. Depois de ter estudado em três colégios situados na própria Cidade Alta, fui estudar na Escola Técnica Juscelino Kubitschek, onde cursei Turismo e tive contato com disciplinas valiosas e de extrema importância para minha escolha pelas Ciências Sociais. Foram elas: a Antropologia Cultural e a Sociologia (que tive contato durante os três anos de ensino médio, em uma época onde o ensino da disciplina não era obrigatória).

Confesso que em um primeiro momento foi um choque. Eu detestava essas disciplinas. Primeiramente, porque somos colocados dentro de um sistema escolar pautado em uma educação reprodutora e não emancipatória. Eu achava aquele “papo de Alteridade” uma perda de tempo, uma vez que estava com a cabeça voltada para o vestibular, e disciplinas como Sociologia não estavam incluídas no vestibular. Segundo, porque dentro do nosso sistema escolar somos poucas vezes instruídos a produzir uma espécie de conhecimento crítico e reflexivo, talvez herança de uma ditadura militar que durante algumas décadas nos impediu, ou melhor, nos usurpou o exercício e o direito ao pensamento, nos empurrando um modelo de educação estritamente reprodutivo.

Portanto, meu pensamento era realmente pragmático, ou, pelo menos, se baseava numa falsa ideia de pragmatismo. Passado esse primeiro choque - ou digamos, “estranhamento” – com a disciplina, comecei a gostar e pensar em prosseguir os estudos nessa área.

O estranho era pensar que mesmo antes de decidir pelas Ciências Sociais eu já me via na universidade (pensava em fazer Geografia – isso ainda no ensino fundamental). Apesar dessa realidade ser ainda muito distante para mim,

principalmente se eu pensasse na minha árvore genealógica, onde os familiares, com exceções (um primo), tinham um grau de escolaridade muito baixo. Partindo de uma situação de analfabetismo por aqueles que considero os pioneiros da família, aqueles que saíram de Campos, interior do Rio de Janeiro, para tentar a vida na cidade do Rio de Janeiro, vindo morar na Praia do Pinto; até meus pais, que sequer conseguiram chegar à universidade, concluindo o que hoje conhecemos como ensino médio.

Imbuída por esse espírito cheguei à universidade, tive contato com um ambiente mais amplo das Ciências Sociais, porém continuava encantada com a Antropologia, um antigo amor inesperado do ensino médio. Primeiramente me interessei por temas como “gênero” e a “questão indígena”, chegando ao tema do urbano por meio das disciplinas de Antropologia e Sociologia Urbana.

Lembro que um dos textos que mais me encantou na universidade foi *Proscritos da cidade*, de Loic Wacquant, e toda aquela discussão sobre gueto e ostracismo social. Apesar de hoje, sabermos que vivemos uma realidade diferente no Brasil e que não podemos considerar nossas áreas segregadas como guetos, foi inevitável para mim, com tal trajetória pessoal, não fazer uma associação com o que o autor descrevia no gueto norte-americano e no “cinturão vermelho” francês com a minha realidade. O sentimento de isolamento que foi presente durante toda a minha vida na Cidade Alta, era o elemento motor dessa associação e foi a partir desse momento que decidi começar a estudar temas relacionados à favela, estigma e às suas múltiplas representações.

Mesmo antes de terminar a graduação, me mudei para a Cruzada São Sebastião, momento onde, através de uma disciplina de Metodologia, pude escrever o meu primeiro ensaio etnográfico. E o tema era exatamente falar sobre o bairro onde morávamos. No primeiro momento me veio logo à cabeça: “Vou falar do Leblon ou vou falar da Cruzada São Sebastião?”. Mas “Cruzada São Sebastião não é bairro”, e eu queria falar sobre a Cruzada e compreendia que esta, por si só, não se constituía como um bairro, pelo menos na definição administrativa, que era a que preponderava em meu imaginário. Decidi pela primeira opção, apesar de ter convicção de que não poderia falar do Leblon sem falar da Cruzada São Sebastião, porque a Cruzada São Sebastião faz parte do bairro.

Foi assim, então, que nasceu meu primeiro ensaio, chamado *Vivendo a vida no Leblon: o Leblon que não aparece nas novelas do Manoel Carlos*. A ideia então

era retratar a representação do bairro através da existente desse elemento negligenciado – Cruzada São Sebastião (Ausente nas representações televisivas de tal autor), fazendo uma provocação aos entrevistados sobre a possibilidade de representação da Cruzada São Sebastião em tal cenário. O Leblon aqui foi um mero figurante, sendo a Cruzada São Sebastião a grande protagonista.

Essa pesquisa, por se tratar de um pequeno ensaio, contou com uma margem amostral bem reduzida, creio que cheguei a entrevistar umas 6 pessoas. Tentando captar como as pessoas viam o bairro, o que seria permitido ter naquele espaço, quais estilos de vida estariam mais apropriados para tal local, realizei inúmeras perguntas. Uma delas se mostrou bem oportuna, para entender o estigma em relação ao conjunto habitacional, perguntei para as pessoas entrevistadas se elas gostariam de ver a Cruzada São Sebastião retratada nas novelas de Manoel Carlos. As respostas foram unânimes: NÃO! Alguns moradores que entrevistei que eram da Cruzada temiam que o conjunto pudesse ser representado de forma pejorativa e os moradores de fora da Cruzada também respondiam que não, pois, não viam tal lugar identificado com o Leblon apresentado por Manoel Carlos em suas novelas.

Mesmo que tenha sido um trabalho modesto, foi importante para que eu tivesse uma primeira experiência na realização de uma pesquisa, mais precisamente com o relato etnográfico. E foi antes de tudo uma experiência válida para mostrar que mesmo sendo moradora de um local eu poderia falar sobre ele em termos acadêmicos, ou seja, com um certo distanciamento, sem produzir – ou reproduzir – juízos de valores. Ali eu pude exercitar esse contraste e iniciar o árduo trabalho de “construção de um objeto” de pesquisa que levasse em conta as representações existentes sobre um lugar na cidade, um lugar no Leblon, o lugar de moradia de parte da minha família e que, agora, também era meu. O que de certa maneira me trouxe segurança para falar de algo familiar me dando mais força e tranquilidade para desenvolver meu trabalho como pesquisadora.

Muito tem se falado hoje sobre os próprios favelados estarem escrevendo suas próprias histórias, uma vez que essa já foi contada inúmeras vezes por inúmeros estudiosos. Com ampliação do acesso das classes populares à universidade, esta realidade se torna cada vez mais recorrente. Sendo também, muitas das vezes multiplicados os obstáculos para estes.

Apesar de contemporaneamente estudarmos muito mais a nossa própria sociedade – e não as “dos índios” – do que fazíamos há algum tempo atrás, hoje

parece ainda existir alguma resistência na academia com aqueles que se debruçam a estudar o seu universo cotidiano. A herança positivista e a obsessão da neutralidade do objeto e da busca incessante de coisificá-lo ainda se faz presente, o que ajuda a gerar desconfianças por parte de alguns sobre a credibilidade dos trabalhos daqueles que resolvem se debruçar sobre o seu mundo e modo de vida. Como se a questão da escolha de temas já não fosse algo que fugisse de uma esfera objetiva.

Creio que seria mais válido, em vez de ficarmos nesse debate ultrapassado, nos centrarmos na questão de como esses novos trabalhos feitos por “favelados”, que hoje fazem parte da academia, nos trazem a possibilidade de estarmos pensando a cidade através de uma nova experiência e vivência de pessoas que nunca tiveram voz. E que hoje tem se constituído como novos agentes do saber, pessoas que fizeram parte dos processos e que viveram as políticas, que na maioria das vezes foram feitas de forma verticalizada e autoritária, que foram personagens de várias tramas contadas e que hoje ocupam um novo lugar de fala. Precisamos resgatar a visão daqueles que, dentro de uma classificação perversa de uma relação de dominação, estão situados na esfera dos dominados. Como diria Gayatri Spivak, precisamos dar voz aos subalternos.

CAP 1. UMA CRUZADA PELOS DIREITOS DOS MORADORES DE FAVELAS NO RIO DE JANEIRO DOS ANOS 1950.

O escopo de nossa análise tem como data inicial a década de 1950, mais precisamente o ano de 1955, quando foi criada a associação católica Cruzada São Sebastião. Apresentada durante o XXXVII Congresso Eucarístico Internacional, organizado por Dom Hélder Câmara, seu criador, no Rio de Janeiro naquele mesmo ano, a Cruzada São Sebastião visava urbanizar todas as favelas do Distrito Federal até o seu quarto centenário, em 1965. Para tanto, tinha como objetivos outras tantas ações, além daquela principal, que era a construção de conjuntos habitacionais em terrenos contíguos às favelas a serem, então, extintas com a mudança de seus moradores para os prédios de apartamentos. Entre essas ações, o acolhimento de imigrantes em alojamentos construídos nas áreas periféricas de entrada na então capital federal; o Mercado São Sebastião, na Avenida Brasil; e o Banco da Providência como demonstraram, Simões (2008) e Slob (2002). Todas essas iniciativas que deveriam ser capazes de orquestrar o financiamento de um projeto tão ambicioso.

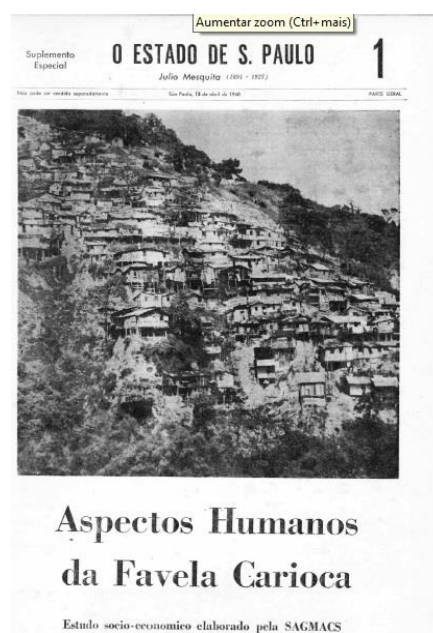
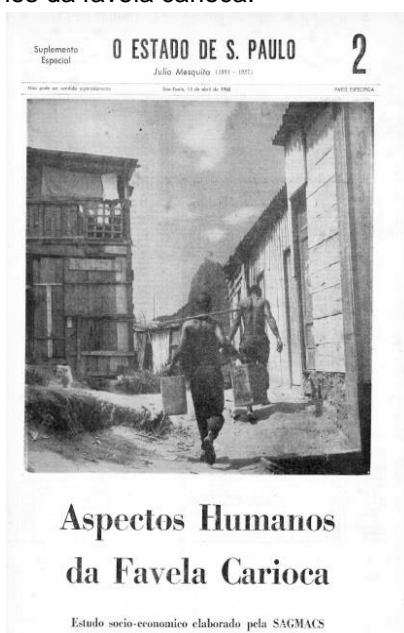
A Associação Cruzada São Sebastião merece destaque, pois é por meio dela que futuramente será construído o campo empírico deste trabalho, o Conjunto Habitacional Cruzada São Sebastião, pensado e idealizado pela Associação de mesmo nome do conjunto inaugurado em 1957.

O grande idealizador da Cruzada São Sebastião foi Dom Hélder Câmara, então Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro e um grande personagem da corrente progressista da Igreja Católica brasileira, corrente esta preocupada com a promoção da justiça social e com iniciativas que já sugeriam um horizonte de reforma urbana, naquele período em que se discutia a extinção das favelas, mas, sobretudo, aquelas localizadas na Zona Sul do Rio de Janeiro. Dom Hélder acreditava que uma das funções da Igreja, além da questão espiritual, era assegurar uma vida digna àqueles necessitados. Ou seja, seus ideais estavam voltados para a questão da pobreza no mundo e quais os seus impactos nos países chamados de Terceiro Mundo.

Vários clérigos progressistas discutiam os problemas do capitalismo, nesse momento, propondo ações concretas, articuladas com governos locais, para a solução de problemas urbanos em vários lugares do mundo. No Brasil, além de Dom Hélder Câmara, tivemos o dominicano francês Joseph-Louis LEBRET, redator da

Encíclica *Populorum Progressio* (1967), o dominicano ficou conhecido mundialmente pela sua sensibilidade para com as questões sociais, como o combate à fome e à pobreza nos países periféricos e a formulação de uma crítica ao conceito de “desenvolvimento”. Lebret também acompanhou os trabalhos da Cruzada São Sebastião, especialmente através de pesquisa sobre o conjunto habitacional homônimo, construído no Leblon, a partir de 1955 e inaugurado em 1957. Lebret, partilhava da ideia de que a ação social deveria existir concomitantemente com a pesquisa científica, por isso foi fundador de centros de pesquisas que estudavam a questão do desenvolvimento social, como o *Instituto Internacional de Pesquisa e de Formação, Educação e Desenvolvimento*, e fundador de movimentos católicos como o *Economia e Humanismo*, criados na década de 40. Seus trabalhos se espalharam por muitos países como Colômbia, Senegal, Vietnã e Brasil.¹

Imagem 1 e 2 - Capa relatório - Aspectos Humanos da favela carioca.



Fonte: Favelas Cariocas Ontem e Hoje (2012)

1 No Brasil, Padre Lebret realizou um dos primeiros estudos sobre favelas do até então Distrito Federal (RJ), curiosamente publicado por um jornal paulista, o relatório *Aspectos Humanos da favela carioca* – produzido pela SAGMACS, importante relatório sobre a vida cotidiana dos moradores nas favelas, entre elas a favela da Praia do Pinto. O relatório é pioneiro por ser um dos primeiros relatórios de favelas que rompe com a noção da favela com um elemento unitário (com o termo favela no singular) trazendo o reconhecimento desta como um elemento heterogêneo. O relatório encontra-se dividido em duas partes: a primeira parte consiste numa parte geral, que aborda questões gerais sobre as favelas, como: fatores socioeconômicos, análise demográfica, características gerais e origem das favelas. A segunda parte é subdividida em três grandes temas: Família, educação e delinquência nas favelas, Os processos da demagogia na favela, e a Urbanização do Distrito Federal e sua repercussão sobre o problema das favelas.

Imbuído por esses ideais progressistas, Dom Hélder Câmara cria a Cruzada São Sebastião “a fim de dar moradia humana, decente e higiênica, à inúmeras famílias, quem vêm vivendo à margem da sociedade, sem nenhum conforto, sem higiene, na mais triste promiscuidade” – “Miséria física e moral”. (Jornal A Cruz, 1959, p.1).

A questão da integração da favela à cidade também é referenciada como um dos objetivos da Associação Cruzada São Sebastião. Para tanto, “era preciso a sociedade ir a eles, para que eles pudessem integrar-se nela. Esse o grande serviço a que se propunha a Igreja. Ela o havia planejado e nada a deteria” (Dom Hélder - Jornal A Cruz, 1959, p.1)

A iniciativa da Igreja Católica em trabalhar a favor dos pobres e das favelas está relacionada a alguns fatores derivados da construção da questão da favela como um problema social que, segundo alguns autores, começou a se difundir como tal sobretudo com o Código de Obras de 1937, quando finalmente a “favela” tornou-se objeto de um texto jurídico e as melhorias realizadas nessas localidades passaram a ser proibidas.² Também havia o temor de que nesses espaços pudesse se desenvolver ideais comunistas, uma vez que essa população de trabalhadores precarizados – e, no mais das vezes, destituídos de direitos – era também olhada como um público capaz de “fazer a revolução”.

Frente a este panorama ainda podemos acrescentar um fator, a tímida atuação do poder público para resolver “o problema favela”. Já que as ações governamentais deixavam entrever que a maior preocupação era em impedir o crescimento das favelas ou mesmo extingui-las da paisagem urbana, em vez de pensá-las como sendo sua parte, como resultado de um urbanismo que se fizesse presente pelo próprio desenvolvimento da cidade.³

Uma vez que o poder público pensava a favela de forma isolada, tal como mostrara a própria equipe de pesquisadores da SAGMACS⁴, se mostrou difícil achar uma solução adequada ao que se tinha por “problema social”. Assim, outros atores entraram em cena para tentar resolver a problemática. Porém, pensando a favela de forma diferenciada, partindo do princípio de que seus habitantes eram parte da cidade, eram *com a cidade* e precisavam ser vistos como tal. Era preciso, portanto,

2 Ver Valladares, 2000, 2005; e Gonçalves, 2010

3 Ver Silva, 2012

4 V. capítulo sobre urbanismo.

fazer os ajustes políticos e sociais necessários para que os habitantes das favelas deixassem de ser perseguidos como corja e que tivessem garantidas condições dignas de moradia e de serviços de saúde e educação. Eis a preocupação da Cruzada São Sebastião, ao projetar o seu primeiro e único conjunto integralmente construído, conjugando moradia, educação e serviço social, com a construção, de prédios de apartamentos, uma escola e uma igreja.

A Igreja Católica entra em cena, assim, com o seguinte lema: “Urbanização, Humanização e Cristianização” dos favelados, o que, segundo Slob (2002), podia ser entendido como: “Uma ação educativa de humanização e cristianização no sentido comunitário, partindo da urbanização como condição mínima de vivência humana e elevação moral, intelectual, social e econômica.” (SLOB, 2002, p.27).

Segundo o Jornal A Cruz (1956) a Igreja Católica não se colocava como “rival” do Estado no “combate” ao “problema” favela, e sim como parceira. Apesar de terem perspectivas diferenciadas sobre a favela e como deveria ser o possível “tratamento” para que esta questão pudesse ser resolvida⁵, Dom Hélder Câmara usava todo o seu capital político para que a Cruzada São Sebastião pudesse contar com a parceria do Governo Federal e do Distrito Federal e que, ao fazê-lo, não estivessem todos assumindo um possível fracasso frente a questão da urbanização, mas sim somando forças para a construção de novas parcerias:

Os órgãos oficiais estão muito mais sujeitos à quebra de continuidade administrativa e à impossibilidade prática de trabalhar, pelo emperramento da máquina burocrática; a iniciativa privada inspira confiança e obtém colaboração como não ocorre à iniciativa oficial. (A Cruz, 1956, p.1)

Tal parceria revelou-se determinante para a execução do projeto, sobretudo quando analisamos o financiamento obtido para a construção do Conjunto Habitacional Bairro São Sebastião do Leblon – hoje comumente conhecido como “Cruzada” - que contou com 50 milhões de cruzeiros doados pelo Governo Federal, então sob o mandato do presidente Café Filho, e por 70 milhões arrecadados em doações de entes privados⁶.

3.1 A escolha da Favela da Praia do Pinto.

5 Ver SILVA, T, 2012.

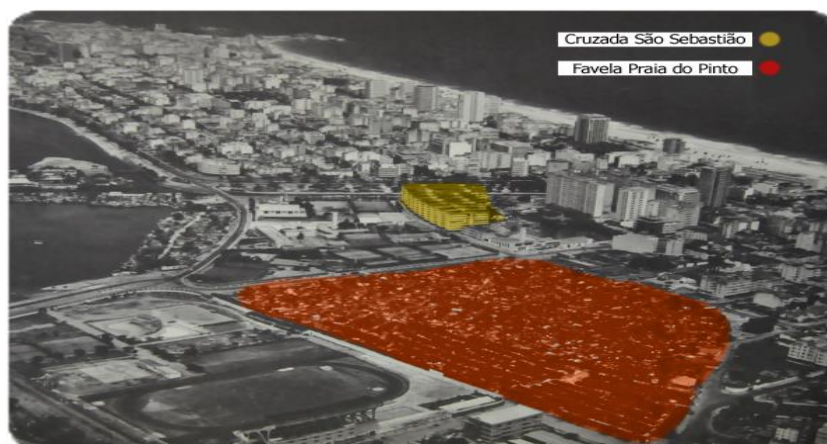
6 Reportagem do Jornal do Brasil, 28/03/1960.

A Favela da Praia do Pinto, no Leblon, ficava às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, à beira do canal do Jardim de Alah, próxima ao mar. De todas as favelas próximas à lagoa, a Praia do Pinto era uma das mais precárias, com muitos casebres construídos com madeiras encontradas nas enchentes e ressacas e com teto ajeitado com folha de zinco. Com habitações construídas sobre areia e terra, não raro a favela tornava-se um imenso lamaçal até hoje lembrado pelos seus ex-moradores.

A Praia do Pinto foi, assim, a primeira favela escolhida por Dom Hélder Câmara para ser atendida pelos trabalhos da Cruzada São Sebastião. Dela saíram os moradores do Bairro São Sebastião do Leblon, conjunto que começou a ser construído em terreno contíguo, logo após o final do XXXVII Congresso Eucarístico Internacional. Moradores da favela vizinha Ilha das Dragas também puderam beneficiar-se das obras, adquirindo apartamentos no conjunto da Cruzada São Sebastião. Segundo muitas narrativas contadas por moradores da Cruzada, a Praia do Pinto teria começado a ser construída em 1910. Seus primeiros moradores eram operários que trabalhavam nas obras do Jockey Clube e pescadores da região. O bairro do Leblon já existia administrativamente, mas era, em grande parte, um imenso areal sobre o qual distribuíam-se algumas casas dispersas.

Com o passar dos anos, a Praia do Pinto só foi crescendo, acolhendo trabalhadores provenientes de cidades do interior do Estado do Rio e mesmo de outros estados. Assim, em seu interior, foram sendo distinguidos lugares que a compunham. A favela foi dividida entre Praia do Meio, Praia do Mar e Favela da Lagoa. Por estar situada entre as imediações da praia do Leblon e da Lagoa Rodrigues de Freitas, seria “local onde os pintos tomavam banho”. Por isso o nome Praia do Pinto.

Imagem 3 - Localização Favela da Praia do Pinto



Fonte: PUC RIO (2002)

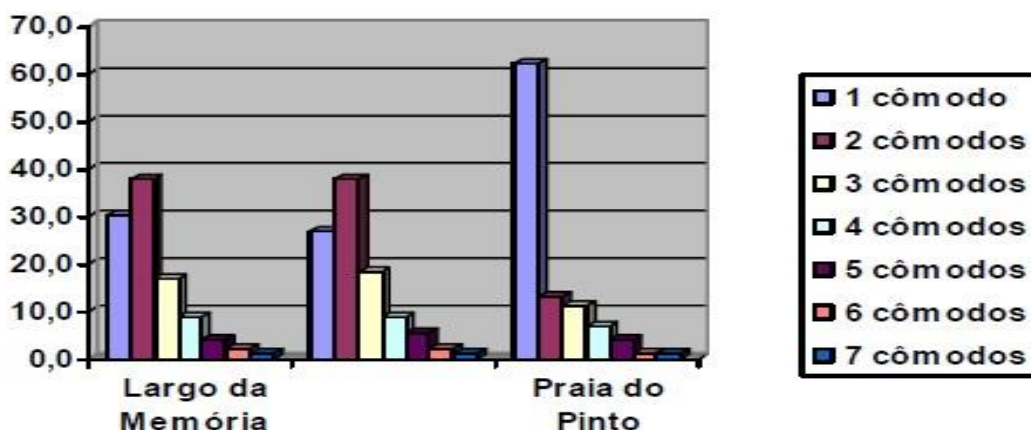
Antes de ser totalmente erradicada, a favela recebeu algumas melhorias com a construção do Centro de Habitação Provisório 2 – CHP2 e também pelo intenso acompanhamento dos moradores realizado pelas assistentes sociais da Fundação Leão XIII.

A Fundação Leão XIII, que já vinha há anos acompanhando cotidianamente a vida dos moradores da Praia do Pinto, possuía um acervo de fichas individuais onde registrava, detalhadamente, o estado de limpeza das casas, o número de ocupantes de cada barraco, os eventuais conflitos domésticos e entre vizinhos e os pedidos para a realização de melhorias nos casebres (que deviam ser aprovados pela instituição). (FREIRE, L; GONÇALVES, R; SIMÕES, S. 2010, p. 110.)

Os barracos da Favela da Praia do Pinto possuíam as seguintes características: a maioria era de um cômodo com telhado de zinco e piso de terra. Com essas averiguações:

Pode-se concluir desses dados que na Praia do Pinto havia muitas construções pequenas, quase todas residenciais, ocupadas por famílias pequenas. Segundo os dados do censo, a taxa de ocupação na favela da Praia do Pinto em 1942 era apenas 2,29. (SLOB, 2002, p.62).

Tabela 1 - Número de cômodos Favela da Praia do Pinto.



Fonte: SLOB (2002)

A localização da favela também era algo estratégico e preocupante para as autoridades locais, já que aquela área encontrava-se em pleno desenvolvimento:

A favela estava situada em um bairro em pleno crescimento, onde a especulação imobiliária crescia a cada dia. O conjunto de favelas alcançou seu auge de crescimento nos anos 30 e 40, por causa da construção do Jockey Clube e do *boom* do mercado de bens imobiliários no Leblon nos anos 20, o qual gerara muitos empregos na construção civil. Além do mais, a extensão da linha de ônibus Jardim-Leblon até a Lagoa Rodrigo de Freitas fez com que os moradores das três favelas pudessem trabalhar em quase todos os lugares da Zona Sul. (SLOB, 2002, p.59).

Nota-se que a presença desses moradores era permitida, pois estes serviam de mão de obra a ser empregada em estabelecimentos da Zona Sul. A vista grossa que se fazia sobre a questão habitacional era “benéfica” também não só para aqueles que habitavam o espaço, mas para aqueles que contavam/ empregavam essa mão de obra.

A Praia do Pinto foi crescendo e desde o seu surgimento, em 1910, até a final a década de 60, já somava em torno de 10 mil habitantes. O crescimento da favela foi visto pela administração pública como um grande problema a ser combatido, o que gerou medidas enérgicas que traziam como alternativa para o problema a remoção das famílias.

A Praia do Pinto, segundo as autoridades à frente da remoção tornava-se e, no correr dos anos, foco de criminalidade e risco para a saúde pública. Cabia então a ação energética do Estado a fim de resolver o problema: O objetivo imediato dessa remoção era o de liberar a área para obras de urbanização e saneamento da Lagoa Rodrigues de Freitas e a construção, no local, de edifícios residenciais, promovendo-se, antes a transferência dos favelados para novas moradias condígnas. (BRUM, 2012, p. 113.)

Uma vez diagnosticada pelas autoridades como um foco de criminalidade e risco para a saúde pública da cidade, o Estado começou a elaborar, a partir de Março de 1969, a remoção da favela:

Começará amanhã o levantamento socioeconômico das 2.752 famílias que residem na favela da Praia do Pinto, como primeiro passo para remoção. Com esse fim, a Secretaria de Serviços Sociais instalou o escritório de coordenação dos trabalhos de transferência, iniciando contatos para os principais líderes de associações da Praia do Pinto [...] A remoção ocorrerá

dentro de 56 dias, a partir do levantamento socioeconômico, sendo os favelados enviados para os conjuntos residenciais Cidade Alta em Cordovil, e Cidade de Deus, em Jacarepaguá, bem como para habitações desocupadas nos parques proletários [...] (Correio da Manhã, 1969, p7).

Iniciado o processo da remoção e a inauguração dos conjuntos habitacionais da Cidade Alta e da Cidade de Deus, os primeiros favelados começaram a ser transferidos, porém alguns ainda resistiam ao processo, até que em 11/05/1969 a favela da Praia do Pinto pega fogo deixando mais de 5.000 desabrigados.

De acordo com reportagem do Jornal do Brasil, 800 barracos foram destruídos e 32 pessoas foram feridas, o fogo iniciou-se às 4 horas da madrugada se estendendo até as 10 horas. “O vento em turbilhão, que a cada minuto mudava de direção, tornaram inúteis os esforços dos bombeiros, sendo grande aliado do fogo.” (Jornal do Brasil, 1969, p.1)

Imagem 4 - Incêndio da Praia do Pinto



Fonte: Jornal o Globo

O fogo, como percebemos na reportagem, se alastrou rapidamente, fazendo com que aqueles que resistiam tivessem que sair do local, já que o incêndio praticamente devastou todos os barracos. Em seu lugar, classificado pelas autoridades como tecnicamente impossível de ser urbanizado, foi construído um conjunto de residencial para classe média, chamado de Selva de Pedra.

Imagem 5 - Conjunto Residencial Selva de Pedra.



Fonte: Thaiane Barbosa (2011)

Até hoje não se sabe ao certo as causas do incêndio na favela da Praia do Pinto. Para muitos o incêndio foi criminoso, e essa hipótese é baseada no fato da valorização da área onde encontrava-se a favela, o que tornou o local objeto de cobiça dos empreendedores imobiliários. Em alguns estudos sobre o tema foi constatado que meses antes da favela pegar fogo, já existia o projeto de construção dos prédios da Selva de Pedra:

Qualquer que fosse a versão, àquela altura parecia que nada mais mudaria o destino do terreno de 105 mil metros quadrados onde a favela resistia, pois dois meses antes do grave acidente o Jornal do Brasil do dia 10 de maio de 1969 publicava o projeto do novo uso designado para a área da Praia do Pinto. O terreno já havia sido loteado por uma cooperativa habitacional e a Superintendência de Urbanização e Saneamento (SURSAN) já anunciava as obras de asfaltamento e construção das redes de esgotos e águas pluviais. Na mesma reportagem, o Chefe da Casa Civil do Estado da Guanabara, Carlos Costa, esclarecia que a remoção de todas as 2.752 famílias residentes na Praia do Pinto, e das 483 famílias residentes do Parque Proletário do Leblon– ou Centro Habitacional Social – CHS-3, situado na margem oeste da favela – para os conjuntos habitacionais Cidade Alta, em Cordovil, e Cidade de Deus, em Jacarepaguá, seria executada em até 40 dias. (SIMÕES, 2008, p. 199)

3.2 Construção do Conjunto Habitacional: a aposta do fim da degradação moral e familiar do favelado, seus agentes e suas ações.

O Bairro São Sebastião do Leblon, como havia sido nomeado o conjunto, foi uma experiência inovadora dentro da construção de moradias populares. Primeiro, porque colocou pessoas de baixa renda morando em áreas que possuem centralidade, onde encontra-se grande parte dos equipamentos e serviços urbanos instalados⁷. Segundo, porque as famílias que vieram da favela da Praia do Pinto permaneceram dentro do bairro do qual estas foram removidas, mudando-se apenas para um terreno contíguo aos terrenos da favela. O que preserva toda a questão dos laços com o lugar.⁸

Outro elemento inovador era a moradia pensada de forma plena, pensava-se além da construção apenas das casas, já que estas deveriam vir acompanhadas de uma infraestrutura maior que apenas quatro paredes e um teto. Com a construção do conjunto habitacional visava-se a:

Transferência de 1.325 famílias para os 10 blocos de apartamentos que deveriam ser construídos conjuntamente de toda uma rede de equipamentos, como, 1 creche, 1 jardim de infância, 1 uma escola primária e artesanal, 1 posto de saúde, 1 centro social, 1 mercadinho e 1 igreja. (Jornal - A Cruz ,1956, p.1)

O terreno de construção da obra foi cedido pela prefeitura de acordo com informações do jornal católico “A Cruz”:

O terreno em que estão feitas as construções sendo da Prefeitura, o regulamento assegurará o direito de habitação, mediante a condições de comportamento a salvaguardar e paga uma pequena taxa de conservação proporcional aos salários recebidos; se um dia o terreno for cedido pela prefeitura, mediante condições a cumprir, haverá, de acôrdo com dispositivos especiais, previsto no Regulamento, possibilidade de adquirir propriedade, com algumas cláusulas resolutivas das quais as mais importantes são: a proibição de um individuo adquirir mais de um apartamento; a exigência de que a venda do apartamento, na hipótese de o proprietário querer realizá-la, só ser possível a ser feita à entidade responsável pelo conjunto. (Jornal - A Cruz,1956, p.1)

Como vimos acima não existia aquisição de propriedade privada pelos moradores do conjunto sendo concedida apenas uma benfeitoria. Uma preocupação

7 Por mais que o Leblon não fosse o que ele representa hoje (bairro elitizado) podemos dizer que já era um bairro que contava com uma certa infraestrutura e serviços.

8 Ver Simões, 2008

da própria administração do conjunto de conservar o seu caráter popular, de habitação social, criando assim medidas que pudessem frear a especulação imobiliária local. A aquisição de propriedade só se faz posteriormente, na década de 80, com então programa “Cada família um lote” do governador do RJ, Leonel Brizola.

As famílias transferidas para o conjunto tinham até quinze anos para quitar seus imóveis que variavam de preço segundo o tamanho. Os apartamentos menores (conjugado) custavam Cr\$ 510 (já com as taxas), os apartamentos de um quarto Cr\$ 770 (idem) e os apartamentos maiores de dois quartos Cr\$ 980 (idem).⁹

Os pré-requisitos para aquisição dos apartamentos misturavam quesitos econômicos e morais como bem constatou Simões (2008): “residir na favela pelo menos 4 anos, ser pobre, ser legalmente constituída ou enquadrada na moral natural e com alguma prole, não possuir membros marginais”. (SIMÕES, 2008, p.176).

O favelado aqui só seria considerado apto a ir para o apartamento após passar por todo um “tratamento moral”, que se dava dentro da favela da Praia do Pinto através da aquisição de comportamentos regidos por leis nas chamadas “Ordem dos Cavaleiros de São Sebastião”, “Ordem feminina das Legionárias de São Jorge” e “Ordem dos pequeninos de São Cosme e Damião”¹⁰, organizações que se prestavam para “civilização” e doutrinação do favelado frente a vida em sociedade.

A política civilizatória não foi algo desenvolvido apenas pela Igreja Católica, ela também foi desenvolvida pelo Estado. Principalmente pelo governo Vargas, através da criação dos Parques Proletários, verdadeiros espaços de aprendizagem civilizatória.¹¹ A criação dos Parques proletários é fruto do Código de obras de 37 que é a primeira referência oficial que se tem a respeito do crescimento e surgimento das favelas. ¹²

As medidas que se tinham pensado até o momento para as favelas eram de erradicação e contenção já que estas eram vistas como um “câncer” pelos planos oficiais, como, o 1º plano Agache e pelo próprio Código de Obras de 37:

9 Dados retirados da reportagem do Jornal do Brasil, 28/03/1960

10 Ver Simões, 2008

11 Ver Valladares, 2005

12 Ver Gonçalves, 2010

O código de obras registra com precisão a situação marginal das favelas: por serem consideradas uma aberração não podem constar no mapa oficial da cidade; por isso, o código propõe sua eliminação, pelo que também tomava proibida a construção de novas moradias, assim como a melhoria das existentes. E para solucionar o problema sugere a construção de habitações proletárias “para serem vendidas a pessoas reconhecidamente pobres”. Da orientação do código surgirá a experiência dos parques proletários, efetivada no início dos anos 40. (1981 apud SILVA; BURGOS, 1999)

Os parques proletários tinham dois objetivos principais. Primeiro, estabelecer uma política habitacional que pudesse auxiliar no processo de erradicação das favelas e, segundo, seguir um viés civilizatório, no sentido de constituir um espaço onde os favelados pudessem ser socializados para o convívio em sociedade. Foi um projeto vertical que parte das autoridades para o povo, devido ao incômodo que o problema favela causava à urbanidade da cidade.

Com a criação dos parques proletários, não se buscava apenas a construção de habitações destinadas a população de baixa renda. Buscava-se também a criação de um “novo homem” que fosse apropriado ao projeto de Estado que se desenvolvia, o projeto nacional desenvolvimentista.¹³ Nesse sentido, habitação ganha um caráter importante, ela ganha novos significados, não sendo mais apenas condição básica para reprodução da força de trabalho, ou grande fator econômico na estratégia de industrialização do país. Ela ganha uma dimensão que corresponde à esfera ideológica, política e moral, que ajudou na construção de um tipo de trabalhador padrão, o empregado com carteira de trabalho, o novo homem.¹⁴ Portanto, este novo homem, deveria ter noções sobre disciplina, trabalho, moral e nacionalidade, o que não era compatível com a vida na favela, já que esses espaços eram percebidos como que constituídos de uma degradação física e moral de seus habitantes.

Um viés sanitarista também se fazia presente dentro do projeto, no sentido que também se tinha como objetivo a resolução das condições de insalubridade que eram característica das habitações que estavam situadas também no centro da cidade. Buscava-se então uma “limpeza” dessas áreas e, ao mesmo tempo, a criação de um impulso à expansão para novas áreas da cidade:

13 Ver Valladares, 2005

14 Ver Bonduki, 1994

[...] A descoberta do problema favela não surge de uma postulação de seus moradores, mas sim do incômodo que causava à urbanidade da cidade, o que explica o sentido do programa de construção dos parques proletários, que tem por finalidade, acima de tudo resolver o problema das condições insalubres das franjas do centro da cidade, além de permitir a conquista de novas áreas para a expansão urbana. (BURGOS, 1999, PÁG. 27)

Assim como a Igreja Católica, o Estado desenvolveu centros de ajuda para os favelados. Era possível ver no projeto do Estado (parques proletários) esse mesmo tipo de assistência à população favelada. Os parques proletários contavam com centros sociais, vários grupos de assistência social, religiosa, alimentar...etc.

A questão do controle e do higienismo social são elementos marcantes tanto na perspectiva da Igreja Católica quanto do Estado. As populações de baixa renda que habitavam as favelas foram tuteladas através de ações que se pautavam nesses princípios. Demonstrando que o favelado precisava ser civilizado para poder ser “inserido” na sociedade, através de novos modelos de reeducação e readaptação social.

Essas políticas de recuperação dos favelados apontam para um fracasso se levarmos em consideração que muitos dos espaços onde existiam tais políticas, acabou ocorrendo novos processos do que é chamado de “favelização”, o que de certa forma aponta para ineficiência, seja da Igreja ou do Estado, no seu projeto civilizatório. Não podendo ser entendida a forma de organização desses espaço (além de aspectos comportamentais de seus moradores) como um reflexo de uma suposta selvageria anti-civilizatória.

3.3 A História da Cruzada São Sebastião e de seus fundadores pela voz de alguns moradores.

Dom Hélder foi injustiçado por alguns capitalistas aqui da região, o Leblon é um dos bairros mais valorizados da região, até mais valorizado do Brasil e colocaram pessoas para morar aqui que eles não se sentem bem. Por isso que Dom Hélder queria pegar o pessoal das favelas e construir mais apartamentos. Essa contribuição que a gente pagava era exatamente pra ele voltar a construir em outros lugares, ele foi tachado de comunista, foi perseguido pela polícia do Lacerda e ele acabou expulso do Rio de Janeiro. Manoel, 80 anos, morador da Cruzada São Sebastião.

Obrigado reverendo
Deus lá do céu está vendo
A nossa gratidão
Acabou meu sofrimento
Você fez apartamentos
Em lugar de barracão

Na favela diz bem alto
Quem traz o morro no asfalto
Tem o nosso coração
Ai, ai só vendo reverendo, só vendo
Quanta alegria
Ai, ai só vendo reverendo, só vendo
O olhar de Maria.

Música cantada pelos moradores em despedida de Dom Hélder Câmara do Rio de Janeiro. Autoria desconhecida.¹⁵

Em quase todos os trabalhos que li para confeccionar esta dissertação sobre a Cruzada São Sebastião a produção da narrativa histórica do conjunto esteve presente. Porém, na tentativa de enriquecer ainda mais essa narrativa, decidi coletar algumas falas de moradores que fizeram parte da fundação do conjunto, os moradores que no trabalho de Simões (2008) são chamados de “moradores de Raiz”¹⁶.

Esse capítulo de apresentação de um pedaço da história da vida de alguns moradores foi construído em minha última visita ao campo, curiosamente, um ano depois da minha mudança da Cruzada São Sebastião. A ideia era chegar ao campo depois de um ano para ver como estavam as coisas, e principalmente aproveitar essa visita para ajudar uma amiga jornalista a escrever uma matéria a respeito da Cruzada São Sebastião.

Inicialmente não tínhamos um roteiro de entrevistas preestabelecido. Tínhamos alguns personagens em mente, porém a ideia era tentar diversificar os atores, procurar pessoas que até então não tinham dado nenhum tipo de depoimento, seja para esta dissertação ou para veículos de comunicação. Tentando seguir esta primeira delimitação, encontrei Juliana (a repórter) na recém inaugurada estação do Jardim de Alah, que fica bem próxima à saída dos fundos do Shopping Leblon.

Chegamos ao local por volta das 14h. Já havia comentado com Juliana a respeito da proximidade física entre Shopping Leblon e Cruzada São Sebastião, e da vista panorâmica do shopping que revela uma bela vista do campo estudado. Em busca dessa vista, seguimos para o shopping. Quando chegamos no quarto piso do shopping pudemos ver que não éramos as únicas a apreciar a vista da Cruzada São Sebastião. Com a câmera em punho, não pude deixar de fazer o registro.

15 Ver Simões, 2008

16 Ou seus descendentes como no caso da entrevistada Shirley.

Imagem 6 - O observador do shopping



Fonte: Thaiane Barbosa (2016).

Juliana ficou abismada com a localização da Cruzada São Sebastião, um conjunto habitacional que fica entre a Lagoa e Ipanema, três quadras da praia do Leblon. Almoçamos e seguimos ao encontro do motivo central da nossa ida ao Leblon, “explorar” a Cruzada São Sebastião.

Quando chegamos à rua Padre Bruno Trombeta (a “rua da Cruzada”) percorri com Juliana a calçada dos 10 blocos do conjunto. Feita as primeiras observações a respeito do ambiente físico começamos a subir em alguns blocos para que eu pudesse registrar com a câmera fotográfica alguma coisa que nos chamasse atenção. No desenrolar dos cliques, encontramos nas escadas do bloco 3 a nossa, primeira personagem, uma senhora chamada Shirley.

Muito simpática, Shirley nos cumprimentou, o que deu abertura para que pudéssemos convidá-la para uma entrevista. Explicamos que nosso intuito era fazer uma reportagem sobre a história da fundação da Cruzada e ela topou nos ceder alguns minutos. Shirley nos conduziu ao seu apartamento, no qual vivia com sua filha e seus netos. Quando chegamos ao apartamento, tínhamos cerca de 7 pessoas, a maioria crianças.

Imagem 7 – Shirley, 58 anos, com seus netos em seu apartamento no 4 bloco.



Fonte: Thaiane Barbosa - (2016).

Começamos a entrevista perguntando a Shirley sobre sua opinião a respeito da criação do conjunto. Ela responde:

O que Dom Hélder fez em benefício a nós próprios, foi nos dar uma moradia decente, com água potável, luz. Só esqueceu do elevador. Esqueceu que a terceira idade ia envelhecer. Mas eu não tenho nada que reclamar. Ele fez uma boa ação, construiu a igreja, a escola e deu um patamar de vida pra gente diferente. Eu como moradora do bairro eu agradeço o que ele fez por mim.

Shirley veio muito pequena da favela da Praia do Pinto com seus pais e conta como estes conseguiram o apartamento onde mora até os dias de hoje:

Inclusive essa casa aqui foi dada através do casamento dos meus pais. Quando ele saiu do casamento ele foi abençoado com a chave do apartamento. Foi assim que todos os moradores da antiga que eu me lembro saía da igreja e já ganhava seu próprio apartamento para morar [...] Porque ele [Dom Hélder] não aguentava ver a pobreza do pessoal lá na Praia do Pinto, de fazer o “número dois” dentro da lata, defecar no saco e jogar (pombo de água)¹⁷, ele passou e viu isso e fez, deu isso aqui pra nós. E de antemão eu agradeço o que ele fez pelo povo daqui da Cruzada São Sebastião.

17 Saco com xixi.

Os depoimentos de Shirley ilustram as condições precaríssimas de vida existentes no antigo domicílio daqueles moradores que vieram da favela da Praia do Pinto e as dificuldades que estes encontravam no dia a dia, principalmente em relação às condições de acesso à serviços básicos, como saneamento e água. O que revela também o descaso com a questão das favelas por parte das autoridades locais, descritos na primeira parte desta dissertação.

Depois dessa breve conversa nos despedimos de Shirley e partimos em busca de outras pessoas que pudessem dividir suas histórias conosco. Quando estávamos saindo da casa de Shirley está nos indicou procurarmos um senhor chamado Manoel. Porém antes de irmos ao encontro de Manoel, fomos procurar um nome conhecido dentro da Cruzada São Sebastião: Joel.

Joel, de acordo com trabalho de Simões (2008) é um dos guardiões da memória do local. Ex- presidente da Associação de moradores da Cruzada São Sebastião (AMORABASE) é uma pessoa muito influente dentro da Cruzada. Nos dirigimos, então, novamente à entrada dos blocos. Não sabíamos onde Joel morava, mas por se tratar de uma pessoa muito conhecida no local não tivemos dificuldades para descobrir. Começamos a perguntar embaixo dos blocos onde morava o Joel e rapidamente obtivemos a resposta: Bloco 4, apartamento 506.

Quando chegamos ao endereço descrito, encontramos Joel com a porta aberta sentado em seu sofá. Batemos à porta para chamar sua atenção e nos apresentamos. Falamos da reportagem e da dissertação e ele topou nos receber. Porém, não naquele momento, pois precisava resolver algumas coisas no comércio do bairro. Mas Joel nos indicou pessoas que pudessem nos receber, pessoas que, assim como ele eram guardiãs das memórias locais; Manoel (sexto bloco, já indicado por Shirley) e Dona Maria (nono bloco). Como estávamos no quinto bloco, partimos ao encontro de Manoel.

Chegando ao portão do apartamento de Manoel, fomos recebidas por sua filha e, explicamos do que se tratava. Logo um senhor de baixa estatura e sorridente apareceu na porta para nos receber.

Imagem 8 - Manoel, 84 anos, Morador da Cruzada São Sebastião na porta de seu apartamento.



Fonte: Thaiane Barbosa - (2016)

Manoel foi morador da favela da Praia do Pinto, dono de uma memória espetacular (de citar inclusive data dos acontecimentos) nos recebeu em sua sala naquela tarde ensolarada de sábado. Abriu a entrevista nos contando um pouco como era a sua vida na favela da Praia do Pinto:

Morei na favela uns três anos depois fui para o nordeste, voltei e continuei morando na favela. Eu morava com meu primo, a mulher dele e a filha dela. Em 1955 eu voltei e cheguei aqui no mês de Julho e no mês de agosto de 1955 teve um congresso eucarístico no Aterro do Flamengo. Foi o primeiro congresso que teve aqui, um dos cardeais que veio para o congresso viu a favela da Praia do Pinto, entre outras favelas, em torno de 130 favelas, e esse cardeal em jantar que teve com Dom Hélder, comentou 'o Brasil teve condições de fazer uma festa tão bonita e não tem condição de acabar com essas favelas'. Dom Hélder tomou isso como um puxão de orelha. E ainda em 1955 ele [Dom Hélder] fez uma missa aqui na Antero de Quental no Leblon [nessa missa eu estava presente] , com aquela voz mansa que ele tinha, muito simpático, estava pedindo a colaboração das pessoas para iniciar as obras aqui. Ele já tinha conversado com Café Filho, que era na época o presidente da república. No dia 14 de Agosto de 1955, depois dessa missa, as obras já haviam sido iniciadas e os três primeiros blocos já estavam em andamento.

Realizado em julho de 1955, o 36º Congresso Eucarístico trouxe para o Rio de Janeiro não apenas o Papa Pio XII, mas também milhares de fiéis, vindos de

todas as partes do mundo. Para a realização do evento, o Congresso Nacional abriu crédito de Cr\$ 14 milhões. Além disso, foram realizadas grandes obras como a ampliação da adutora do Guandu e parte do aterramento do Flamengo. No aterramento, entre a Rua Santa Luzia e o Passeio Público, foi construído, a Praça do Congresso, onde, em confessionários improvisados, os fiéis de todo mundo podiam se confessar.¹⁸

Imagem 9 - Multidão de fiéis no aterro do Flamengo para realização do 36° Congresso Eucarístico.



Fonte: Autor desconhecido.

Manoel descreve também em memória o primeiro incêndio (1956) ocorrido na favela da Praia do Pinto:

Quando nos despertamos já estava no nosso barraco, o que eu tinha, perdi tudo. Só fiquei com a roupa do corpo. Foi o primeiro incêndio que teve. Segundo dizem, naquele tempo não tinha fogão a gás, era um fogareiro com um negócio do lado que eles chamavam de bujão, colocava a querosene e ali funcionava com aquele fogo amarelo, dizem que aquilo estourou e pegou fogo, era de madeira os barracos, ninguém segurou. E aí nós perdemos tudo. Nós ficamos duas semanas na casa do vizinho dormindo no chão. Foi aí que as assistentes sociais, Clarice e Irmã Eny fizeram um levantamento das famílias para a mudança para os apartamentos.

Segundo Manoel, a ocupação das novas moradias foi realizada gradativamente:

¹⁸ Reportagem Jornal O globo: “Em 1955, 36° Congresso Eucarístico fez do Rio a capital mundial do catolicismo.

Habitou o primeiro, segundo, terceiro e quarto até o quinto. E as mudanças sempre começavam de cima para baixo.

Manoel só foi se mudar para Cruzada São Sebastião depois que se casou, conseguiu um apartamento quarto e sala onde moravam ele a esposa e a sogra:

Morava aqui no segundo bloco, quando eu casei com ela eu queria mudar pra outro lugar, mas ela não quis se separar da mãe. Foi até bom porque eu ia me mudar da Cruzada naquela época não seria bom porque era tudo muito longe. Ai eu coloquei uma cortina no meio do apartamento, dividindo, ai o casal ficava de um lado e a mãe do outro. Eu trabalhei na Cruzada para trocar por esse apartamento que estou hoje (quinto bloco). Eu paguei a diferença à Igreja e troquei, esse apartamento aqui no quinto bloco correspondia a 12% do salário-mínimo na época, e era um total de 180 contribuições a serem pagas.

A Cruzada São Sebastião chegou a ter um escritório dentro do conjunto para administrar os imóveis, como conta Manoel:

Quando chegou o escritório da Cruzada era no sexto bloco, em todo o primeiro andar e depois foi para o oitavo bloco.

Manoel chegou a exercer algumas funções que ajudavam a Igreja Católica na organização dos blocos, assim como na própria resolução dos problemas cotidianos dos moradores que também eram resolvidos pela instituição, foi conselheiro e depois síndico de seu bloco. Quando questionado sobre as funções dos conselheiros Manoel explica:

Esses conselheiros conversavam com os moradores, colaborando com as assistentes sociais, trabalhavam sempre junto com elas, buscando saber a necessidade de cada pessoa. Nós morávamos no mesmo prédio, às vezes no mesmo andar, tinha mais intimidade e mais proximidade do que as assistentes, por isso que o nosso trabalho era em cooperação. Em cada andar tinha um conselheiro e um dos conselheiros era eleito por todos os moradores como presidente do prédio, síndico. Eu fiquei durante quinze anos fazendo parte desse conselho de moradores.

Ele também relata um dos objetivos da Igreja com a transferência dos favelados para os apartamentos, visando possibilitar que estes permanecem próximos do seu local de trabalho¹⁹:

Dom Hélder quando construiu isso aqui sempre falava 'precisa de uma empregada doméstica e mora da Delfim Moreira, mora na Vieira Souto, tem

19 Modelo de gestão organizado pela própria Associação Cruzada São Sebastião.

na Cruzada São Sebastião, não precisa pegar condução para chegar no trabalho. Tá ali a costureira, tá ali o pedreiro, o electricista, o pintor. Ele queria colocar as pessoas especializadas no trabalho perto do emprego.

O processo de transferência (remoção) das famílias que ainda residiam na favela da Praia do Pinto após a construção da Cruzada São Sebastião também foi lembrada:

O Carlos Lacerda criou a Vila Kennedy em Bangu, a três ou quatro quilômetros do trem, não passava ônibus nem nada ali. E o pessoal que estava no restante da favela aqui, Catacumba, ali na Lagoa, Marquês de São Vicente, ele levou quase tudo pra lá. Só quando ele saiu que entrou o Negrão de Lima foi que construiu a Cidade Alta em Cordovil e a Cidade de Deus em Jacarepaguá.

Seguindo a nossa jornada pela Cruzada São Sebastião, saímos em busca de Dona Maria. Sabíamos que Dona Maria morava no nono bloco, pois esta foi um dos personagens principais apresentados na tese de Simões (2008). Por isso, não perdemos tempo para achá-la. Quando chegamos ao nono bloco e paramos em frente ao seu portão fomos recebidas também por sua filha, como ocorreu com Manoel, porém desta vez não tivemos tanta sorte. Esta nos informou que Dona Maria estava ocupada e que não poderia nos receber naquele dia. Agradecemos e partimos finalmente para o fim da nossa jornada, o encontro de Joel.

Imagem 10 - Joel, 64 anos, morador da Cruzada São Sebastião em seu apartamento.



Fonte: Thaiane Barbosa (2016).

Chegando novamente ao quinto bloco entramos em seu apartamento e iniciamos a nossa conversa. Pedimos que Joel apresentasse o que viria a ser a Cruzada São Sebastião e nos contasse um pouco sobre sua criação:

Hoje a Cruzada é o fruto de um trabalho social, inclusive da igreja católica, de Dom Hélder Câmara. Um conjunto habitacional. Na verdade em um espaço que tinha, ali era a favela da Praia do Pinto, onde nós morávamos em barracos de madeira, palafitas, aonde não tinha saneamento básico, se tinha dificuldade de acesso à água, na saúde [...] nós tínhamos muita precariedade. E o que aconteceu, Dom Hélder Câmara estava na época como arcebispo do Rio de Janeiro e na igreja aqui da Praia do Pinto, tinha uma capelinha bem perto da favela, aonde é hoje a 14ª delegacia. E o Dom Hélder fazia um trabalho social de visitação e de levantamento de um censo, por ele ser igreja, porque isso é um dos mandamentos, atender o pobre, os necessitados e ele fazia isso na boa. Até porque ele também não era só padre como também era político. Ele fez o levantamento, havia uma fundação que tinha uma equipe de pessoas que eram todas voltadas para o social, psicólogos, assistentes sociais, entre outros. Depois desse levantamento ele quis tirar o pessoal da favela da Praia do Pinto que estava em situação de risco, ele fez o apelo ao Estado e algumas instituições para conseguir dinheiro para construir os prédios. A Marinha cedeu o terreno. Eu e minha família fomos abençoados com um apartamento daquele.

Joel também nos conta como foi essa experiência da saída do antigo apartamento e como isso marcou a sua memória e sua vida:

A construção começou em 1955, Dom Hélder sabia que a cidade do Rio de Janeiro tinha muitas favelas e a Favela da Praia do Pinto era uma dessas favelas. E houve uma cruzada eucarística no aterro em 1955 e nessa eucarística [Congresso Eucarístico] a igreja se despertou para fazer alguma coisa em relação às favelas da cidade do Rio de Janeiro. Até porque a igreja tem um poder, tem uma força. E aí começaram as obras. Eu só me lembro que com cinco anos eu saí de dentro de um barraco, aonde o vento batia, o telhado saía, o vento entrava pelas gretas da parede, onde tinha enchente, muitas coisas, uma dificuldade tremenda. Em 1957 fomos remanejados. Aí você pergunta 'Qual foi o impacto'? O impacto foi que nós ficamos como quem sonha, a gente sonhava com isso, foi uma alegria total.

O pastor também relata a perseguição sofrida por Dom Hélder durante o período do regime militar e conta como foi a despedida dele no Rio de Janeiro;

Nós fomos ao aeroporto na despedida dele. Nessa despedida o povo da Cruzada criou um samba em sua homenagem chamado 'Obrigada reverendo'. No aeroporto tinha bastante gente. Lembro dele dando adeus com lençinho na mão na janela do avião e o povo chorando, porque na verdade ele foi um libertador, a gente vivia em cativeiro, uma situação tremenda. E esse Dom Hélder foi o nosso Moisés.

Os depoimentos coletados servem não só para criar o registro da memória coletiva de um período da história da Cruzada São Sebastião e da sua antecessora Favela da Praia do Pinto, como registrar um projeto audacioso pensado pela Igreja Católica no Brasil realizado por Dom Hélder Câmara, que de acordo com os testemunhos, mudou a vida de milhares de pessoas, que buscavam uma vida digna e salubre no caos que viviam na cidade que mundialmente era conhecida como cidade maravilhosa.

CAP 2 - CRUZADA SÃO SEBASTIÃO: PROXIMIDADE FÍSICA E DISTÂNCIA SOCIAL E AS SUAS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES.

Longe de levar a uma aproximação das condições de vida e a uma homogeneização dos diferentes grupos, a instalação das novas "cités" funciona como uma espécie de revelador do potencial econômico dos diferentes grupos, e reforça as diferenças básicas resultantes das condições de formação da população, produzindo assim uma divisão muito clara entre os grupos que incorporam completamente as potencialidades da sua situação e acessam a condição pequeno-burguesa, e os outros que permanecem na condição popular. (CHAMBODERON E LEMAIRE, 2015, p. 133)

Os conjuntos habitacionais vêm sendo tema de reflexão em vários lugares do mundo. Na França, a partir de 1950, quando passaram a ser construídos os grandes conjuntos destinados à *Habitation à Location Modéré* (HLM), estes simbolizavam a modernização do modo de morar para as classes menos favorecidas em uma França que começava a receber milhares de famílias provenientes do Magrebe. Os grandes conjuntos HLM foram o modelo implementado para a "integração" que se planejava ter dessa população migrante à sociedade francesa.

Chamboderon e Lemaire (2015) estão entre os pesquisadores pioneiros a chamar atenção sobre as especificidades das morfologias sociais presentes nesses espaços, principalmente pela diversidade populacional que lhe é característica. Além de retratar essa pluralidade presente dentro da vida nos conjuntos habitacionais, os autores retratam especialmente a questão da proximidade física e da distância social. Para Chamboderon e Lemaire (2015) a aproximação e a identificação nas condições de moradias por si só não representam a homogeneização de diferentes grupos, seja em critérios econômicos e/ou sociais.

No Brasil a questão da proximidade física e distância social foi retomada por alguns autores como Ribeiro (2003) no texto "Proximidade territorial e distância social: reflexões sobre o efeito do lugar a partir de um enclave urbano". De acordo com as observações do autor, a cidade do Rio de Janeiro tem em seu cerne um forte sistema de hierarquização em sua organização; "o território da metrópole fluminense se organiza fortemente segundo o sistema de distâncias e posições que inserem os grupos sociais no espaço." (RIBEIRO, 2003, p.1)

Nesse sistema de hierarquização temos as "classes superiores" (detentoras de inúmeros capitais, econômico, social, cultural) que se apropriariam de determinadas zonas de prestígio na cidade, como a Zona Sul, e as classes

populares, que estariam localizadas nas áreas da periferia metropolitana. As camadas médias estariam no que o autor denomina de subúrbios. Diante disso, tal organização é importante para os cientistas sociais na identificação de onde estão localizados esses segmentos e quais seriam os impactos dessa localização.

Como sabemos, este esquema apresentado por Ribeiro (2003) reconhece a existência de defasagens entre a estrutura urbana e a realidade social. Ou seja, essa divisão social da cidade não pode ser vista como algo homogêneo e absoluto, já que temos a presença de territórios populares dentro de espaços que, segundo a ordem hierárquica, seria pertencente às classes superiores.

A Cruzada São Sebastião foi o objeto escolhido pelo autor para pensar a questão da proximidade física e distância social que falamos no início deste capítulo. Seguindo a análise de Chamboderon e Lemaire (2015), o autor evidencia que a proximidade física não resultaria necessariamente em proximidade social. Ribeiro (2003) classifica a Cruzada São Sebastião como um microterritório segregado dentro do bairro em que está inserido (Leblon), onde seus moradores segundo a lógica apresentada em seu estudo não seriam capazes de se apropriar do território do bairro em que vivem simplesmente porque não possuem a chave de acesso aos capitais que ali estão subscritos.

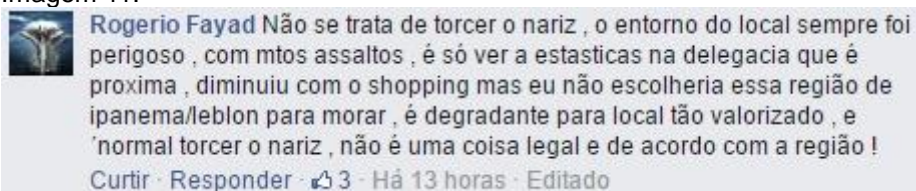
Como vimos, a Cruzada São Sebastião é um conjunto habitacional, destinado a uma população composta de “ex-favelados”, que segundo a lógica mercantil da organização do espaço da cidade, não deveria estar localizada dentro desse território, que “pertenceria” como vimos no texto de Ribeiro (2003), a classe dominante. Por isso, a Cruzada São Sebastião e seus moradores, pagam um alto preço pela sua localização, que não é relativo apenas a esfera apenas do econômico, sendo constante alvo de uma amálgama de preconceitos, estigma e ódio voltados para seus moradores, reconhecidos como aqueles que “não são pertencentes àquele espaço”.

Recentemente, na publicação de uma página do Facebook¹ intitulada “Memórias da Zona Sul”, podemos ter alguns exemplos dessas atribuições negativas por meio de um relato de um episódio ocorrido. Os administradores da página na rede social postaram algumas fotos da Cruzada São Sebastião, o que gerou muita polêmica, principalmente em relação à questão da localização e ao discurso de ódio

1 Entendido aqui como arena pública onde são proferidos diversos discursos.

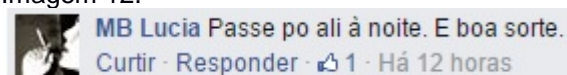
referente ao conjunto. O modelo de hierarquização discutido aqui também aparece no imaginário sobre o local, mediante ao discurso de alguns internautas, que condenam a localização da Cruzada São Sebastião no Bairro do Leblon, justamente por este ser um espaço popular, não “adequado” a um bairro elitizado:

Imagem 11.



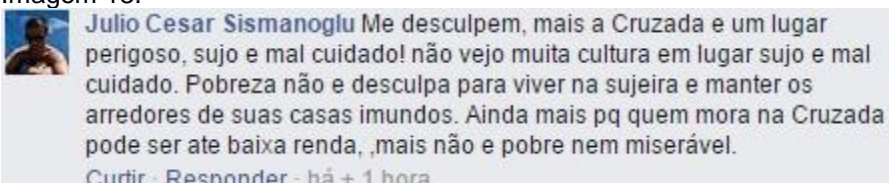
Fonte: Facebook – Página Memórias da Zona Sul, 2015.

Imagem 12.



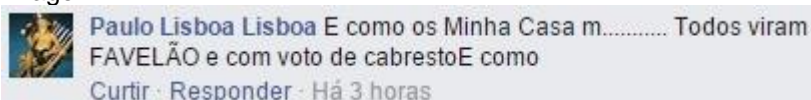
Fonte: Facebook – Página Memórias da Zona Sul, 2015.

Imagem 13.



Fonte: Facebook – Página Memórias da Zona Sul, 2015.

Imagem 14.



Fonte: Facebook – Página Memórias da Zona Sul, 2015.

Imagem 15.





Fonte: Facebook – Página Memórias da Zona Sul, 2015.

Imagem 16.





Fonte: Facebook – Página Memórias da Zona Sul, 2015.

Imagem 17.

 **Luis Junior** Meu caro Rafa, meu sarcasmo é com o metro quadrado mais caro, no Leblon vc anda pela calçada frente à prédios caríssimos e as paredes dos prédios fedem a xixi...palavra de inversor estrangeiro que desistiu de comprar ai
Curtir ·  4 · 15 h



Fonte: Facebook – Página Memórias da Zona Sul, 2015.

Imagem 18

 **Luiz Felipe Oliveira** Esse Rafa Froes é um mané!A pergunta faz muito sentido.Eu morei na área e sei que essa favela vertical abriga grande parte da miséria que assola o Leblon.Um antro de assaltantes e traficantes que deve ser removida do bairro.
Curtir ·  5 · 15 h


Fonte: Facebook – Página Memórias da Zona Sul, 2015.

Imagem 19.

 **Daniel Gama** Zona Sul do Rio é um lixo, considerando o preço que custa. As pessoas se ofendem quando digo isto, mas é verdade. Um lugar que custa tão caro deveria ser impecavelmente limpo, organizado e seguro.
Curtir ·  1 · 12 h


Fonte: Facebook – Página Memórias da Zona Sul, 2015.

Imagem 20.

 **Luis Junior** Obrigado Janira Damasceno, fiz uma simples pergunta ante a imagem óbvia de que isso parecia uma favela e veio todo este ataque massivo, quem sao os preconceituosos? Que obrigação tenho eu de saber o que é a Cruzada de tal? Mania de carioca de achar que o mundo gira em torno de seu umbigo, carnaval, samba e comunidades. Essa bobagem de fazer culto a miséria, do politicamente correto me enjoa, temos que tentar apontar para o progresso, para a estética, o conhecimento e nao ficar passando a mão na cabeça do que está errado e do atraso só porque são coitadinhos
Curtir · 47 min · Editado

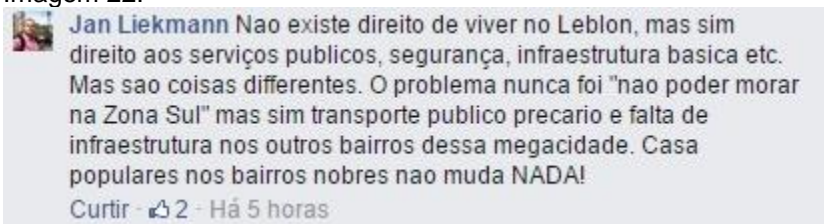
Fonte: Facebook – Página Memórias da Zona Sul, 2015.

Imagem 21.

 **Sergio Nunes** Todos somos condenados a viver dentro das possibilidades econômicas que provêm do patrimônio familiar ou do nossa trabalho honesto. A Cruzada foi um ato de benevolência , mas alguém pagou por tal ato, no caso o governo. Não existe geração espontânea de... [Ver mais](#)
Curtir · Há 6 horas

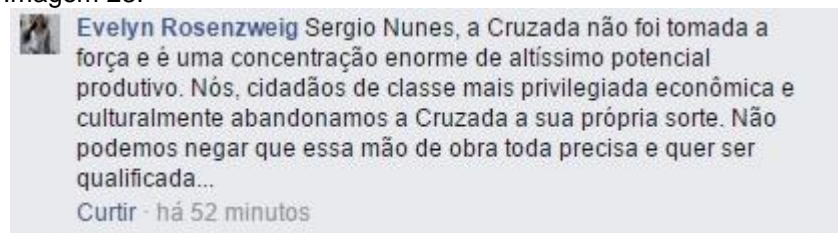
Fonte: Facebook – Página Memórias da Zona Sul, 2015.

Imagem 22.



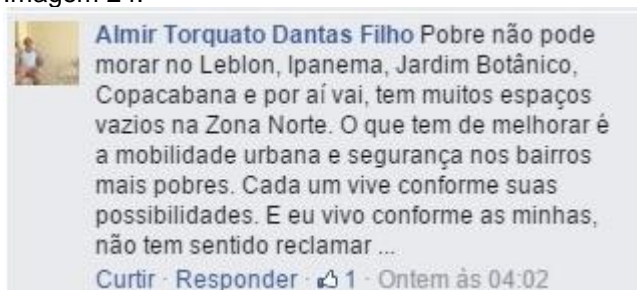
Fonte: Facebook – Página Memórias da Zona Sul, 2015.

Imagem 23.



Fonte: Facebook – Página Memórias da Zona Sul, 2015.

Imagem 24.



Fonte: Facebook – Página Memórias da Zona Sul, 2015.

Essas *posts* mostram as representações estigmatizadas que se têm sobre a Cruzada São Sebastião, descrita como: lugar perigoso, sujo, violento, “antro de marginais”, local que desvaloriza a região, degradado, “favela de cimento armado” (favela usado no sentido depreciativo), desorganizado, projeto concedido como ato de benevolência aos pobres, “local de alto potencial produtivo” – mão de obra barata - para servir aos cidadãos de “classe mais privilegiada”. Há também representações sobre os moradores, classificados como aqueles que “não têm cultura” ou que possuem uma “cultura inferior”, alienados politicamente, que não cumprem suas funções como cidadãos, principalmente em referência ao pagamento de impostos, “parasitas” que vivem às custas dos outros, considerados “cidadãos de bem”.²

² Segundo Simões (2008) – Em 2007, também em uma rede social, o mesmo tema fez moradores do Leblon e da Cruzada se confrontarem na internet.

Essa seleção de depoimentos demarca bem algumas questões que estão diretamente ligadas a essa hierarquização socioespacial, através da noção de que existiria um local “apropriado” para ricos e pobres morarem. Nesses discursos, a classe dominante seria detentora do direito de habitar esses lugares, onde tudo e todos que fogem dessa realidade seria classificado como “fora do lugar” (não pertencente a este espaço), por inúmeros motivos entre os quais; condições econômicas, sociais, comportamentais e culturais. A discriminação pública, contudo, embora não seja objetivada como um problema denotativo de certa “alienação política”, é fortemente presente nas manifestações dos moradores que se auto atribuem o direito exclusivo de moradia na Zona Sul.

A perspectiva apresentada por Ribeiro (2003) é de um Cruzada desintegrada frente ao bairro que encontra-se circunscrita. O autor aposta em uma análise feita de um viés macro, de alguém que olha de fora o espaço descrito, produzindo a representação de um espaço uno, homogêneo. Apostando em uma análise balizada por estatísticas e criação de modelos abstratos de sistemas de hierarquizações.

Outros autores que abordaram o objeto apresentam uma perspectiva diferenciada a respeito dos 10 blocos inseridos em um dos metro quadrados mais caros do Brasil. Simões (2008) em seu trabalho etnográfico sobre a Cruzada: “Cruzada São Sebastião do Leblon: Uma etnografia da moradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto habitacional do Rio de Janeiro” traz a cena a pluralidade existente no conjunto. Seu trabalho de certa forma refuta a ideia de espaço segregado e de “ilha de pobreza” tão utilizado pela mídia em referência ao local.

Segundo a autora a pobreza é um dos grandes fantasmas da Cruzada São Sebastião:

A Pobreza é o fantasma da Cruzada. Esteve em sua origem, alicerçando argumentos para as construções materiais. Institucionalmente é cultivada em momentos rituais, nas políticas sociais e nas manchetes de jornais. O problema que assombra os moradores da Cruzada, como muitos acentuam, é o estigma da pobreza. [...] (SIMÕES, 2008, p.213)

Para Simões (2008) quando olhamos a Cruzada São Sebastião dentro desse ângulo (pela perspectiva da pobreza) automaticamente negamos a heterogeneidade presente no conjunto, seja entre os moradores que ali vivem ou entre esses e os demais moradores do Leblon. “Instala-se o sentimento de usurpação de suas características singulares e de todo o esforço investido cotidianamente na condução de suas vidas pessoais.” (SIMÕES, 2008, p. 213).

Em relação à questão da proximidade física e social, Simões (2008) critica o mito da simetria, já levantada por Chamboderon e Lemaire (2015): “A crença que as condições materiais do habitat podem, por si sós, homogeneizar grupos que eram diferentes antes da instalação no conjunto, perdura.” (pág. 214). Segundo a autora a instalação de diferentes grupos no conjunto deve ser vista como um fator que atua como uma espécie de revelador das diferenças existentes entre aqueles que habitam o local.

Em seu trabalho a Simões (2008) também reafirma a importância de alguns trabalhos que contribuíram de forma sistemática para o rompimento da ideia de favela como *locus* de pobreza e espaço homogeneizado. Como o relatório “Aspectos Humanos da Favela Carioca” (relatório citado no primeiro capítulo deste trabalho). Segundo relatório, essa diversidade de perfis econômicos na favela pode ser vista quando falamos sobre a questão da ascensão social, em que alguns moradores desses espaços conseguem ascender “à condição pequena- burguesa, enquanto outros permanecem na condição anterior” (SIMÕES, 2008, p. 213).

Podemos ver que a proximidade física e a distância social geram uma série de desdobramentos para os grupos coabitantes. No caso dos grupos, classificados como, economicamente desfavorecidos vemos que essa proximidade física pode ser geradora de um sentimento de “inferioridade/ rebaixamento” e conseqüentemente de não encaixe com o local e estilo de vida que sobressai no bairro onde encontra-se situado. Ao mesmo tempo, se reconhecermos a diversidade do perfil de moradores do conjunto habitacional, podemos ver que aqueles que possuem uma condição economicamente mais favorecida conseguem se adequar mais ao estilo de vida classe média do seu entorno.

Nossa intenção com a retomada da análise de tais autores foi mostrar a pluralidade do objeto estudado e como que este já foi referido academicamente. Com a finalidade de enriquecer o debate e reafirmar a importância do levantamento bibliográfico que já foi construído antes da nossa análise. É importante também salientar que as perspectivas apresentadas representam as múltiplas falas e vieses construídos sobre o objeto de estudo, que foram construídas durante períodos distintos por pessoas com trajetórias, formações e histórias de vida diferenciadas, o que resulta em diferentes formas de se representar o que foi estudado.

O trabalho que estamos desenvolvendo mescla um pouco das duas visões apresentadas, porém nossa perspectiva se aproxima mais do que foi descrito por

Simões (2008) já que este trabalho foi feito de “dentro do campo” explorando a vida e as narrativas cotidianas. Porém, não descartamos algumas contribuições apresentadas no trabalho apresentado por Ribeiro (2003), principalmente em relação à criação do esquema de hierarquizações de posições na ocupação das classes no território fluminense.

Entendemos que essa integração existe, mas carrega questões que merecem ser discutidas. A integração nesse sentido não é algo questionável em si, e sim como ela é feita. Diríamos que tal integração poderia ser vista como uma espécie de “integração perversa”, no sentido apresentado em uma das falas que recolhemos na rede social. A Cruzada São Sebastião sendo integrada por meio do mercado de trabalho, mão de obra barata muita das vezes, como ficou evidente na política de reserva de vagas de empregos que o Shopping Leblon, por exemplo, destinava apenas empregos de baixo qualificação, aos moradores do local apresentada na tese de Simões (2008), ignorando a existência de profissionais qualificados no local.

4.1 O que os jornais dizem sobre a Cruzada São Sebastião: Um passeio sobre a opinião pública.

Dentro das Ciências Sociais alguns autores, como Becker (2009) já abordaram o tema da representação, segundo o autor “uma representação da sociedade é algo que alguém nos conta sobre algum aspecto da vida social.” E essas representações podem ser ilustradas, narradas e contadas de diversas formas. Para isso podemos utilizar a literatura, fotografia, teatro, cinema, jornais e até mesmo de alguns métodos conhecidos pelos cientistas sociais, como a etnografia. Nessa parte da dissertação nos apoiaremos na representação midiática, trazendo como instrumento de análise, reportagens extraídas de grandes jornais de circulação. (Décadas de 50, 60 e 70 predominantemente)

Por que o jornal? O jornal é um importante veículo de comunicação, podendo ser um excelente formulador de representações sociais. Pensando nisso, que resolvemos recorrer às reportagens de jornais e mostrar como estes falam sobre a Cruzada São Sebastião. Inicialmente as reportagens que pesquisamos (dentro de um recorte correspondente a década de 50) evocavam o trabalho da Associação Cruzada São Sebastião, mostrando quais eram os seus propósitos e quem eram

seus idealizadores. Os periódicos católicos “A Cruz” e “A Ordem” são os mais recorrentes.

Nessas reportagens, foram evocadas a missão que a Igreja Católica deveria fazer, que era a “erradicação” das favelas do Distrito Federal, mediante a um processo de urbanização dessas áreas. Tais reportagens, marcadas por um *bias* filantrópico relatam a “degradação física e moral” em que os favelados viviam, que segundo está instituição, era um entrave para o desenvolvimento dessas famílias que viviam marginalizadas dentro da sociedade.

Integrá-los não era só dever do Estado, mas era também em certa escala, dever da Igreja. Essa integração viria através do melhoramento não só da vida espiritual, mas também da vida física. Os favelados então só conseguiriam seu desenvolvimento caso houvesse essa comunhão entre melhoramento espiritual e físico.³

A favela era vista segundo a Igreja como um mal, e segundo os jornais da época um “cancro” que deveria ser extirpado, isso fica evidente com a reportagem do Jornal – “A Noite” – que tem a seguinte chamada: “Favela da Praia do Pinto, problema do fim e a grande obra de Dom Hélder Câmara”. Tal reportagem evoca a favela como cancro social que estava com seus dias contados: “Surgirá uma nova era para os atuais moradores da Praia do Pinto em ambiente higiênico e confortável, [...] até que este cancro social seja completamente extirpado da nossa cidade” (Jornal A Noite – 1956, p.2)

A questão da passagem para os apartamentos e melhoramento da vida física e moral como vimos é recorrente na década de 50, especialmente nos jornais católicos, como: A Cruz, A Ordem e a Noite. Outra reportagem também do jornal “A Noite” trás em evidência o uso do seguinte termo “Humanização dos irmãos”, que segundo reportagem consistia em “diminuir a miséria, o desajustamento, a ignorância e o descontentamento que forma o clima próprio à proliferação das ideias comunistas.”

A vontade de melhorar a vida do favelado ganha mais uma dimensão de trabalho, mesmo que não de forma explícita: a dimensão política. A igreja não poderia permitir o abandono destes favelados à própria sorte, já que estes poderiam buscar ajuda ao lado “vermelho da força”⁴. Tal preocupação com o comunismo não

3 Ver L, FREIRE, R, GONÇALVES E S, SIMÕES (2010).

4 Comunismo

era só da Igreja Católica brasileira, esta era um fenômeno mundial, comum no cenário europeu, o que resultou em inúmeros programas de ajuda ao operariado urbano, recém chegado dos campos para a cidade impulsionado pelo “boom” industrial do final do século XIX.⁵

As reportagens da década de 50 também se debruçam sobre a verdadeira “cruzada” estabelecida pela Igreja Católica, primeiro para arrecadação de fundos para urbanização das favelas e para construção do seu plano piloto – que seria o conjunto de mesmo nome erguido em 1957(Cruzada São Sebastião). Segundo, pela própria Cruzada de “domesticação do favelado”⁶, que consistia na preparação deste para o seu novo estilo de vida. Outra reportagem do Jornal “A Noite” nos mostra esta preparação, em reportagem intitulada de “Favelados em Mesa Redonda”. Esta mostra quais as medidas educacionais que estavam sendo tomadas, pelos coordenadores do projeto, para prepararem os favelados ao processo de saída da favela e entrada nos seus novos lares, os apartamentos.

A reportagem cita as ligas faveladas fundadas pela igreja (que já abordamos neste trabalho, as ligas dos “Cavaleiros”, “Mulheres” e “Crianças”). Segundo reportagem, essas ligas faziam parte do processo de inserção dos favelados no bairro, uma espécie de plano educacional, que contava com serviço de alto-falantes dentro das favelas (que dava conselhos de boa convivência aos favelados), assim como sugestões relacionadas à economia doméstica, sanitária, eclesiástica, social e religiosa.

Além da questão da superação da degradação física e moral, as reportagens desse período assumiam um caráter bem personalista, onde Dom Hélder era a figura mais recorrente, sendo ele um dos grandes idealizadores dessa corrente progressista da Igreja Católica brasileira, este não poderia ser deixado de lado ou tratado com menor “*frisson*” pela imprensa carioca. Está o descrevia como um homem à frente do seu tempo, que seria uma das grandes esperanças para resolver o “problema favela.” As reportagens anunciavam todos os seus esforços para adquirir parcerias, como seu encontro com então presidente Café Filho e, posteriormente, com Juscelino Kubitschek, além de retratarem seus encontros católicos pela América Latina.

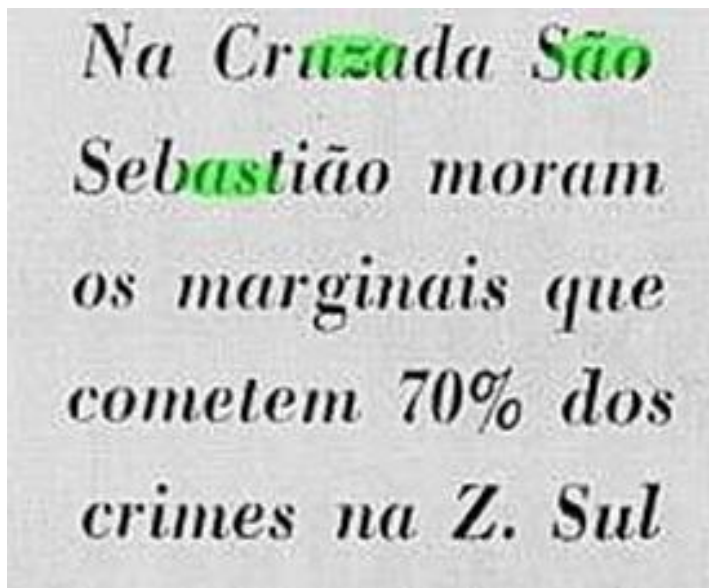
5 Ver L, FREIRE, R, GONÇALVES E S, SIMÕES (2010).

6 Educar através do processo civilizatório.

As décadas seguintes 60,70 e 80 são as que apresentam um maior volume de reportagens coletadas, sendo estas encontradas em sua maioria nos periódicos “Diário Carioca”, “A Noite”, “Diário de Notícias” e “Jornal do Brasil”. Vale ressaltar que depois da transferência dos favelados para os apartamentos da Cruzada São Sebastião, a Igreja Católica continuou a dar assistência aos “ex-favelados” através de programas sociais. Estes programas foram perdendo força com a implementação da ditadura militar e transferência de Dom Hélder Câmara para Recife.⁷Muitos moradores apostam que é desse período que começa a “degradação” da Cruzada São Sebastião. Agora sem amparo da Igreja Católica os favelados encontravam-se novamente abandonados à própria sorte. O que poderia levar alguns à vida do crime e marginalidade.

E é basicamente por esse caminho que as reportagens seguem, principalmente, evocando o lugar como um “antro de marginais de alta periculosidade”, local que deve ser evitado dentro do bairro, como podemos ver nas imagens abaixo:

Imagem 25.

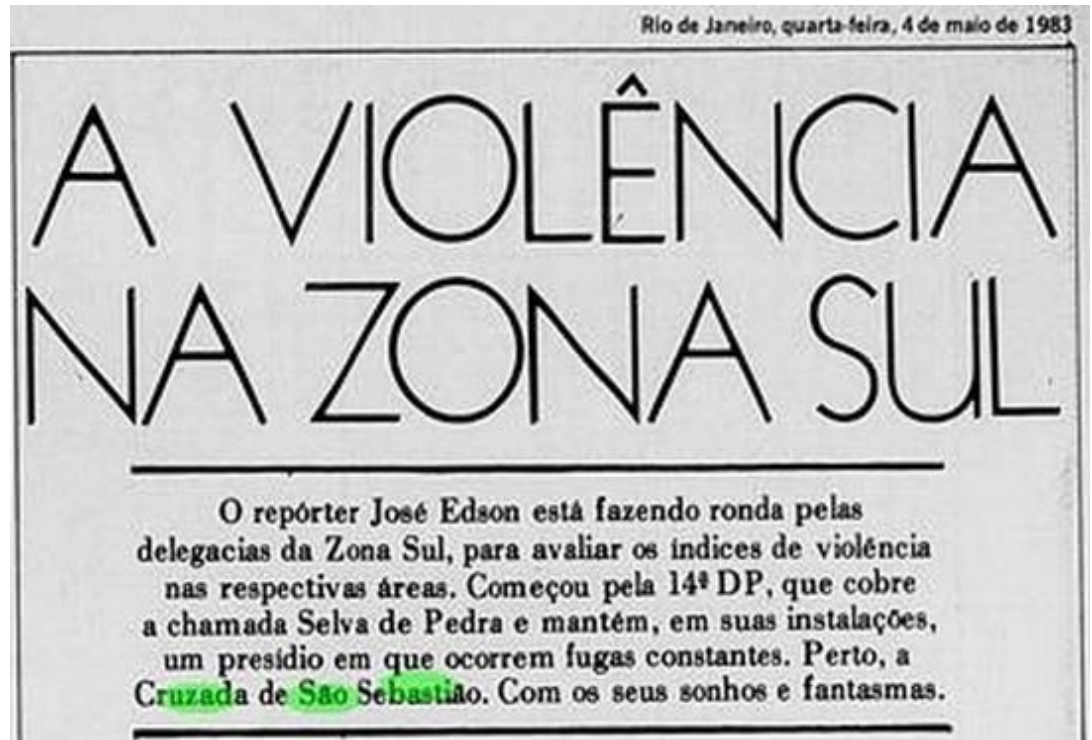


*Na Cruzada São
Sebastião moram
os marginais que
cometem 70% dos
crimes na Z. Sul*

Fonte: Jornal do Brasil (1973).

⁷ Isso segundo fontes locais (moradores).

Imagem 26.



Fonte: Jornal do Brasil (1983).

É possível ver nas reportagens a ideia do local como *locus* de violência e do crime. Onde muitas das vezes seus moradores são tratados como marginais em potencial, primeiro por terem uma origem favelada e segundo por residirem naquele endereço. A reportagem abaixo é bem evidente desse suposto “potencial criminoso” dos moradores, onde estes eram convocados junto a delegacia do Bairro (14° DP) a prestarem um “cadastramento voluntário” a fim de informar suas vidas à polícia, para que essa pudesse ter um controle sobre a suposta marginalidade local:

Imagem 27.

Delegacia cadastra os moradores da Cruzada

O principal problema encontrado pela Delegacia de Vigilância Sul nos trabalhos iniciais de cadastramento dos moradores do conjunto residencial **Cruzada São Sebastião**, no Leblon, foi a existência de um grande número de pivetes, segundo informou o delegado Armando dos Santos Pereira.

— A maioria dos moradores da Cruzada é composta de famílias que trabalham, mas há também marginais. A polícia já concluiu o cadastramento do Bloco 1, que compreende 144 apartamentos do tipo conjugado, e deve prosseguir os trabalhos esta semana.

NÚCLEO DE MARGINAIS

Com uma população de 7

Seus apartamentos servem como ponto de encontro de assaltantes vindos de diversos locais da cidade e que saem de lá para praticar seus crimes.

Os trabalhos de cadastramento permitirão o fácil acesso aos moradores e a forma de aproximá-los da delegacia. Algumas pessoas interessadas em que a Cruzada fique sem os marginais, têm informado à delegacia quais são os pivetes em evidência.

FINALIDADE

O objetivo do cadastro é determinar quem mora na Cruzada e a função de cada um, para mais tarde enviar um estudo detalhado ao superintendente da Polícia Judiciária, que o encami-

Fonte: Jornal do Brasil (1974).

Imagem 28.

Batida de seis horas na Cruzada leva à delegacia 62 adultos e 40 menores

Em *batida* que durou mais de seis horas, com revista em todos os 840 apartamentos, onde moram 3 mil pessoas, a Delegacia de Vigilância Sul deteve ontem 62 adultos e 40 menores na **Cruzada São Sebastião**. Dos adultos oito ficaram presos e serão processados por vadiagem. Os menores foram todos procurados na delegacia pelos pais.

Não foram encontrados tóxicos e só um velho revólver, calibre 32, foi encontrado com Luis Carlos de Oliveira. Em alguns apartamentos os moradores reagiram à revista, mas a polícia insistiu na operação porque considera a Cruzada como o ponto da Zona Sul em que se concentra o maior número de ladrões e desocupados.

Fonte: Jornal do Brasil (1974).

O endereço aqui também começa a ser associado também ao antigo local de moradia, a favela, principalmente através do termo “favela vertical/ favela de cimento armado” mostrando que os esforços da Igreja Católica em fazer coabitar “classes sociais” diferentes não havia resolvido a tensão dos estereótipos, como dizem “a favela não saiu de dentro destes”, sendo aqui incorporado a visão de favelado não só como aquele que mora em local que carece de infraestrutura mas também aquele que tem um comportamento considerado fora do padrão para o estilo de vida adotado no bairro chique do Leblon:

Imagem 29.

Delegado acha que presença de conjunto da Cruzada se choca com padrão do Leblon

O delegado Gastão do Nascimento, da 14a. DP em cuja jurisdição fica localizado o conjunto residencial da Cruzada São Sebastião, no Jardim de Alá, disse que não se justifica a existência de habitações com características de favela de cimento armado no bairro, em face do alto gabarito econômico da área.

Os apartamentos, acha ele, deveriam ser desapropriados e pelo menos alugados a funcionários públicos ou a outras pessoas qualificadas, com rendimentos acima de cinco salários mínimos. Diz também que os atuais moradores poderiam ser removidos para conjuntos residenciais suburbanos, mais condizentes com o padrão de vida que têm.

Fonte: Jornal do Brasil (1973).

Imagem 30.



Fonte: Jornal do Brasil (1990).

Tal estigmatização sobre a estética do local, demonstra que o estigma atribuído à favela perpassam a dimensão física, chegando assim a uma amálgama entre atributos físicos e comportamentais.

Em resumo, as notícias sobre o local estão relacionadas a representações estigmatizadas. Estigmas relacionados: a origem favelada de seus moradores, ao endereço (conjunto representado como *locus* de marginalidade e pobreza)⁸, as formas de organização do espaço (“favela de cimento armado”⁹) e em relação ao “estilo de vida diferenciado”¹⁰ adotado por seus moradores de origem popular

8 Ver MELLO, M; SIMÕES, S (2013)

9 A ideia de uso do termo “favela de cimento armado” denota que os moradores daquele conjunto estão ‘desencaixados’ do bairro onde vivem. Pois apesar de estarem vivendo em apartamentos, ainda trazem consigo formas de organização do espaço que seriam características da vida na favela (seu antigo domicílio). Já que estes, se reapropriam do espaço segundo as suas próprias lógicas de “organização”. Dando funções diferenciadas a corredores e espaços externos, de acordo com as suas necessidades. Processo onde “espaço público” e “espaço privado” se confundem; fazendo surgir “puxadas” feitas acima de pontes e sobre os corredores, estabelecimentos construídos sobre a área comum do térreo dos prédios. Essa lógica mais “orgânica” de organização do espaço é que faz seus moradores se diferenciarem do seu entorno, uma vez que estes, se pautam por uma lógica “racional” onde existe, uma forma e função apropriada para cada coisa. Esta forma de organização orgânica é muita das vezes dada como sinônimo de “desorganização” seja para os moradores de fora como para os de dentro do conjunto, sendo mais um dos elementos constitutivos para atribuição do estigma no local.

10 Uma atmosfera popular, onde as relações são pautadas por questão de personalidade e não da impessoalidade, que é características das grandes cidades e de seus condomínios fechados. A “vida

quando comparado ao seu entorno, ao bairro elitizado da Zona Sul carioca, Leblon.

Em trabalho próximo a este “Fronteira Urbana: Uma discussão sobre a relação entre Cruzada São Sebastião e o Leblon” a socióloga Canegal (2010) chegou a realizar uma pesquisa sobre a Cruzada São Sebastião nos jornais¹¹, sua pesquisa apresentou resultados similares ao desta pesquisa:

No período investigado, é visível o processo de arrefecimento e suavização do tom com que os veículos de comunicação passaram a se referir à Cruzada São Sebastião, que deixou de ser nomeada pela alcunha de “antro de marginais”. Mitificado na década de 1970 como o principal responsável pela esmagadora quantidade de crimes no Leblon, na Lagoa e em Ipanema, o conjunto habitacional foi perdendo progressivamente o “posto” frente aos veículos de imprensa a partir dos anos de 1980, praticamente desaparecendo dos noticiários na década de 1990 e reaparecendo nos anos 2000, especialmente em matérias sobre seu aniversário de 50 anos. (CANEGAL, 2010, p. 99-100)

Assim como Canegal (2010), percebemos esse declínio da visão marginal (pelo menos na mídia em referência a Cruzada São Sebastião, apesar de saber que este permanece vivo no imaginário dos moradores do Bairro do Leblon).

Para falarmos sobre estigma recorreremos a definição utilizada por Goffman (1988) “Situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”. Retirada do seu livro “Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada”. O autor apresenta 3 tipos de estigma; 1º relacionado a abominações do corpo, 2º a culpas do caráter individual e o 3º ao estigma tribal de raça, nação e religião – transmitido através da linhagem familiar.

O estigma que recai sobre as representações do conjunto habitacional Cruzada São Sebastião não são pertencentes a um estigma ligado a deformações corporais, que seria o primeiro tipo de estigma caracterizado pelo autor. Se apresentaria entre o segundo tipo de estigma (desvio de caráter individual através da questão de desonestidade – criado mediante a construção da figura do “criminoso” e do ladrão) e o terceiro tipo de estigma apresentado (estigma tribal de raça, nação e religião – principalmente porque esse tipo de estigma pode ser transmitido através da linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família). Que pode ser ilustrado através das representações que evocam os moradores como

comunitária” ganha força nesse espaço mesmo este estando localizado em um bairro de uma grande metrópole.

¹¹ Segundo a pesquisadora tal trabalho analisou o total de 21 reportagens de jornais e sites entre 1970 a 2000.

potencialmente criminosos, principalmente pela origem favelada de alguns moradores.¹²

Em uma busca simples por um dicionário da Língua Portuguesa, encontramos 6 definições diretas para a palavra estigma, que definem a palavra como;

1 Marca indelével. 2 Cada uma das marcas das cinco chagas de Cristo, que alguns santos traziam no corpo. 3 Marca produzida por ferrete, com que antigamente se marcavam escravos, criminosos etc. 4 Sinal infamante; labéu, ferrete. 5 Sinal ou mancha naturais no corpo; nevo. 6 Cicatriz de uma ferida ou chaga. (Dicionário Michaelis, p. 67)

Definições que, de uma certa forma, denotam deterioração de algo, que pode estar relacionado a deformação física ou sinais corporais relacionados, ou uma condição social indesejável. Se recorrermos a um outro dicionário, o de sociologia, acharemos algo semelhante;

Estigma é um rótulo social negativo que identifica pessoas como desviantes, não por que seu comportamento viole NORMAS, mas porque elas tem características pessoais ou sociais que levam pessoas a excluí-las [...] (JOHNSON, 1997, p. 93-94)

Nesse sentido, a ideia de rótulo social negativo é bem emblemática quando se fala em estigma. No caso estudado o estigma se aplica a favela. Pois a categoria, veio se constituindo desde o século XX, carregada de conotação negativa¹³. A favela é vista em nossa sociedade (historicamente) como algo ruim, desorganizado, impuro, lugar de pessoas sem caráter e criminosas. Essas atribuições foram muito difundidas principalmente pelos meios de comunicação, pela opinião pública e até mesmo pelo próprio Estado.

Como podemos ver o estigma não é um rótulo social negativo específico a um indivíduo, ele também pode estar associado aos lugares habitados por um certo grupo ou classes sociais. Podem existir lugares dentro da dinâmica socioespacial da cidade que são classificados como algo/lugar a ser evitado. Novamente recorreremos aqui a uma atribuição social coletiva, que se constrói através de referências construídas dentro da nossa sociedade, e que uma vez construídas servem de base para o imaginário social e a opinião pública existente.

12 Essas observações sobre o estigma fazem referência as notícias coletadas e apresentadas no tópico anterior.

13 Ver VALLADARES, 2005.

“Os cortiços”, “as favelas” e os “conjuntos habitacionais”, podem ser um exemplo dessa existência de um estigma sobre um lugar. Sendo assim, o campo estudado, a Cruzada São Sebastião, é um bom exemplo. O estigma atribuído a esse lugar está associado primeiramente a condição de conjunto habitacional (moradia popular) localizado em área nobre (como discutimos anteriormente) e pela sua origem, associada a favela.

4.2 O fantasma da favela.

Porém, a Cruzada São Sebastião não é o único conjunto habitacional a sofrer com a questão do estigma, o pesquisador Brum (2012), e autor de um livro sobre o “lado b da Cruzada São Sebastião¹⁴” – o Conjunto habitacional da Cidade Alta (conjunto do qual fui moradora por volta de 22 anos) fala exatamente do estigma associado a lugares dentro da cidade.

Para Brum (2012) a questão do estigma na Cidade Alta está relacionada, ao estigma de favela, que é empregado ao conjunto habitacional. Assim como na Cruzada São Sebastião, a Cidade Alta também é retratada como uma “favela de cimento armado”, tanto pela mídia como por alguns moradores. Essa atribuição, no caso da Cidade Alta, se dá, de acordo com o autor, por inúmeros fatores, como: o “surgimento de favelas no entorno do conjunto da Cidade Alta”, a “deterioração física dos prédios”, “descaracterização do conjunto”, a presença do tráfico no local, e a falta de saneamento básico e serviços (infraestrutura). O sentido de favela aqui aparece como algo carregado de negatividade, como diz o autor “um termo depreciativo para o lugar” e que está longe de ser valorado como algo positivo, próximo ao que os movimentos de favela realizam historicamente. Na Cruzada São Sebastião a categoria favela também é acionada como algo negativo¹⁵, que surge como um instrumento de acusação:

14 Referência feita por moradores da Cruzada São Sebastião ao se referirem a Cidade Alta, conjunto que abriga alguns moradores, que possuem em muitos casos algum grau de parentesco, com os moradores da Cruzada São Sebastião. Principalmente, os moradores mais antigos, como fica evidenciado no trabalho de SIMÕES, 2008. Só para uma breve recordação os dois conjuntos partilham da mesma origem, a favela da Praia do Pinto, o que pode explicar a existência do grau de parentesco entre moradores dos conjuntos.

15 A não ser por exceções como o Coletivo (recém fundado) Cruzada Ativa, que tem como parceiros as Brigadas Populares e a FAFERJ, que de certa forma estão tentando fomentar esse tipo de condição ao termo favela, porém essa perspectiva ainda não é a dominante no local.

[...] favela indubitavelmente uma acusação da qual os moradores tentam se esquivar e/ou transferi-la aos que, segundo critérios subjetivos e particulares de cada um, se enquadrem dentro de um determinado padrão construídos por essas dialéticas relações entre os moradores da Cidade Alta e a sociedade na qual estão inseridos. (BRUM, 2012, p. 209)

Como podemos ver, o termo “favela” surge como categoria de acusação e está relacionada a visão que vem dos “de fora” aos moradores do conjunto da Cidade Alta, essa categoria de acusação empregada pelos “agentes externos” acaba se reestruturando internamente e sendo aplicada entre os moradores do próprio conjunto, o que resulta também na exposição da existência de uma hierarquia social dentro do conjunto, trabalhada pelo pesquisador, Conceição (2007) em seu trabalho “Qual dos três é melhor de se morar?": Um estudo de hierarquia habitacional na Cidade Alta – Rio de Janeiro”. Dada a evidência da existência de tal sistema de hierarquia, o autor, consegue destrinchar as formas de distinção do conjunto, evidenciando as formas de distinção e acusações existentes entre os moradores do local. Podendo assim demonstrar os patamares de hierarquização do conjunto, onde aqueles que estão na base sofrem a acusação de serem “favelados”, sendo acusados como os responsáveis pela deterioração do conjunto habitacional.

Retornando ao trabalho apresentado por Brum (2012) encontramos mais uma definição sobre estigma “é uma construção social feita e partilhada por todos, inclusive aos que podem nele estar incluídos” (BRUM, 2012, p. 230). A partir desta afirmação entendemos que tanto aquele que atribui, como aquele que recebe o estigma dominam os códigos dessa construção. No dado exemplo, dominam o que é ser favelado. Pois, essa atribuição de estigma só se faz “real” quando aqueles que recebem o rótulo o aceitam como tal.

A questão do estigma de favela dentro da Cidade Alta, de acordo com o autor, se dá, em uma condição dupla, temporal e espacial, onde a questão temporal, está associada ao tempo de pertencimento ao local, onde aqueles moradores considerados “originários”¹⁶ que estão dentro do conjunto desde a fundação são caracterizados como aqueles que de certa forma carregam o “espírito de favelado”, herdado por sua condição histórica como tal.

16 Originários e que foram removidos de favelas, já que o trabalho de Brum apresenta além desta divisão por tempo, uma divisão também entre aqueles que foram removidos e os moradores que não foram removidos, ou seja, moradores que chegaram ao conjunto sem partilhar da experiência da remoção e de vivência em uma favela.

Essa questão temporal não é recorrente dentro da Cruzada São Sebastião¹⁷, até porque os moradores “de raiz” (que estão no conjunto desde a fundação) são os que estão classificados no topo da hierarquia social, os que gozam de prestígio frente aos demais, e que normalmente são os encarregados da vida política dentro do Conjunto.¹⁸ Nesse sentido, para o caso da Cruzada São Sebastião essa questão do estigma perpassando pela escala temporal não faz tanto sentido para a atribuição de acusação de ser “favelado ou não”, no sentido de ser literalmente oriundo de favela.

Aqui a questão do estigma estaria diretamente associada à questão espacial, principalmente quando analisamos a construção social do que viria a ser classificado como indivíduo favelado (aquele que habita o espaço estigmatizado e que é responsável pela estigmatização de tal), que conseqüentemente aparece como um desdobramento da categoria favela.

No caso da Cruzada São Sebastião este estigma é perpassado por seus moradores por uma perspectiva espacial. Está mais precisamente relacionado a localização¹⁹ dentro do espaço do conjunto, e deste no espaço do bairro.

Os blocos que têm apartamentos de dois quartos são tidos como a “zona sul da Cruzada” (gozam de maior prestígio) frente aos blocos primeiros (que são tidos como “os blocos dos favelados”). Através dessa divisão também conseguimos observar que os que gozam de prestígio possuem características residenciais mais próximos aos prédios do entorno (Bairro do Leblon): portão fechado 24 h, câmeras e interfone (com exceção do oitavo bloco que não possui a sua área de acesso ao prédio fechada).

A área mais estigmatizada dentro do conjunto está relacionada a uma área de concentração comercial e concentração populacional, onde se tem uma variedade de barraquinhas na frente dos prédios, estabelecimentos construídos juntos a estrutura externa dos prédios e até a existência de bares dentro dos apartamentos, uma mistura de usos que vai além da finalidade residencial, e que de certa forma

17 Acredito que isso seja devido ao grande número de moradores que de certa forma tem alguma ligação histórica / pertencimento com a favela da Praia do Pinto. Quando comparado a Cidade Alta acredito que o número de moradores originários seja maior. E uma vez que a maioria é oriunda de favela não se encontra o porquê de tal distinção entre os moradores.

18 Ver Simões, 2008.

19 E a questões comportamentais daqueles que ocupam esse lugar.

contribui para uma “decadência” dessa parte do conjunto, de acordo com o discurso de alguns seus moradores.

Imagem 31 - Bar do Daniel dentro de um apartamento no terceiro bloco.



Fonte: Thaiane Barbosa (2016).

Imagem 32 - Robson, soldador, 54 anos, Morador do terceiro bloco trabalhando na área comum do prédio.



Fonte: Thaiane Barbosa (2016).

Imagem 33 - Jovem cortando cabelo em salão improvisado na área comum do primeiro bloco.



Foto: Thaianne Barbosa (2016).

4.3 Gentrificação ou contenção de usos: Processos recentes de valorização imobiliária.

Essa diversidade de serviços nos apartamentos e nas áreas de uso comum constitui parte expressiva do estigma atribuído aos bairros populares.²⁰ Porém uma pergunta que se coloca no horizonte é se esse tipo de estigma pode ser quebrado e quais poderiam ser os impactos disto? Temos visto em todo mundo projetos de revitalização que visam exatamente recuperar áreas dadas como “degradadas” mas que, quando olhadas de perto, apresentam uma vida exuberante que desafia certos ideais modernistas de “ordem”²¹ Seria esse o destino da Cruzada São Sebastião?

Hoje, frente ao panorama de um projeto de cidade estabelecido para realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas, muito tem se falado de “gentrificação” nas áreas de favela/ populares na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. A Cruzada São Sebastião não está fora desse processo, apesar dele ainda ser embrionário quando comparado a favelas com Unidades de Polícia Pacificadora e com grande potencial turístico, como o Vidigal e Cantagalo.

²⁰ Ver MELLO E VOGEL, 1981

²¹ Ver JACOBS, 2000

Não pretendemos aqui discutir como se apresenta essa gentrificação no local até porque esse processo ainda é muito recente, e que tem suas particularidades que diferem um pouco do processo de gentrificação que vem sendo descrito nos países anglo-saxões e até mesmo na Europa. A ideia principal deste trabalho é mostrar, na prática (nos discursos e através deles), como que a valorização imobiliária na Cruzada São Sebastião tem impactado na organização social do conjunto.

Dado esta conjuntura, uma nova forma de representação tem se desenhado no horizonte.²² Esta representação não mais carregaria a questão do estigma em seu cerne. Tal representação apresentada pelo jornal “O Globo” apontaria o conjunto como um novo lugar de valorização imobiliária dentro do bairro do Leblon:

Imagem 34.

A ONDA DA GENTRIFICAÇÃO

Economia, eventos e UPPs reinventam os bairros do Rio

Mudança de perfil da população faz imóveis em áreas degradadas, como a Cruzada São Sebastião, se valorizarem mais de 100%

Renda mais alta dos novos moradores transforma relações econômicas e sociais na vizinhança e faz surgirem edifícios e estabelecimentos comerciais mais sofisticados

Fonte: Jornal o Globo (2013).

Onde a Cruzada sofreria uma mudança de perfil com a chegada de novos moradores. Porém, quais seriam os impactos dessa mudança de perfil? Ela seria capaz de alterar uma representação que se tem sobre o local que é historicamente estigmatizado? E novamente, quais seriam os impactos dessa mudança de representação? O jornal aposta em gentrificação, ou seja, antigos moradores

22 Representação que discuti inicialmente em um artigo apresentado no “4º simpósio nacional de história cultural: escritas, circulação, leituras e recepções” da USP, intitulado de “A Cruzada São Sebastião do Leblon e as suas representações ao longo de quase seis décadas de história.” Pesquisa que desenvolvi na minha dissertação.

vendendo suas casas por um possível processo de remoção via mercado, abrindo espaço para chegada de novos moradores de perfil socioeconômico diferenciado.

Será que o fenômeno descrito como gentrificação pelos jornais é realmente existente? Ou esta é uma nova estratégia de promover uma certa valorização imobiliária daquele local abrindo portas então para esse processo? Ainda é cedo para respondermos, porém é fato que os imóveis têm sofrido uma valorização²³ e que hoje se tem a entrada de agentes imobiliários dentro do conjunto, coisa que não ocorria em períodos anteriores.²⁴E que essa valorização imobiliária se configura hoje como uma das ameaças mais reais à finalidade de “habitação social” da Cruzada São Sebastião, localidade que historicamente tem sua presença vista como indesejada no bairro, sendo alvo constante de boatos de uma remoção, que se daria a qualquer momento, e que hoje, frente à seguridade de seus imóveis, só pode ser ameaçada através de uma retirada de cena via mercado, como veremos no capítulo seguinte.

23 Pelo acompanhamento realizado o valor dos imóveis aumentaram, tanto para locação quanto para venda. Um mesmo apartamento conjugado que em 2006 estava valendo R\$50.000,00 hoje está sendo avaliado em torno de R\$200.000,00 à 210.000,00. Os apartamentos maiores também acompanharam a tendência da valorização e hoje estão avaliados entre R\$300.000,00 a 350.000,00 (quatro e sala) e R\$450.000,00 à 500.000,00 (dois quartos). O preço dos aluguéis também subiram, um apartamento conjugado hoje pode ser alugado por R\$800,00 à 1.000,00, quarto e sala R\$1.300,00 à 1.500,00 e R\$2.000,00 à 2.500,00 dois quartos. Essa pesquisa de preços foi feita através de anúncios imobiliários que foram publicados dentro da própria Cruzada São Sebastião, normalmente, nos quadros de avisos ou em frente aos blocos.

24 O que ocorria em períodos anteriores era a prática do “boca a boca”, onde apartamentos eram alugados sem qualquer tipo de contrato formal, apenas um acordo “moral” entre as partes. Normalmente esse tipo de contrato era feito entre pessoas que se conheciam, como uma forma de evitar possíveis “calotes” já que aquelas pessoas estavam dentro do chamados “círculos de confiança”. Hoje ainda existe esse tipo de contrato porém, este divide espaço com contratos formais, viabilizados não só por proprietários em transações individuais mas também por imobiliárias que estão atuando no local.

CAP 3 - O AQUECIMENTO DO MERCADO IMOBILIÁRIO LOCAL E A CHEGADA DOS NOVOS MORADORES

A cidade do Rio de Janeiro passou por inúmeras transformações de 2014 a 2016, onde a cidade foi palco de grandes eventos. Uma dessas transformações está relacionada com a valorização imobiliária e fundiária. Principalmente de regiões e espaços da cidade que são historicamente estigmatizados e ignorados pelo mercado imobiliário formal. É o caso das favelas e de outras regiões populares que estão situadas dentro de áreas nobres da cidade. Nesse contexto assistimos o processo de aquecimento imobiliário em várias regiões que antes estavam esquecidas pelo mercado imobiliário formal. Nesse capítulo debruçaremos sobre o caso da Cruzada São Sebastião. Visando mostrar como se deu esse aquecimento do mercado imobiliário na localidade e quais seus impactos e desdobramentos.

Imagem 35 - Anúncio Imobiliário – 1º bloco.



Fonte: Thaianne Barbosa (2016).

Ao analisarmos esse caso, observamos alguns dos impactos que a valorização imobiliária ocasionou em um local que, historicamente, se constituiu como uma solução mas, também, como um problema para seus moradores na medida em que foi tratado, pela grande mídia e pelo entorno como objeto de

discriminações e de atribuição de estigma. Assim nosso objetivo principal, foi buscar entender quais as transformações que ocorreram na organização social do conjunto com a chegada dessas novas práticas de mercado, e com a chegada de pessoas com um perfil socioeconômico diferenciado.

Como já vimos a Cruzada São Sebastião, segundo alguns pesquisadores Ribeiro (2003) é visto como um enclave urbano (local segregado) devido a sua localização em um espaço elitizado. Segundo pesquisa realizada por Silva (2015), a representação social do conjunto é carregada de estigmas, relacionados a inúmeros fatores como a origem favelada de seus moradores, seus comportamentos e estilo de vida.

A organização social do conjunto é formada por fortes relações de personalidade e parentesco como evidenciou Simões (2008). Uma frase que nos leva a pensar e muito sobre isso é repetida inúmeras vezes pelos moradores do local: “Na Cruzada todo mundo se conhece”. Uma prova evidente deste fato foi uma coleta de dados que realizei durante os anos de 2012-2014, que consistia na coleta de anúncios de falecimentos nos quadros de avisos locais, onde, além do nome oficial do morto, aparecia como dado as suas relações de parentesco (a que família ele pertencia no conjunto) assim como o apelido por qual era reconhecido. O fenômeno da tecnonímia se mantém constante, como apresentado por Simões (2003), fruto da manutenção das relações familiares que ainda são fortes no conjunto, apesar das novas transformações que ali tem ocorrido:

Imagem 36 - Comunicado missa de 7º dia exposto em uma das entradas dos blocos.



Foto: Thaianne Barbosa (2014).

Imagem 37.

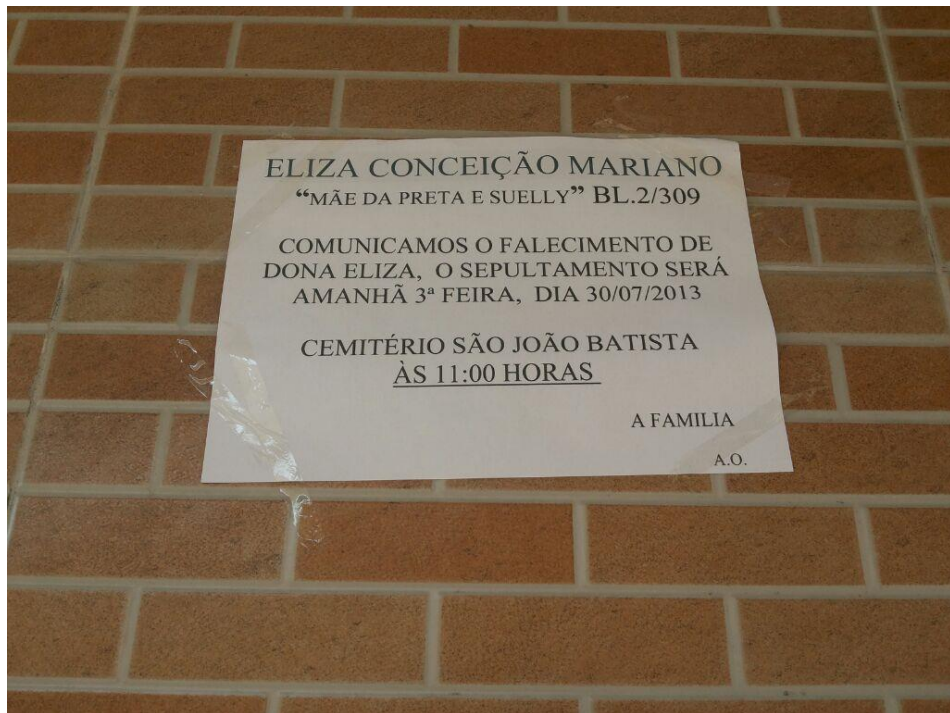


Foto: Thaiane Barbosa (2013).

Imagem 38.

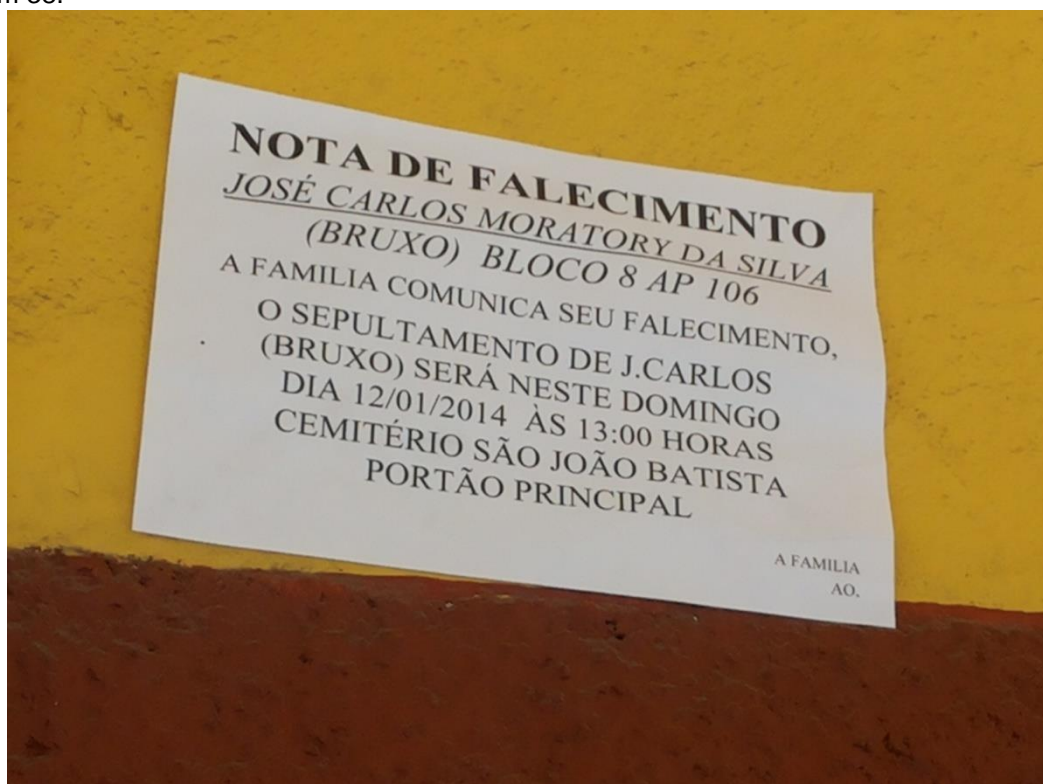


Foto: Thaiane Barbosa (2014).

Imagem 39.



Fonte: Thaiane Barbosa (2013).

O caráter da personalidade e parentesco das relações é algo importante a ser analisado dentro do estudo do processo de emburguesamento local. Já que temos como uma das hipóteses que este caráter pessoal esteja se perdendo com a entrada de novos atores no espaço, onde tenderíamos ao estabelecimento de novos padrões de organização social baseada na impessoalidade das relações.

As fotos abaixo mostram um pouco sobre esse universo familiar característico em partes no conjunto da Cruzada São Sebastião. Nosso intuito em trazer essas imagens é demonstrar como que os corredores também retratam esse universo familiar e muita das vezes doméstico. Observamos no decorrer dos três primeiros blocos que grande parte dos moradores costumam deixar suas portas abertas, algo sintomático para o entendimento das relações face a face no local.

Imagens 40, 41 e 42 - "Cruzada de portas abertas".



Fonte: Thaianne Barbosa (2016)

A familiaridade também se mostra presente no processo de resolução dos conflitos, onde ter parentes é ter um capital positivado, de grande valor. Ainda mais se esses parentes pertencem ao núcleo de fundação do conjunto, “fundadores” como denominou Simões (2008). Uma situação que me marcou e que relata muito bem essa espécie de capital positivado foi em uma situação que tive dentro do bloco onde morava. Estava tendo conflito com um morador que morava no mesmo corredor que eu, sobre o uso do corredor. Tinha uma bicicleta que durante algum tempo ficou guardada no bicicletário do bloco onde morei (3º bloco). Porém, devido ao roubo do banco da mesma, tive que guardá-la no corredor do andar que morava. O vizinho irritado com tal situação foi fazer uma reclamação com o síndico, que me notificou que deveria retirar a bicicleta, pois esta, segundo ele, estava obstruindo o caminho. Fui de encontro ao síndico para explicar a situação e quando este me viu, imediatamente me associou a uma tia-avó (moradora de raiz) que já morou no mesmo bloco e o desfecho da história se modificou completamente, agora identificada como sobrinha da “Leninha” passei a ter direito de guardar a bicicleta no corredor.

Outro fato que revela o grau de pessoalidade característica das relações que se desenvolvem no conjunto está relacionado às formas de contrato de locação e venda dos imóveis. De acordo com Sandra, proprietária do apartamento onde morei e funcionária do bloco 3, “antigamente, na Cruzada São Sebastião, só vinha morar quem era da família dos que já moravam no conjunto”, portanto pessoas que tinham uma ligação com aquele círculo social. Sendo muita das vezes os aluguéis baseados no circuito da confiança, eram firmados sem contrato de aluguel, através acordos verbais entre famílias conhecidas que tinham como caráter de garantia sua “honra” e prestígio social, nada mais.

Quando cheguei à Cruzada São Sebastião, em 2010. Esse tipo de contrato era bem comum, não era recorrente a atuação de imobiliárias no local. Meu contrato foi regido verbalmente através de um acordo familiar¹. O inquilino que morava antes de mim no apartamento também tinha o mesmo tipo de acordo. Em meio ao processo de valorização tive meu contrato de aluguel modificado, onde, a partir de 2014, passei a ter um contrato formal de aluguel que segundo a proprietária local,

¹Faço parte do núcleo das famílias que são denominadas de “raiz”, tendo parentes que vieram da favela da Praia do Pinto e que moram no conjunto desde a sua fundação.

passou a ser mais condizente com que estava ocorrendo na Cruzada São Sebastião naquele momento. As palavras dela foram as seguintes na justificativa de implementação desse novo tipo de contrato: “Conversei com o meu filho e ele achou melhor fazermos um contrato de aluguel já que aqui na Cruzada quase todo mundo tem alugado por contrato agora”.

Com a entrada de novos moradores impulsionados pelo processo de valorização imobiliária, a questão das transações imobiliárias tem adquirido uma formalidade, onde um acordo entre famílias não se coloca mais como uma única possibilidade e nem como uma forma de acordo mais adequada. As relações comerciais se redesenham através da impessoalidade, que se materializa com os contratos de aluguel, que podem ser feitos diretamente com os donos dos imóveis ou com as imobiliárias que estão atuando no local. Esses contratos marcam relações dos proprietários com inquilinos que não participam do circuitos de confiança local. Pessoas provenientes de outros círculos sociais.

Se antes a figura de alguém conhecido e conceituado na localidade era um fator importante dentro de uma transação de aluguel, hoje ela vem perdendo espaço para a figura de um ser impessoalizado, como a figura do fiador. Tal figura é um fato emblemático do início desse processo de mudanças dentro das transações de aluguel, que representa um exemplo evidente de um ator ligado à questão das relações impessoais, uma vez que existe um mercado de fiadores de aluguel, que emprestam seus nomes por altas cifras no mercado paralelo.

Apesar do processo da transação imobiliária ter adquirido um caráter mais formal nos últimos tempos algumas práticas de resolução de conflitos ligadas a tempos anteriores ainda acontecem, como pude observar em um fato ocorrido entre o proprietário do apartamento 623 do 3º bloco e seu inquilino. Frente ao não pagamento do condomínio, o proprietário de tal apartamento colocou os locatários a força pra fora ameaçando-os fisicamente mesmo estes tendo estabelecido um contrato de aluguel formal.

Situação parecida ocorreu com o proprietário do apartamento do 624 2º bloco. Este veio conversar comigo para relatar a situação, que seus inquilinos não pagavam o aluguel fazia alguns meses e que esse estava com vontade de fazer a mesma coisa que o proprietário do apartamento do terceiro bloco. Porém, segundo ele, um amigo advogado tinha orientado-o a não fazê-lo justamente porque este tinha estabelecido um contrato formal com o inquilino e que tal prática não caberia

dentro desta circunstância, ou seja, deixando evidente que não era mais desta forma que se resolvia questões como estas.

A hipótese desse processo de transformação das relações locais se dá em consideração a chegada de novos atores ao local, que muitas das vezes estão desconectados da realidade local, ou seja, do “ambiente familiar” característico das relações de pessoalidade. Para os novos moradores falta acesso à memória coletiva criada e recriada pelos moradores mais antigos (e seus descendentes). A preocupação com essa mudança do perfil de moradores e com a perda da memória coletiva já era assunto no trabalho de Simões (2008):

Cinquenta anos após ter sido criado, o Bairro São Sebastião do Leblon – ou seja, a “Cruzada” - conheceu mudanças significativas. Muitos apartamentos foram alugados, vendidos ou leiloados. Há moradores para os quais “cruzada” evoca não mais do que o nome do conjunto residencial onde vivem. Se for o caso de terem um interesse maior pela história saberão o termo no histórico das políticas habitacionais do Rio de Janeiro ou das sangrentas expedições cristianizadoras ocorridas na baixa idade média. Na bibliografia desses moradores não há favela da Praia do Pinto, muito menos Ilha das Dragas. Não existe incêndio em suas memórias, nem chão de estrelas, nem enchente da laguna, sequer a evocação do repique dos tamboris das gotas de chuva na cobertura do telhado sobre o espaço exíguo do barraco. Os adventícios podem falar de Dom Hélder como uma figura eminente e progressista da igreja católica brasileira, o arcebispo de Olinda; até mesmo o criador da Cruzada São Sebastião, mas nunca como um “pai” decisivo para o seu destino pessoal. (SIMÕES, 2008, p. 217-18)

O que mostra que a chegada desses novos moradores não foi o único fator de mudanças em relação às questões de vizinhança, antes desse processo de emburguesamento local, algumas transformações já podiam ser vistas, porém o caráter popular do conjunto não tinha sido transformado, como vem sendo colocado em cheque frente a esse novo processo. A passagem acima retirada da tese de Simões (2008) mostra que a organização social da cruzada São Sebastião não pode ser vista como algo cristalizada no tempo, sendo algo que está em constante transformação, mesmo que mantenha muitas questões que perduram no tempo. Não podemos desconsiderar que esta não abriga mais somente moradores vindos da favela da Praia do Pinto. O que faz aparecer no horizonte novas formas de habitar e uso dos espaços, assim como novas formas de resolução de conflitos e porque não de identidade, que constantemente aparecem sob a tríade de definição do local ora evocado como conjunto habitacional, ora favela ou condomínio.

Outro aspecto que nos chama atenção neste processo de valorização imobiliária é referente ao histórico de representações sobre o local, tal colocação nos leva a pensar também como os discursos para impulsionar a locação e as vendas vêm sendo estruturados. Discurso que pode variar segundo a intenção de cada morador, o que mostra que existem aqueles que querem que o conjunto passe por esse processo de aburguesamento e outros que não. É nesse contexto que alguns discursos têm sido reformulados para que o local seja visto como um condomínio, diferente do que historicamente foi representado pela mídia, que mostra o local como uma favela de vertical e lócus de violência.

Conversando com Franco, morador do 6º bloco, sobre o processo de valorização imobiliária, este me relatou já ter sido procurado por corretores imobiliários para saber como andava a “situação” dentro da Cruzada São Sebastião. Franco, ciente dos “malefícios” que um processo de “gentrificação” poderia trazer ao local, me dizia que sempre quando perguntado como estava o ambiente na Cruzada ele mentia ao corretor: “Olha aqui está muito perigoso, tem tiroteio quase todo dia, teve até morte semana passada” no intuito de tentar frear o interesse das ações desse atores dentro do conjunto.

O interessante da fala de Franco é que este aciona o estigma de forma positivada como um elemento que pudesse ser um instrumento contra o processo de valorização em curso. Tal adoção de comportamento só foi possível porque ambos os atores entendem que aquele espaço historicamente tem sido associado às “classes perigosas “sendo” reduto da marginalidade e do crime, e Franco soube muito bem se apropriar disso.

Pensando nos “agentes da impessoalidade” que estão presentes no conjunto, uma figura tem se apresentado de forma ainda enigmática. Segundo alguns relatos, existem agentes externos que compram imóveis dentro da localidade para apenas especular. Três entrevistados falaram sobre isso. O primeiro me disse que tinha um “amigo de classe média” que morava no Leblon (fora da Cruzada) que tinha comprado um imóvel no local. Quando pedi a esse que me apresentasse o amigo para que pudesse entrevistá-lo, ele me disse que o amigo tinha comprado o apartamento para seu motorista e logo mudou de assunto. Sandra também me relatou da existência de um homem chamado de André que seria associado ao grupo que administra o Shopping Leblon que estaria comprando imóveis no local para depois revendê-los ou alugá-los.

As notícias sobre compra e venda passaram a ser assunto entre os moradores, dando espaço para o surgimento de burburinhos, normalmente associadas a valorização e a compra e venda dos imóveis, onde existe até um boato sobre uma apresentadora da Rede Globo que teria adquirido um apartamento no local, também segundo as fontes, com o intuito de especular, já que estes atores estariam comprando os apartamentos e não vinham morar no local. Verdade ou não essa movimentação acerca do tema mostra como esse mercado tem se mantido aquecido e que isso de alguma forma já faz parte do cotidiano da vida daqueles que ali habitam.

A cada manchete sobre gentrificação que sai no jornal, maior parece ser o impacto da valorização no local. Se anteriormente as pessoas não sabiam de tal processo, hoje, devido às inúmeras reportagens que foram feitas, o processo de valorização imobiliário tem se tornado conhecido. O que para uns é algo muito positivo, principalmente para aqueles do entorno e alguns proprietários locais que entrevistei, que veem a valorização imobiliária como uma espécie de “purificação” local, que chega para exorcizar velhas práticas e comportamentos associados a origem favelada de seus moradores e toda aquela história da herança favela de um passado, que para alguns, não se apresenta tão distante assim. Uma espécie de “redenção local”, uma oportunidade da “Cruzada” mostrar o seu potencial se livrando de antigos fantasmas. O posicionamento desses moradores é muito próximo ao discurso que aparece na grande mídia em que a gentrificação se apresenta como uma grande janela de oportunidades.

Se o processo de aburguesamento hoje se mostra como algo em curso, poderíamos nos perguntar sobre o que poderia ser capaz de pará-la ou se ainda existem grupos que promovem algum tipo de resistência no local? Os grupos de resistência, se é que podemos denominá-los assim, se apegam a afirmação de determinadas identidades frente a outras práticas comportamentais que não seriam “condizentes” ao processo de gentrificação.

Estou me referindo a grupos que acionam a identidade do local como uma favela, que se pensarmos não seria algo positivo ao que o mercado imobiliário formal tem tentado instaurar no local. Entre esses grupos (os que se mostram contrários ao processo de valorização e os que o veem como uma oportunidade) se apresenta uma dicotomia de possibilidades de identidades existentes da classificação local, que são frequentemente materializadas mediante a dicotomia

conjunto residencial x favela. Como favela historicamente é um termo depreciativo, os agentes imobiliários e os proprietários dos imóveis tentam se desvincular dele chegando a dizer: “A Cruzada tem potencial, isso aqui não é uma favela, as pessoas que têm mentalidade de favela”. E colocando em seus anúncios a opção do nome Leblon (como chamariz principal) à Cruzada São Sebastião, como vemos no anúncio abaixo:

Imagem 43 - Anúncio de venda de imóvel da Cruzada São Sebastião colado na Rua Ataulfo de Paiva (Leblon).



Fonte: Thaiane Barbosa (2014).

Nesse contexto a questão da identidade aparece como um instrumento de poder e em constante disputa que se molda de acordo como interesse de cada ator envolvido.

A ideia de que existe um comportamento que não é mais condizente com as transformações locais também é algo interessante a ser estudado. Acredito que

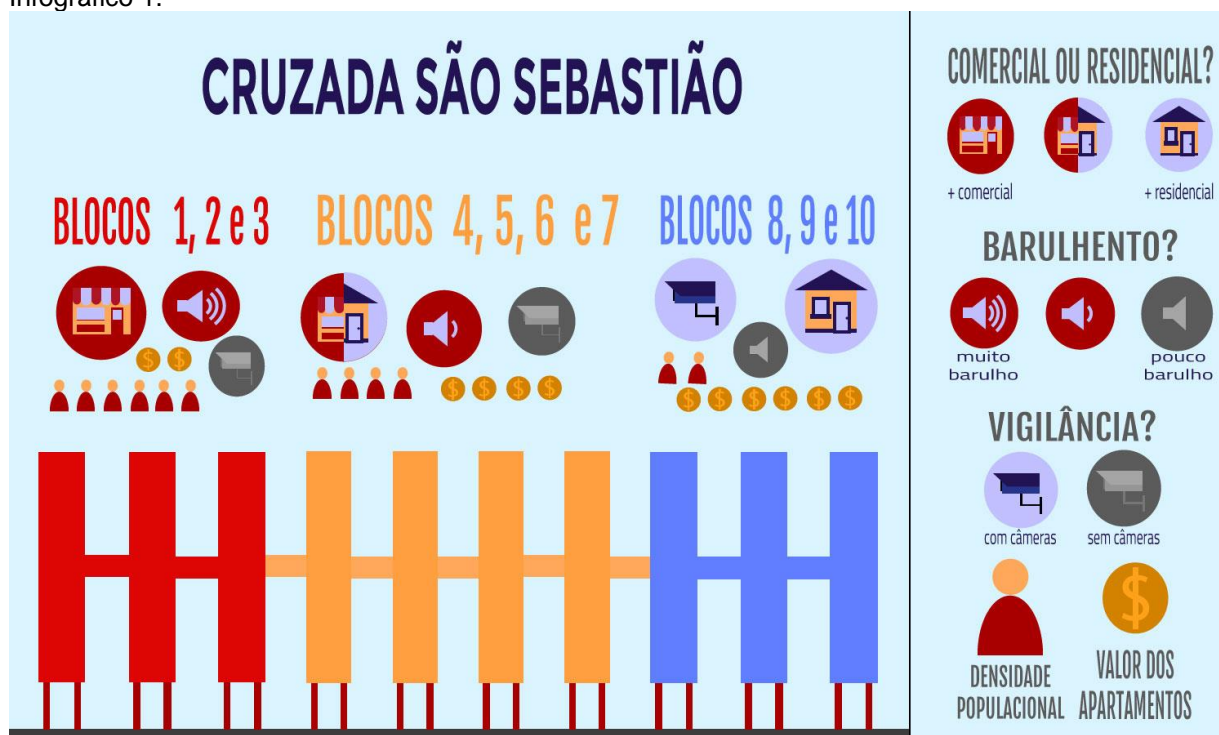
determinadas práticas comportamentais, como fazer festas no meio da escada do bloco com som alto até as altas horas da madrugada, represente uma forma de resistência (mesmo que inconsciente) a uma gentrificação local. Principalmente se pensarmos que tais práticas seriam negativas a vista daqueles que vem de fora.

Uma vez eu estava na praia do Leblon (posto 11) e escutei um relato desses. A pessoa que estava atrás de mim havia morado na Cruzada por um tempo, mas decidiu sair porque a sua esposa não gostava do local pois não tinha se adaptado ao “modo de vida” adotado por parte de moradores do conjunto. Segundo ele as pessoas gritavam pela janela, jogavam coisas pela janela, o vizinho de cima dele fazia uma batucada com um tamborim pela manhã e sua vizinha de lado guardava uma bicicleta no corredor, o que para ele era um absurdo. Acredito que relatos como esse são fruto do desencontro de experiências de vida que existe entre aqueles que são “cria” (de raiz) do local e aqueles que estão chegando. Sendo tais práticas motivos para não adaptação de alguns dos novos moradores.

Edson, proprietário de um apartamento no segundo bloco, passou por uma situação que também serve de ilustração do acabamos de escrever acima. Em seu apartamento viviam duas meninas que acabaram entregando as chaves quando começaram a acontecer alguns episódios de trocas de tiro (entre policiais e do tráfico local). Segundo ele as meninas relataram não estarem acostumadas com tal situação e que, devido a tais ocorrências, preferiam entregar as chaves do apartamento. O que nos leva a outro questionamento: o processo de aburguesamento se apresenta de forma igual a toda extensão do conjunto?

Acredito que os blocos que têm um perfil mais elitizado, como os blocos 8, 9 e 10, possam ter um maior sucesso dentro do processo de “gentrificação”, justamente por seus moradores incorporarem um estilo de vida e comportamento mais próximo ao seu entorno. Esses prédios contam como uma melhor infraestrutura, possuem câmeras de segurança e interfone, o que pode ser uma diferencial para aqueles que procuram “segurança e tranquilidade”, já que esses prédios não são tão barulhentos como os blocos 1,2,3, como podemos ver no infográfico:

Infográfico 1.



Fonte: Thaiane Barbosa e Maria Vieira (2015).

Para pensarmos analiticamente como se organiza a Cruzada São Sebastião, propôs uma divisão tipo ideal, que consiste em três áreas dentro do conjunto, como vemos na ilustração acima. Uma primeira área que seria delimitada entre 1º e 3º bloco, que poderíamos chamar de “Zona Comercial”, uma “Zona Neutra”² (4º e 7º bloco) e por última uma “Zona Residencial” (8º, 9º 10º bloco).

Na zona comercial³ encontra-se o maior número de estabelecimentos comerciais do local, inúmeras barraquinhas localizadas tanto nas calçadas em frente aos prédios como em seus pátios internos, e até mesmo dentro dos apartamentos⁴.

Esses prédios não apresentam circuito de segurança, tendo alta concentração de pessoas⁵ assim como um relativo grau de poluição sonora, baixa conservação e

2 Que não descreveremos pois se trata de um espaço de características mistas não influenciando muito na escala comparativa quanto as outras duas zonas apresentadas.

3 Ao delimitarmos uma área comercial não estamos dizendo que só exista comércio dentro da área delimitada, a ideia aqui é apontar os pontos de concentração de tais atividades, o que não anula a existência de comércio em outras áreas do conjunto. Os usos apesar de concentrados não são rígidos.

4 Como o Bar do Daniel, localizado dentro de um apartamento na primeira escada 3º bloco.

5 Segundo relatos locais eram comum famílias de 6 a 5 pessoas morando dentro de um apartamento de 18 m². Alguns apartamentos também funcionavam como república de estudantes, como o apartamento do 624 do 3º bloco.

“organização”.⁶ Os pontos de venda de drogas também estão situados nesta parte do conjunto, o que segundo moradores é um dos maiores problemas da desvalorização desta parte do conjunto.

Os blocos da Zona Residencial possuem um grau de “organização” maior, destoando dos demais. Esses blocos são os que apresentam maior valor imobiliário do conjunto assim como a menor taxa de densidade. São teoricamente os que se enquadrariam melhor aos padrões do entorno do conjunto (bairro Leblon). Não há presença de comércio embaixo desses blocos, como ocorre nas demais regiões do conjunto habitacional. O que evita uma aglomeração de pessoas em seu entorno, dando a este um rotulo, de ambiente “organizado”. No bloco 10 (apontado como melhor bloco pelos moradores) é proibida a realização de festas no prédio o que consideravelmente diminui a poluição sonora no local e que atribui a este um marcador diferenciado dos demais.

Vê-se que as diferenças apresentadas entre as zonas estão relacionadas, a forma de se organizar no espaço, a condição física dos blocos, assim como outras características que estariam ligadas às formas de morar, principalmente da atribuição de valores ligados a segurança e bem-estar presentes em uma das zonas descritas. A zona residencial goza de maior prestígio frente a comercial por se aproximar do estilo de vida e padrões estéticos e organizacionais de seu entorno, o do bairro Leblon. Por isso, acreditamos que pode ser uma área onde o processo de aburguesamento se desenvolva mais fortemente apesar das altas cifras dos imóveis e da oferta de locação ser menor.

Frente a um histórico de incertezas que rondam a Cruzada São Sebastião sobre a sua permanência em um local nobre da Zonal Sul, a expulsão desses moradores por um processo via mercado, tem se apresentado com grande possibilidade, uma vez que não existem impedimentos jurídicos quanto a venda de

6 A falta de organização é reclamada nos momentos de conflito, está relacionada a reapropriação do espaço segundo os interesses particulares dos moradores, sobretudo de natureza comercial. Dando funções diferenciadas a corredores e espaços externos, de acordo com as suas necessidades. Processo onde “espaço público” e “espaço privado” se confundem; fazendo surgir “puxadas” feitas encima de pontes e sobre os corredores, estabelecimentos construídos sobre a área comum do térreo dos prédios. Essa lógica mais “orgânica” de organização do espaço é que faz seus moradores se diferenciarem do seu entorno, uma vez que estes, se pautam por uma lógica “racional” onde existe, uma forma e função apropriada para cada coisa. Esta forma de organização orgânica é muita das vezes dada como sinônimo de “desorganização” seja para os moradores de fora como para os de dentro do conjunto, sendo mais um dos elementos constitutivos para atribuição do estigma no local. Para maior entendimento da questão ler. MELLO, M, & VOGEL, A. (1983).

tais imóveis⁷. Panorama somado a uma valorização de 135% em menos de dois anos⁸, o que tem atraído novos personagens ao local.

5.1 Em busca do perfil dos novos moradores.

Como encontramos aquilo que não vemos? Essa foi a pergunta que esteve presente na minha cabeça durante grande parte da confecção desta pesquisa. Foi o que me fez pensar em diversas estratégias para que pudesse chegar a elaborar um perfil dos novos moradores que chegavam a Cruzada São Sebastião. Sabia que havia esse movimento de chegada, porém não foi nos vários espaços de uso comum que consegui encontrá-los.

Segundo jornal O Globo, esses novos moradores seriam profissionais liberais, jovens estudantes e investidores, que chegam a Cruzada São Sebastião em busca de um lugar bem localizado por um preço que podem pagar em meio ao processo de aumento do preço dos imóveis na cidade.⁹ O que vai de encontro com o perfil apontado por algumas pesquisas sobre gentrificação, que identificam o perfil desses novos moradores (em cidades como Bruxelas, Lyon e Barcelona) como “pessoas sóas ou casais jovens, com bom nível de instrução e bom poder de compra”. (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006, p.15). Frente a isso será que esses padrões predefinidos de perfis gerados pela gentrificação refletem-se no nosso campo de estudo? Creio que em parte sim, porém não podemos esquecer que antigos grupos (como “nordestinos”) continuam chegando ao local e que estes não apresentam o perfil como descrito dentro dos jornais e na literatura sobre o tema (gentrificação). Aliás, dado as características socioeconômicas, esses migrantes não compõem a gentrificação, para o uso evocativo de uma substituição populacional marcado pelo viés de “classe social”.

Como podemos perceber até o momento, um dos grandes desafios, sem dúvida, foi conseguir identificar esses novos moradores e estabelecer um contato prévio, quiçá uma entrevista ou conversa informal. Muito se fala sobre aqueles que chegam, porém ao certo não se sabe quais comportamentos, interações e grupos

7 Já que existe um montante de moradores que são proprietários de seus apartamentos.

8 Reportagem da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário.

9 Reportagem Jornal o Globo “Imóveis na Cruzada se valorizam em até 135%”.

sociais estes pertenceram. O pouco que pude perceber inicialmente é que esses não frequentavam os espaços públicos dentro da localidade.

Para chegar a tal constatação frequentei alguns locais dentro do conjunto da Cruzada São Sebastião que são espaços de encontro como; um cineclube, organizado por alguns jovens moradores, alguns bares, mercadinhos e salões de beleza situados dentro do conjunto. Optei pela prática de flânar¹⁰ no campo como estratégia para provocar encontros, ou seja, circular no local para poder conseguir fazer contatos com os novos moradores.

5.1.1 A Comissária.

Perto da minha aposentadoria, vi a Varig e a Aerus (o fundo de pensão da companhia) irem à falência. Na época, morava em um apartamento de 120 metros quadrados a uma quadra daqui, e a primeira coisa que pensei foi: "como vou me manter aqui?". Pagava um condomínio de R\$ 1.200 e só pensava que, à beira dos 50 anos, não arranjaría um emprego que me permitisse ficar. Por isso decidi me mudar. Pensei na Barra, mas vi que não daria para fugir do condomínio. Foi então que percebi que a solução seria vir para cá. Moraria no mesmo lugar, a duas quadras da praia, perto da escola da minha filha, e conseguiria viver com a minha aposentadoria. Dayse Soleti, ex-comissária e recém-moradora da Cruzada São Sebastião. (O GLOBO, 27/10/2013)

Poucos desses locais que frequentei me propiciaram o encontro com o público desejado. A ida ao salão de belezas foi o que me rendeu maiores frutos. Em uma das idas conheci Dayse, a ex-comissária de bordo uma das primeiras pessoas que saíram no jornal, sendo apontada como uma personagem da "gentrificação" no local. Esta foi muito solícita e me disse que cortava o cabelo no salão do 'Nego B' há algum tempo. Quando ela chegou, eu estava cortando o cabelo e fui surpreendida por ela falando: "Olha seu corte é igual ao meu", quando levantei a cabeça pude ver de quem se tratava.

Dayse figura em algumas reportagens sobre a gentrificação na Cruzada. A reportagem¹¹ da qual retiramos alguns trechos que trabalhamos aqui neste capítulo é bem emblemática, em vários aspectos: O primeiro deles é aposta do jornal O Globo na ideia de mudança de significado do conjunto (de ilha de pobreza para lugar de

10 Alusão ao *flâneur* descrito por Baudelaire (1997), aquele observador da cidade e das multidões que lança o olhar para as simples coisas do cotidiano, que pratica a arte de flânar (andar) pela cidade dando-a sentidos.

11 Imóveis na Cruzada se valorizam em até 135% - 27/10/2010

valorização). Anos atrás, mais precisamente em 2007, quando a Cruzada São Sebastião se preparava para comemorar seus 50 anos de existência, moradores do conjunto, principalmente aqueles que permaneciam no local desde a fundação, abriram suas portas para o mesmo veículo de comunicação registrar esse momento de festividade, porém o que foi visto foi mais uma reportagem avacalhadora, que além de reproduzir estereótipos daquele lugar como ilha de pobreza, trouxe à tona diversas denúncias sobre uma suposta dívida, em relação ao não pagamento de impostos por aqueles que ali moravam.¹² O que cai por terra com essa nova narrativa que se pretende traçar.

Nesse novo momento os personagens são outros (apesar de Manoel, morador antigo também aparecer na mesma reportagem)¹³ os novos moradores são o foco, são mostrados através da figura de uma mulher, classe média, branca, solteira, que mesmo recém chegada já é pintada como nova personalidade local.

Imagem 44 - Dayse em seu apartamento na Cruzada São Sebastião.



Fonte: Custódio Coimbra (Agência O Globo, 2013).

¹² Episódio também relatado na tese de SIMÕES (2008)

¹³ Talvez uma alusão a ideia de transição de perfil que vem se desenhando como possível de ocorrer no local.

Trocam-se as acusações pelos elogios e principalmente pela esperança de que dias melhores estariam por vir, graças a chegada desse novo perfil de morador, encarnado na figura de Dayse, descrita como uma mulher que é capaz de “influenciar positivamente o cotidiano daquelas famílias” (anteriormente descritas como integrantes da “ilha de pobreza”), trazendo assim, civilidade, bom gosto e requinte a esse ambiente, como podemos ver nesse pequeno trecho da reportagem:

[...] ex comissária de bordo da Varig, ela se viu sem condições de manter o seu apartamento, na Rua Almirante Guilhem, no mesmo bairro. Não titubeou: vendeu o imóvel e comprou o apartamento de quarto e sala que, totalmente remodelado, virou referência de bom gosto e decoração para os vizinhos que, em sua maioria, moram em apartamentos humildes e mal conservados. (O GLOBO 27/10/2010)

Dayse, contudo, tem se mostrado uma personagem controversa a análise sobre os novos moradores, A ideia que se tem generalizado sobre os novos moradores é que esses não se entrosam e Dayse aparenta ter um comportamento contrário a este, se comportando como uma espécie “personalidade” local. Ela se apresenta como uma pessoa bem entrosada com os vizinhos e acredita contribuir para que estes melhorem de vida:

Fui muito bem recebida e busquei servir de exemplo para os novos vizinhos, trazer algo que melhorasse a situação de todos. Hoje, as pessoas me convidam para as festas, pedem ajuda na reforma de suas casas. E alguns amigos já manifestaram a vontade de vir pra cá. Conversei com o síndico do bloco e acho que podemos fazer melhorias. Estamos cobrando uma taxa extra e estudando a possibilidade de alugar um espaço no térreo, para um pequeno estabelecimento e reverter o dinheiro para o condomínio. (O GLOBO – 27/10/2013)

A fala a respeito do não entrosamento aparece colocada por antigos moradores que pautam suas relações via interação face a face, onde ocorre uma interação maior entre os vizinhos, diferente do que fazem os novos moradores, que, segundo os mais antigos, não demonstram interesse pela vida local, como descreve Manoel:

Eles trazem a cultura de apartamentos como os da Selva de Pedra (condomínio em frente a Cruzada), onde ninguém se quer se cumprimenta. Esse pessoal novo não parece, não procura saber o que acontece na vizinhança. Vive trancado em casa ou vive na rua A maioria é solteira e não tem filhos. (O GLOBO – 27/10/2013)

A fala de Manoel lembra uma passagem interessante encontrada no livro de JACOBS (2000) que fala do processo de evitação como uma suposta autodefesa de uma vida privada, que pode ser uma das explicações sobre o não envolvimento dos novos moradores:

Se o mero contato com os vizinhos implica que você se envolva na vida deles, ou eles na sua, e se você não puder selecionar seus vizinhos como a classe média alta costuma fazer, a única solução lógica que resta é evitar a amizade ou favorecimento de ajuda eventual. É melhor manter-se bem afastado. O resultado disso na prática é que se deixam de realizar as obrigações públicas comuns – como cuidar das crianças -, nas quais as pessoas precisam ter um pouco de iniciativa pessoal, ou aquelas em que é preciso associar-se por um propósito comum. (JACOBS, 2000, p.70)

O comportamento recluso adotado pelos novos moradores seria então um fator de rompimento com a sociabilidade local, fenômeno que também aparece descrito acima nos estudos de Jacobs (2000) no conjunto habitacional de Greenwich Village na década de 60. Esse não envolvimento também pode ser justificado pela falta de confiança entre os supostos vizinhos, que acaba induzindo a adoção de tais comportamentos, como os descritos por uma assistente social no livro de Jacobs (2000), sobre a vida em um conjunto habitacional de baixa renda do East Harlem:

Não devo me tornar muito amiga de ninguém. Meu marido não confia em amizades as pessoas são muito fofas, e podem nos meter em um monte de encrencas. É melhor que cada um cuide de sua vida. Uma das mulheres, Sra. Abraham, sempre sai pela porta dos fundos do prédio porque não quer contato com as pessoas que ficam na parte da frente. E também um homem, Sr. Colan (...), não permite que sua mulher faça amizades no prédio, por não confiar nas pessoas que lá residem. (JACOBS, 2000, p. 71)

5.1.2 Os Estrangeiros.

Uma vez colocada a questão da não “integração” dos novos moradores busquei me ater ao que poderia retirar de análise desses posicionamentos e se estes poderiam estar diretamente relacionado ao estilo de vida que esses novos moradores trazem consigo. Um estilo de vida que, segundo as fontes, estaria relacionado a uma vida individualizada das grandes cidades, onde os comportamentos são próximos ao do homem *blasè* descrito por Simmel (1979), onde

se adquire uma grande capacidade de não reagir aos estímulos que estão ao seu entorno. Resultando na produção de um modelo de interação “mais frio” baseado na impessoalidade das relações sociais.

Poderíamos acionar uma outra categoria pensada pelo mesmo autor para trabalhar o perfil dos novos moradores. Esta, sem sombra de dúvidas, é a figura do estrangeiro e a noção social do termo:

Não se usa aqui, destarte, a noção de estrangeiro no sentido habitual, em relação aquele que vem hoje e amanhã se vai, mas como o que vem hoje e amanhã pode permanecer – porque era possível se mover e, embora não siga adiante, ainda não superou completamente o movimento do ir e vir. Fixo dentro de um determinado raio espacial, onde a sua firmeza transfronteiriça poderia ser considerada análoga ao espaço, a sua posição neste é determinada largamente pelo fato de não pertencer imediatamente a ele, e suas qualidades não podem originar-se e vir dele, nem nele adentrar-se. (SIMMEL, 2005, p. 1)

Vemos a chegada de estrangeiros ao local, que são desde “nordestinos” até mesmo pessoas de outras nacionalidades. Assim como no Parque da Cidade e Vidigal, a Cruzada São Sebastião tem atraído novos moradores de diversas nacionalidades. Soube da existência (ao menos no perímetro do bloco onde morava) de quatro deles, todos latino-americanos. Um primeiro rapaz veio do Haiti trabalhar em uma barraca de hambúrguer instalada nas imediações da nova ponte do Jardim de Alah (uma das saídas/ entradas da Cruzada). Estabelecimento esse que a meu ver foi uma das primeiras tentativas de se adequar aos possíveis gostos dos novos moradores. Uma espécie de “trailer” que vendia hambúrguer artesanal (parecidos com esses que são vendidos nas chamadas feiras de *Food Truck*).

A inovação não se dava apenas pela escolha do produto a ser vendido (algo que ainda não havia sido comercializado naquele local) mas pelas vestimentas utilizadas por aqueles que ofertavam o tal do hambúrguer *gourmet*. Os responsáveis pela preparação da comida usavam avental e chapéu de chefe de cozinha no preparo dos alimentos. Como se ali, na beira do canal do Jardim de Alah, trazendo aos nossos olhos a materialização de uma cozinha de restaurante a céu aberto.

Como o personagem principal de Alfred Hitchcock em a Janela Indiscreta, passei a bisbilhotar a vida dos vizinhos assim como toda a movimentação que existia em frente à minha janela (no caso o bloco 2). Assim, que consegui avistar os outros três latino- americanos. Em uma terça-feira chuvosa de outubro (depois de algumas semanas de observação) tomei coragem e fui até o segundo bloco tentar entrevistar

uma das meninas que tinha avistado. Confesso que esperava uma recepção mais amistosa, bem como os novos vizinhos brasileiros costumavam fazer. Porém, até mesmo por ser uma estrangeira no ambiente, Lujan se mostrou cautelosa. Primeiro cheguei ao portão colocado na entrada do corredor onde mora e toquei a companhia, que parecia não funcionar. Resolvi então aguardar com uma amiga que me acompanhava, no campo na escada, até que a nova moradora aparecesse no corredor. Acabei levando uma amiga, a essa empreitada no campo pois não sabia ao certo qual o idioma que a nova moradora poderia falar. Se fosse língua inglesa (a qual não tenho fluência) ela entraria em ação como minha intérprete.

Por fim, esperamos alguns segundos, até que Lujan apareceu no corredor. Maria avistou Lujan e me chamou enquanto conversava com uma outra moradora (nativa) do mesmo bloco em busca de informações a respeito dos novos moradores. Rapidamente terminei a breve conversa e fui falar com Lujan. A princípio ela se mostrou um pouco receosa, pois quando perguntei a ela se poderíamos conversar por um instante, ela logo perguntou: “Do que se trata?” Nesse momento me apresentei e contei que era pesquisadora e que estava em busca de novos moradores para entrevistar. Depois de um momento de silêncio Lujan entrou para apartamento e pegou as chaves do portão para abrir e falar comigo.

Esta me recebeu no portão de casa (não pude ter acesso à parte interna da sua casa, como fiz com alguns entrevistados). Comecei a fazer algumas perguntas a ela relacionadas a sua chegada à Cruzada São Sebastião e ela foi respondendo. Me disse que antes de morar no conjunto ela tinha morado em Copacabana e que estava no Rio de Janeiro desde Dezembro de 2014. Que antes de morar na Cruzada São Sebastião passou por dois lugares: um hostel e por um quarto no mesmo bairro da Zona Sul do Rio. Lujan me disse que veio morar na Cruzada por intermédio de um amigo que já tinha ouvido falar do local.

Ela estava precisando de um lugar mais barato para morar mas que fosse na Zona Sul, próximo ao seu local de trabalho. Porém, para morar na Zona Sul da cidade, Lujan percebeu que teria que desembolsar uma boa quantia da qual não dispunha. Segundo ela, nessa região da cidade era tudo muito caro e como ela queria continuar a morar na Zona Sul veio para a Cruzada São Sebastião. Disse que gosta do ambiente, porém quando perguntei se ela frequentava algum estabelecimento do local ou tinha amigos dentro do conjunto, ela disse que não. Sua rede de amigos se restringia (pelo menos dentro da Cruzada São Sebastião) a

outros moradores também estrangeiros que moram no segundo bloco. Com os demais moradores Lujan disse que apenas cumprimenta com um simples bom dia e/ou boa noite.

Como podemos ver para estes estrangeiros, o pertencimento ao local ainda parece algo que está longe de se fazer pertinente¹⁴. Uma vez, que essas pessoas chegam aqui sem nenhum tipo de contato prévio com o local, como era recorrente em períodos anteriores, onde as pessoas chegavam a morar na Cruzada por uma indicação de alguém ou por conhecer alguém que já morasse na av. Borges de Medeiros nº 699¹⁵.

E buscando entender e conhecer um pouco mais sobre esses estrangeiros, leia-se também como novos moradores, que fui atrás de outros personagens que pudessem estar dispostos a compartilhar comigo um pouco da sua vida no conjunto, suas impressões, hábitos e modos de vida.

5.1.3 O Estudante.

É tudo muito caro na Zonal Sul, senão for comunidade ou favela, é esse o preço da especulação mesmo e não rola, ia pagar em um quarto individual de um apartamento qualquer sei lá em Copacabana R\$1.500 fácil, acho que até mais se for individual. Geralmente a galera paga R\$1.000 para dividir e morar num quartinho de empregada. [...] Vou focar a busca nas comunidades que são os locais onde tem os preços mais em conta, o que ainda assim são absurdos! Vinícius, mestrando e recém morador da Cruzada São Sebastião, 24 anos

O primeiro novo morador que entrevistei se encaixa no perfil dos *"gentrifiers"*. É um homem branco, solteiro, mestrando da PUC-RIO, que possui gostos nada convencionais quando comparados aos seus vizinhos originários, em sua maioria, da favela da Praia do Pinto. Nos conhecemos antes dele se tornar morador do conjunto, por via de uma disciplina que realizamos juntos no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesta época, o futuro vizinho morava em Triagem, bairro da Zona Norte da cidade.

Este chegou a tal local depois de uma árdua procura por apartamentos na cidade. O entrevistado buscava inicialmente apartamento em áreas nobres da cidade do Rio de Janeiro, Zona Sul e Tijuca, porém, devido ao alto preço dos

14 Mesmo depois de algum tempo de vivência no local.

15 Endereço oficial do conjunto.

aluguéis, ele só conseguiu arrumar algo que pudesse pagar na Zona Norte do município. Até aquele momento, Vinícius não tinha considerado a possibilidade de procurar imóveis em áreas da cidade como favelas e outros locais que poderiam ter uma boa localização, apesar de não contarem como uma “boa reputação social”¹⁶. Porém, ao constatar os altos preços este passou a considerar tal possibilidade, já que passava muitas horas no transporte público entre o percurso Triagem – PUC-RIO (Gávea).

Vinícius, antes de ir para Triagem, chegou a ter uma breve experiência como morador de dois bairros da Zona Sul carioca: Flamengo e Glória. No Flamengo este não permaneceu por muito tempo. Ele relatou alguns problemas no local que incidiram sobre a sua estada, estes eram em relação ao tamanho do apartamento e ao alto custo que tinha, o que não garantia um bom custo-benefício para o estudante de mestrado. No Flamengo ele dividiu um kitnet com uma menina e pagava mais de 1000 reais¹⁷.

Na Glória, morou em uma República de estudantes que, segundo ele, já tinha um aluguel mais acessível (algo em torno de R\$ 700,00). Ficou durante seis meses neste domicílio, mudando-se posteriormente para Triagem onde pagava R\$ 1000,00 por uma casa de Vila de dois quartos (que dividida com um amigo). A mudança foi impulsionada pelo preço do imóvel e pelas condições de vida mais baratas, que Vinícius encontrou na Zona Norte da cidade.

A chegada do entrevistado a Cruzada São Sebastião se deu devido a uma oportunidade de estágio que este conseguiu dentro da própria PUC. Que, conseqüentemente, acabou intensificando o trajeto Triagem – PUC. Vinícius sentiu desejo de estar mais próximo ao local de trabalho e de poder ter uma qualidade de vida melhor, já que agora passava muito tempo no deslocamento entre esses bairros, o que ocasionou alguns transtornos, que vão além da perda da qualidade de vida até o seu baixo rendimento acadêmico, uma vez que as horas de estudo diminuiriam devido ao longo trajeto que percorria.

Vinícius ouviu falar sobre a Cruzada São Sebastião pela primeira vez por meu intermédio, quando apresentei minha proposta de trabalho final de tal disciplina que cursamos juntos. A sua mudança, no entanto, só se fez meses depois. Cheguei até a

16 Devido ao estereótipo criado que já discutimos em capítulos anteriores.

17 Segundo Vinícius os custos deste apartamento chegavam aproximadamente ao teto de R\$3.000,00 contanto os valores do aluguel mais as taxas.

passar alguns anúncios imobiliários a ele, porém não foi tão fácil alugar algo na Cruzada São Sebastião. Os apartamentos são muitos disputados, ainda mais os menores, que são mais baratos e costumam ser locados com muita rapidez. Antes de chegar a procurar na Cruzada São Sebastião, Vinícius procurou em algumas favelas da cidade, como o Parque da Cidade. Porém, como não conhecia ninguém que morasse nesse espaço, teve dificuldades de conseguir uma locação.¹⁸

Ele teve a sorte que de em uma de suas peregrinações atrás de um apartamento no local, conhecer uma figura importante e influente dentro da localidade, ninguém menos que Joel, filho de moradores fundadores do local, e ex-presidente da AMORABASE¹⁹. (Personagem já retratado no início desta dissertação) Joel rapidamente utilizou-se do seu capital social para conseguir um apartamento para Vinícius.

Imagem 45 - Vinícius a meia luz em seu apartamento na Cruzada São Sebastião.



© Thaianne Barbosa

Fonte: Thaianne Barbosa (2015).

¹⁸ Também pela grande concorrência que se apresentava na hora de alugar um imóvel. Segundo Vinícius, no Parque da Cidade os locatários tem dado preferência a estudantes de outras nacionalidades que procuram os imóveis, pois assim podem alugar por um valor mais alto.

¹⁹ Associação de Moradores da Cruzada São Sebastião

No entanto, antes disso, Vinícius esteve prestes a conseguir alugar um apartamento no sexto bloco, que custava R\$1.700. Porém, outra pessoa que visitou o apartamento antes dele acabou fechando negócio com o proprietário. Este conta que a negociação era direto com o dono, que havia sido “nascido e criado” dentro da Cruzada São Sebastião, porém não morava mais lá. Vinícius se sentiu aliviado apesar de não ter conseguido a locação, isto devido a relação custo – benefício que, segundo ele, novamente não era benéfica. Apesar de bem localizado, o apartamento não era de dois quartos, como constava no anúncio. Um dos quartos se tratava de “uma puxada” construída pelo proprietário, algo comum na localidade, onde os proprietários dos apartamentos no final do corredor se apropriam deste com a finalidade de expandir seu imóvel. Frente a isso Vinícius reclamou:

Na foto o apartamento dava a impressão de ser de dois quartos, mas, na verdade, se tratava de uma expansão, o quarto expandido não tinha janela, não fizeram uma expansão bem feita. Ai eu pensei não vou pagar isso tudo em um dois quartos meia boca. [...] Ai não tem nem o que falar, um desabafo meu, a galera é louca, a galera pira, Não é que é problema da galera. A verdade é que a cidade é louca e está a serviço do capital e qualquer metro quadrado de bosta vale ouro. Isso é um absurdo, a galera vive em condições muito precárias e paga um preço absurdo, exorbitante pra isso.

Vinícius, durante a entrevista que realizamos em sua casa, me contou, além de suas vivências na cidade do Rio de Janeiro, como tem sido a sua vida como morador da Cruzada São Sebastião. Busquei neste momento tentar fazer com que ele pudesse descrever o local através de suas percepções visuais e até mesmo olfativas.

Ele me disse que consegue enxergar diferenças entre os blocos, e até mesmo o próprio Joel já tinha relatado essas particularidades a ele, quando estava indicando quais seriam os melhores blocos para que ele alugasse o apartamento. Pude constatar na fala tanto de Vinícius como na de Joel (pelo que me foi contado por Vinícius) que existe uma hierarquia social entre os blocos como apresentei em capítulos anteriores desta dissertação.

Vinícius, quando fala dessa diferença existente entre os blocos, recorre à ideia de perfis diferentes que, para análise deste trabalho, é mais que oportuna:

Você vê que os perfis vão mudando conforme os blocos vão avançando. É chocante porque você chega do Leblon pra cá, do Shopping Leblon pra cá e você vê na arquitetura mesmo. Nos primeiros lá (nos últimos blocos no caso) são mais arrumadinhos, são mais limpos, tem menos entulho,

geralmente o portão fica fechado, e você vê que é um perfil diferente. Tipo eu acho que talvez, não sei se é mais familiar, acho que não porque todos são familiares, porque tem muitas famílias morando aqui no conjunto, mas acho que é outro perfil, até mesmo socioeconômico.

Em relação aos preços dos imóveis no local, Vinícius se mostrou indignado com os valores, principalmente, dos preços dos imóveis à venda que de acordo com a pesquisa que venho fazendo pode chegar a variação de R\$300.000,00 a R\$500.000,00 mil reais. O entrevistado nos diz que os preços estão muito elevados, não só aqui na Cruzada como em todo o Rio de Janeiro. Nos dá como exemplo a casa em que seus pais vivem no interior de São Paulo. Segundo ele, esta casa de 3 quartos estaria sendo cotada no mesmo preço dos kitnets no local, uns R\$300.000,00 reais:

As primeiras vezes que vim visitar, procurar apartamento eu fiquei sabendo que tinha kitnet sendo vendida por trezentos, quatrocentos mil, eu fiquei tipo, o que que é isso? Trezentos, quatrocentos mil não tem o que falar, assim, a casa da minha mãe custa menos que isso na minha cidade, a casa de três quartos em um terreno dez por quarenta quase. A casa da minha mãe deve custar uns duzentos mil, duzentos e cinquenta no máximo. E uma kitnet de dois por três, trezentos mil reais, não dá, é um absurdo. A ideia do absurdo é essa. A gente mora em um lugar minúsculo desse pagando por um preço que não vale.

Em relação ao seu pertencimento e experiência de vivência no local, Vinícius nos relatou que se sente como um desencaixado no local, usando o termo que ele mesmo empregou durante quase toda a entrevista: um *outsiders*

Eu venho pensando muito nessa relação entre o local e sei lá...outsiders, tem muito isso aqui, eu me sinto muito outsider, você não se sente?

Neste momento Vinícius tenta me questionar a respeito do meu pertencimento ao local, uma vez que ele sabe que temos gostos e frequentamos locais parecidos. Para não perder o momento da entrevista e talvez tirá-lo de foco refaço a minha pergunta a ele sem responder a provocação: Porque que você não se sente pertencente? Você acredita que ainda não se adaptou ao local, acha que destoa dos demais? Sem titubear ele me responde:

Claramente não né, eu sou branco, pra começar, sou classe média, não vou mentir, e se não for uma classe média no sentido econômico da coisa eu tenho uma vida classe média, eu sou universitário. Trabalho mas não é carteira assinada, tipo um projeto, um estágio - bolsa, alguma coisa do tipo. Que cara de 24 anos que faz um mestrado, pior né, em uma das faculdades

mais elitizadas do país (PUC)...é definição de classe média né? Então na Cruzada é muito claro que eu pareço ser outsider, senão me sentir outsider, pelo menos aos olhos da galera com certeza. O que eu vejo é que o pessoal tem uma vida de trabalhador, acordar cedo e ir para o trabalho, acordar cedo pegar os carrinhos com as barracas e cadeira de praia e ir trabalhar (o entrevistado se refere as pessoas que locam os espaços embaixo dos prédios que trabalham como barraqueiros nas praias próximas) e voltar a noite. Acho que esse é um perfil forte do local.

Aproveitando tal pergunta, aproveitei para falar sobre os novos moradores, tentando extrair do entrevistado um determinado perfil daqueles que estão chegando, buscando saber se tal perfil se assemelha ou difere daqueles que já habitam o local, indaguei-o da seguinte forma:

Você acredita que esses novos moradores que estão chegando tendem a partilhar do mesmo perfil que o seu?

Eu acho que ...andei percebendo que está aumentando sim a busca pelo local, as pessoas estão conhecendo mais e mais, por exemplo, eu não via nenhum anuncio da Cruzada no face (rede social Facebook), em nenhum grupo e esses dias, faz umas duas semanas que eu vi uma menina do oitavo bloco ou do sétimo, eu não lembro, só sei que tinha um anúncio no face de uma menina daqui que estava se mudando e procurando alguém para ficar no lugar dela. Era 1.500 de um quarto, sala e isso não tinha antes no face. Engraçado é que no anúncio dela ela faz um breve apresentação do que é a Cruzada. Isso é sintomático, ela sabe que a galera não conhece e isso contribui para o aumento de busca do lugar, as pessoas agora divulgam nos grupos, o que acho que antes não era feito. Porque o que eu percebo que aqui as coisas são muito no boca a boca, você consegue as coisas assim, não sei se é porque não é muito conhecido o lugar ou se é porque é uma coisa do lugar talvez, não sei.

O anúncio citado na fala de Vinícius é o que segue abaixo, consegui retirá-lo de um grupo de aluguéis do Facebook (rede social):

Olá! Estou de mudança do apartamento que morei por dois anos e estou ajudando a proprietária a encontrar um novo inquilino bem bacana. Não sei se vocês conhecem a Cruzada São Sebastião, mas é um condomínio de 10 blocos no Leblon (Rua Humberto de Campos) para a classe mais alternativa. Super bem localizado, na quadra do Shopping Leblon, duas da Praia do Leblon e uma quadra da Lagoa Rodrigo de Freitas. O apartamento tem um quarto, sala, cozinha e banheiro (não é kitnet). Estou sem fotos no momento, mas logo posso enviar, como estou de mudança, está tudo uma bagunça, rs. Vou colocar o valor do aluguel (R\$ 1.500,00 com condomínio – luz) de tanto que vejo o pessoal reclamando, e antes de qualquer oposição, também acho injusto os valores do Rio de Janeiro e principalmente Zona Sul, mas é isso, não vêm me falar que é favela e que não tem elevador e blablabá. Sim, este é o detalhe para quem gosta de um exercício básico diário, o apartamento fica no sétimo andar, e não há quem não acostume, a vista para a Lagoa Rodrigo de Freitas todos os dias, vale muito a pena. Contatos in Box para quem tiver mesmo afim de mudar já no fim do mês ou começo de agosto.

A definição do local como um lugar para uma classe “mais alternativa”, me lembrou exatamente as discussões levantadas por Bidou-Zachariasen (2010) em seu livro. Quando a autora fala na ascensão de uma “nova classe média”²⁰ nesses espaços que estão passando por um processo de gentrificação, de acordo com ela, esses novos moradores fazem parte de uma classe média desprendida de alguns valores tradicionais, estando estes acostumados a morar em locais onde existe uma mistura de classes sociais. Normalmente são estudantes ou casais jovens que não chegam a ter uma renda muito alta, mas que possuem um capital cultural elevado.

Em relação ao conteúdo geral do anúncio podemos ver que a localização e as belezas naturais que cercam o imóvel são o chamariz principal, e ao mesmo tempo que a sua constituição como favela é negada, a identificação como tal se apresenta como algo negativo em contraposição aos pontos positivos. Uma das minhas hipóteses é de que as imobiliárias que atuam no local adotem tal perspectiva, como a presente no discurso de Nicolle, em prol da tentativa de desvencilhar o local de um estigma de favela que historicamente acompanha o conjunto, uma estratégia de valorização do imóvel.

Voltando à entrevista, Vinícius também lembrou da importância da abertura da rua Bruno Padre Trombeta (Rua da Cruzada – antiga continuação da rua Humberto de Campos) para a circulação de veículos como um dos acontecimentos que tem feito as pessoas conhecerem mais o local, apesar de muitas pessoas, de acordo com a fala do entrevistado, parecerem não gostar muito do que veem quando passam pela rua:

Com a obra do metrô está passando mais carros nesta rua, eu imagino que quando não tinha obra passava pouco carro nessa rua era muito menos movimentado e dá para ver a reação da galera passando na frente, é aquela reação de choque. A galera quando passa a pé eu vejo que algumas pessoas não passam na calçada da cruzada, passam naquela outra calçadinha que nem é uma calçadinha, que é só uma sarjeta, é esse preconceito, a galera que mora no Leblon eu já ouvi falar que não gosta que fale que tem a Cruzada.

A abertura da rua se deu pela chegada da linha 4 do Metro, que fica praticamente colada à Cruzada São Sebastião. A chegada de tais serviços, por se tratar de um incremento urbano, contribui, conseqüentemente, para aumentar o fluxo

20 Que não tem ligação com que vem sendo designado aqui no Brasil como a nova classe média. Portanto não existe referência ou ligação com o trabalho de NERI(2008), é apenas um termo designado pela autora para falar sobre esse novo perfil de moradores que tem aparecido nos lugares que passam por gentrificação.

de pessoas no local também para aumento do preço dos imóveis que ficam no entorno do metrô. Essa hipótese se confirma principalmente em relação às expectativas dos proprietários frente a valorização de seus imóveis. Quanto ao incomodo dos passantes nas delimitações do conjunto, presentes na fala de Vinícius, mais uma vez remete ao estigma que se perpetua no imaginário social sobre o local e que foi parte da discussão que apresentamos nesta dissertação.

A questão da privacidade também foi abordada na entrevista com Vinícius, que indaga seu desconforto frente a "falta de privacidade" existente dentro do conjunto:

Se eu abro a janela a galera do outro bloco está olhando, se eu quiser ficar pelado e quiser que ninguém me veja eu tenho que fechar a janela, Mas acho que lido bem com a questão da privacidade porque eu nunca tive muita privacidade, por exemplo na casa da minha mãe, eu sempre dividi o quarto com a minha irmã, eu já cresci com essa coisa realmente de não me sentir com privacidade e eu morei sempre com amigos então acho que isso meio que me fez levar isso de boa.

A ideia da privacidade colocada pelo entrevistado, remete a um ideal burguês, que de acordo com a sua fala não faz parte do cotidiano vivido na Cruzada São Sebastião. Uma vez que a própria arquitetura do conjunto remete a uma lógica de vigília entre os vizinhos, revelada por exemplo num simples fato de subir as escadas dos blocos. Através desse ato já se pode ter um ângulo amplo da visão dos cômodos de seus moradores. Um ambiente onde a projeção remete para uma lógica "anti-privativa", onde todos estão sendo vistos e vigiados a todo o momento. Até mesmo pelo tipo de sociabilidade que é desenvolvida no local. O que de uma certa forma poderia ser colocado como o lado "negativo" dessa vida desenvolvida no seio da vida comunitária. A privacidade aqui esbarra na tensão entre público e privado, uma vez que a casa é vista como um objeto classificado na esfera do privado que aqui se mostra também como um elemento pertencente a esfera pública, no sentido que esta se oferece livremente à observação do passante, no caso, do observador.

Os pontos destacados como negativos na experiência de morar no conjunto foi atribuído ao valor do aluguel pago. De acordo com Vinícius, este valor poderia ser bem mais barato do que é realmente.

A minha noção de justiça, do que é justo depois que mudei para o Rio mudou completamente, eu sei que a cidade é cara e isso me conforta de pagar 900 reais. Porque eu penso, não vou pagar 900 reais em um lugar pra

mim sozinho em nenhum lugar da Zona Sul, sei lá, pelo menos daqui até Copacabana. Claro talvez no Parque da Cidade, no Vidigal, mas senão for nesses lugares.

Apesar do valor do imóvel ter aumentado na Cruzada, o valor dos imóveis para alguns moradores que chegam ainda é acessível, uma vez comparados aos valores dos imóveis em bairros vizinhos, fora de áreas marginalizadas como os conjuntos habitacionais e as favelas. O que remete a este grupo de novos moradores a possibilidade de “morar bem”²¹ pagando relativamente pouco. O que pode ser um chamariz para chegada de novos moradores com uma condição socioeconômica melhor do que os nativos do local. O que de certa forma, de acordo com a bibliografia que remete aos estudos de gentrificação, pode significar ainda mais o aumento dos valores de custo de vida no local e conseqüentemente a expulsão daquela camada que não consegue acompanhar o encarecimento daquele espaço.

Outro aspecto levado em consideração na entrevista realizada foi a questão da interação dos novos moradores com os antigos moradores (questão que aparece nas falas da comissária e de Manoel) Vinícius fala de como foi a recepção da chegada desses novos moradores a um novo ambiente, que muito das vezes é bem diferente do que o novo morador está habituado: “A relação é boa, muito boa desde que eu vim visitar essa kitnet que a Vera me apresentou. Eu fui muito com a cara dela, ela foi simpática.” Vinícius me contou em outro momento desta entrevista uma história que ilustra o tipo de sociabilidade que ele esperava encontrar em seu novo local de moradia:

Eu gosto de cozinhar, e a Vera (vizinha) detesta cozinhar e as vezes quando estou cozinhando de porta aberta, ela passa, vê que eu estou cozinhando, sente um cheiro bom e vem perguntar o que eu estou fazendo e tal... a gente troca comida as vezes, quando eu faço algum doce, alguma coisa eu dou pra ela um pouco, ela come, ela adora. Aí teve um dia que ela disse que ia cozinhar, era um final de semana. Ela ia fazer um pernil, eu disse pra ela; vamos comer juntos. Eu faço a salada então. Beleza, chegou no domingo, ela disse: já estou assando o pernil e eu disse que ia começar a salada. Na minha cabeça eu estava pensando, a gente faz e junta a comida, ela come aqui comigo ou eu como na casa dela. Aí quando terminei fui chamá-la. Disse: Vera já terminei a salada, vamos comer? Ela disse: Vamos! Eu perguntei: Você quer vir aqui para a minha casa ou eu vou para a sua? Ela disse: Cada um na sua, cada um come no seu canto. (Quando Vinícius começou a rir e continuou a sua fala) Eu fiquei chocado! Sem reação, porque eu estava esperando que ela fosse vir aqui ou eu ir na casa

21 Em local bem localizado, com acesso a uma variedade de transporte e infraestrutura (água, luz, saneamento).

dela. Isso mostra que esse negócio de todo mundo ser receptivo tem muito a ver com essa questão romantizada da favela, porque nem sempre é assim.

O que denota que apesar de termos uma sociabilidade bem pautada nas relações de pessoalidade, está não pode ser vista como estática e homogeneia. Essa sociabilidade se desenvolve muita das vezes de forma diferente do que estamos habituados a ver, como ocorreu entre Vera e Vinícius nesta situação.

A formação de uma rede de solidariedade também foi falada durante a entrevista:

Vejo que as relações sociais se dão pela credibilidade do histórico de cada um. Quando cheguei e conheci o Joel, eu tive a sorte de conhecer uma pessoa que era bem relacionada. Tanto que ele conhecia muitas pessoas que tinham kitnet para serem alugadas. Quando eu vim aqui pela primeira vez ele já me falou da Vera que tinha essa kitnet para alugar, me lembrou que era para falar que eu era amigo dele. Aí você percebe que dependendo de quem você conhece, com quem você se relaciona você tem uma legitimidade maior ou não.

Pedi para que ele me descrevesse as vizinhas de corredor pois gostaria de saber o perfil delas uma delas trabalha e mora sozinha e a outra vive com marido e a filha, o que novamente nos levou a discussão sobre a questão da privacidade, Vinícius indaga:

Eu fiquei pensando, como que deve morar ela o marido e a filha nesse espaço aqui que a gente fala que só dá pra um... vamos voltar na questão da privacidade, que privacidade que essa menina tem? Eu nunca entrei não sei como é, não sei se tem uma cama de casal, uma cama de solteira para a menina, que a menina é grande deve ter uns nove anos, se é um beliche. E aí como é a vida sexual desses pais? Como que é a vida da menina? E aí tipo vem eu pra cá, branco, classe média, fazendo mestrado na PUC, pagar novecentos reais e reclamar. Enquanto tem uma família inteira morando em talvez condições piores que a minha, tipo tem uma questão ética aí também, eu estou gentrificando no caso? Você se sente gentrificando o lugar?

O assunto gentrificação surge na pauta na fala do entrevistado, frente aos questionamentos ele prossegue seu relato falando diretamente sobre o assunto:

Porque realmente é uma galera de poder aquisitivo maior, outro perfil socioeconômico ocupando esse espaço que poderia ser ocupado por famílias em condições piores e isso encarece, com certeza encarece. Por que quem está disposto a pagar novecentos reais, mil e trezentos como eu vi uma kitnet no primeiro bloco? Quem tem condições de pagar mil e trezentos reais numa kitnet?

O estilo de vida e noção do poder aquisitivo volta à pauta dos momentos que sucedem esta fala juntamente com suas possibilidades de definição:

Apesar de me sentir classe média, o que define a classe média? A família ganhar no mínimo cinco salários-mínimos? Minha família não ganha isso. Minha mãe ganha mil reais trabalhando de caixa de supermercado e o marido dela trabalha em um trailer de lanches, tipo não é a definição de classe média” [...] isso pesa, isso é foda aí você começa a medir os impactos da sua posição de classe média num lugar como esse que não é de classe média²², aí você pensa porra que bosta.

Indagado sobre a experiência de vida, sobre o estigma que recai sobre o endereço, Vinícius relata;

Por um ambiente ser um ambiente de classe média como a PUC quando as pessoas me perguntam onde eu moro é muito engraçado...porque eu acho que tem uma questão de performance assim do discurso, dependendo da pessoa com que você está falando e da situação eu acho que tem algumas estratégias que você lida ou não com aquilo, entendeu? Por exemplo eu senti que algumas vezes quando eu falei que eu moro no Leblon as pessoas falaram: Nossa no Leblon! E a minha reação assim de primeira é rir porque aí eu fico pensando tá eu vou falar pra ela: Eu moro na Cruzada São Sebastião, ela pode falar que não conhece onde fica ou ela pode falar, ah tá! E esse ah tá já é o suficiente. Porque você percebe que a pessoa fala “ah tá” então não é no Leblon mesmo, é na Cruzada.

A questão do endereço é primordial na fala de Vinícius, principalmente a busca para entendermos seus significados e o impacto que este pode ter quando falado pelos seus interlocutores em algumas arenas²³. A dualidade do discurso aparece conforme a necessidade e a mensagem que seu locutor necessita passar.

22 O perfil socioeconômico dos moradores da Cruzada São Sebastião pode ser apresentado através de duas pesquisas quantitativas. Realizadas pelo Observatório de Metrópoles (IPPUR/UFRJ) e pela PUC-RIO. A primeira pesquisa (2003) aponta a Cruzada São Sebastião como um espaço de renda mais abastada quando comparado com as favelas localizadas no seu entorno, como Rocinha e Vidigal. Porém apesar de ter uma renda melhor que essas favelas, a Cruzada São Sebastião ainda se caracterizava por ser um espaço popular quando comparado aos outros conjuntos que estão ao seu entorno, como o Selva de Pedra e o Conjunto dos Jornalistas, que possuíam uma renda de camada média. Os dados coletados pela PUC-RIO (2006) reafirmam esse perfil popular da Cruzada São Sebastião. Com os dados de 2006 é possível ter maiores informações a respeito da população residente, traçando um perfil socioeconômico e educacional. Esse censo tem uma amostragem de 73% do total estimado da população do local. Em linhas gerais o estudo aponta que grande parte de seus habitantes são proprietários de seus apartamentos (78%), sendo 17% correspondente ao número de alugueis. Em relação a idade da população residente há uma grande concentração de adultos (34% entre 21 e 39 anos). Os dados referentes a escolaridade dos entrevistados apontam maior concentração (32%) de pessoas no grupo daquelas que possuem ensino fundamental completo a médio incompleto. Em relação a população economicamente ativa, temos um percentual (48%) de pessoas trabalhando com carteira assinada.

23 Utilizo o termo arena, de acordo com que é definido por CEFAL, (2011) uma disputa de atribuições de identidade no local, onde para uns a Cruzada é favela, para outros é conjunto habitacional.

O que nos faz refletir sobre os significados de morar no Leblon e na Cruzada São Sebastião. Mesmo que esta última esteja geograficamente dentro do bairro do Leblon existe uma diferenciação significativa que é imposta através da identificação do endereço, que por si só, já é capaz de atribuir informações sobre aqueles que habitam os locais.²⁴

Em relação as suas percepções visuais e as possíveis diferenças entre a Cruzada e o seu entorno o entrevistado relata os seguintes impressões:

É surreal porque você está no mesmo quarteirão do shopping mais caro da cidade, você cruza com os artistas da Globo naquela calçada do shopping aí você vira a esquina e é outro mundo. Já é outra arquitetura, estética, a iluminação já é bem menor, bem escura do que a iluminação da outra rua. E o chocante acho que é esse conjunto de 10 blocos, construído de forma bizarra, o prédio quase encima da calçada. A galera fica olhando mesmo: o que que é aquilo? É bem diferente. É bizarro ver que no mesmo quarteirão vivem dois tipos de estéticas diferentes. De um lado só tem rico, só tem branco e de outro só tem preto e pobre... e alguns outsiders (risos).

A polarização racial e social são um dos fatores destacados na fala de Vinícius que servem ainda mais para intensificar o estigma sofrido por esses moradores. Situação que não se baseia só na questão de classe mas também na questão racial, fruto de um problema estrutural da sociedade brasileira, o racismo.

Que nos faz pensar sobre esse processo de gentrificação que se coloca não apenas como um movimento de substituição de classes, mas como um movimento de substituição também de cunho racial, através da retomada de um microcosmo majoritariamente negro em uma área elitizada da cidade. O que pode ser ilustrado através do Mapa Racial da Cidade do Rio de Janeiro, que mostra que a Zona Sul da cidade Rio de Janeiro é ocupada majoritariamente por brancos com uma pequena concentração de população negra (pontos vermelhos do mapa). Sendo a Cruzada São Sebastião um desses pontos vermelhos:

24 Ver MELLO E SIMÕES (2013)

Mapa 1 - Mapa Racial da Cidade do Rio de Janeiro.



Fonte: Hugo Nicolau Barbosa de Gusmão (Censo IBGE 2010).

O perfil do gentrificador acionado, está longe de ser o associado aos chamados *yuppies* perfil típico da literatura anglo-saxã, “jovens de altos salários inseridos nas atividades de ponta do terciários superior”. Se tratando de um outro tipo de perfil apresentado, “o de profissionais de perfil mais modesto, empregados em setores que a flexibilidade e a instabilidade mais ou menos importante não são raras (serviços sociais, culturais, comunicação, educação)” (CRIEKINGEN, 2006, p.103).

5.1.4 O Sommelier.

Eu poderia morar em outros bairros da Zona Sul, mas os preços dos aluguéis estão muito altos e não abro mão de morar na comunidade. Gosto das pessoas daqui — diz o sommelier de uma loja de vinhos e de um restaurante em Ipanema. — Uma das maiores vantagens de morar aqui é que gasto cinco minutos para chegar ao trabalho. Gilmar, sommelier, recém morador da Cruzada São Sebastião. (O GLOBO, 27/09/2016)

Os 60 anos de existência da Cruzada São Sebastião também não deixaram de ser relatados pelo jornal. Seguindo o traçado da reportagem que apresentamos para falar de Dayse, a reportagem dos 60 anos: “Cruzada faz 60 anos com altos aluguéis e promessa de governo” segue apostando no processo de valorização dos imóveis e nos apresenta mais um personagem dessa nova narrativa que vem se construindo a respeito do nosso objeto de estudo.

O personagem da vez é Gilmar, um sommelier de um restaurante chique do Shopping Leblon que mora em um dos conjugados. Gilmar paga R\$900,00 para morar em um apartamento de 18 m². Ele veio morar no conjunto para ficar mais próximo do seu local de trabalho e poder guardar dinheiro para comprar seu apartamento, uma vez que, morando na Cruzada ele poderia estar economizando frente ao custo benefício que a localização lhe traz.

Porém, desta vez os tons de ataque retornam ao conteúdo da reportagem evidenciando assim a tensão existente do estigma que recai sobre o local, que aparece como um entrave a ser superado por esse processo de valorização dos imóveis:

Idealizado por dom Hélder Câmara como parte do projeto de “desfavelização” da cidade, a Cruzada São Sebastião, no Leblon, acabou se tornando, ao longo das décadas, uma favela vertical incrustada numa das áreas mais nobres da cidade, às margens do Jardim de Alah. Inaugurada em 1955, a comunidade de pessoas de baixa renda passou por transformações no decorrer de seus 60 anos. Hoje, a Cruzada tenta ser definida apenas com um condomínio da Zona Sul. (O GLOBO, 27/09/2016)

Porém um dos aspectos positivos da reportagem está na questão do rompimento da ideia de que o conjunto é um espaço homogêneo. Seguindo a reportagem de apresentação de Gilmar podemos ver que segundo o jornal ao mesmo tempo que temos a chegada desses novos moradores descritos como de 'classe média', ainda temos moradores que baixa renda. E destaca algo que já foi falado por um dos nossos entrevistados (Vinícius), que famílias inteiras ainda continuam a viver em pequenos espaços e que a valorização dos imóveis já aparece como uma das causas da saída de alguns moradores:

Os dez blocos, com sete andares cada, somam 987 apartamentos. Muitos têm problemas de conservação — em alguns pontos, as ferragens estão à mostra. A valorização dos imóveis nos últimos anos fez com que muita gente que nasceu e cresceu na comunidade não tivesse mais condições financeiras de pagar o aluguel. (O GLOBO, 27/09/2016)

Mas a visão daquele espaço como antro de marginalidade e sujeira ainda recorre na reportagem, mostrando que este aspecto do passado ainda permanece vivo mesmo diante dos esforços da 'modernização' do local, impulsionada pela janela de oportunidades e o processo de gentrificação:

Algumas melhorias vieram junto com a escalada dos preços. A limpeza, que no passado inexistia, já pode ser observada em alguns pontos. As mudanças começaram a ocorrer após o início das obras da Linha 4 do metrô (Barra-Zona Sul). O trecho da Rua Humberto de Campos em frente à Cruzada foi aberto. Uma ponte foi construída no Canal do Jardim de Alah. Com o aumento do fluxo de veículos, a comunidade ganhou visibilidade. Antes, o trecho fechado era cheio de lixo e biroscas, por onde traficantes circulavam e as pessoas tinham medo de passar. Agora, virou rota de passagem para moradores da Zona Sul. (O GLOBO, 27/09/2016)

Tanto Vinícius, Dayse, Gilmar e os outros novos moradores que serviram de análise para esta dissertação representam uma breve tentativa de traçar um perfil daqueles que chegam ao local. Através disto podemos ver que a sociabilidade dos novos moradores é bem reduzida quando levamos em consideração os laços locais. Esses atores não partilham de histórias de vida parecidas e nem de estilo de vida com os antigos moradores. Normalmente são jovens, celibatários que estão inseridos em redes que não se estabelecem dentro da vizinhança. Chegam ao local para usufruir da boa localização e do bom preço, que ainda pode ser considerado vantajoso quando comparado com os dos imóveis que ficam no entorno da Cruzada São Sebastião. Nesse sentido, estão no local muitas das vezes de passagem. Sendo assim, não estabelecem vínculos duradouros com as pessoas, nem se interessam pela política e nem pela história do local.

5.2 O lugar da rua: Sinal dos tempos.

A cidade concebida, planejada, se transforma, então, nos passos de seus moradores, em cidade metafórica, carregada de uma rica polissemia de sentidos – (CERTEAU, 1994, p.8)

O que seria necessário para uma rua ser considerada um bom local dentro de um bairro, ou um bom local para se viver? Nas Ciências Sociais, a rua tem sido interpretada como um elemento do espaço urbano a ser pensado para além das suas funções usuais. Ela tem sido pensada enquanto categoria expressando uma espécie de gramática social:

Categorias entretanto, não existem a não ser como referências a recortes da realidade. Têm carácter denotativo. Indicam, apontam, acusam. Nomeiam seus referentes. Mas não se limitam ao exercício da onomástica, no mundo das coisas. Vão além. Determinam a localização de elementos, ou conjunto de elementos dentro de um sistema. Isto equivale à montagem de uma lógica articulatória. Uma hierarquia de princípios relacionais – *uma gramática*. (MELLO; VOGEL, 1979, p.4)

Segundo Jacobs (2000), uma “boa rua” seria aquela onde teríamos um espaço marcado pela vivacidade. Vivacidade esta concebida pela ação da sua ocupação por seus habitantes, que vão pra rua, que se apropriam desse espaço fazendo com que este ganhe outras atribuições. Dando à rua funções de uso que vão além de um espaço destinado a passagem de veículos.

A rua, dentro desse contexto, ganha uma função social que está relacionada à socialização e segurança de seus habitantes e daqueles que por ora passam por ela. Uma rua movimentada e cheia de vida pode representar uma vizinhança onde existem fortes laços estabelecidos (sem que para isso exista algum grau de parentesco ou de amizade entre as pessoas envolvidas) e um alto grau de vigilância que impede que atos violentos possam ocorrer, ou ao menos que ocorra a inibição de tais ações. Ruas assim, costumam “ter olhos”, como escreveu Jacobs (2000). Nesse sentido, as relações desenvolvidas no espaço da rua, segundo a autora, servem como exercício de aprendizado sobre a vida urbana e sobre a responsabilidade pública que os cidadãos possam vir a ter uns pelos outros.

O estar na rua pode ser visto como algo perigoso e sujo muita das vezes, e esse pensamento é recorrente dentro da racionalidade do planejamento urbano ortodoxo. Para a análise que se desenvolve sobre o tema procuramos teóricos que são contrários a esta ideia, portanto autores que consideram a rua como elemento importante na análise da vida urbana.

A ideia de pensar e falar sobre a rua faz parte inicialmente da busca de pistas que podem levar ao entendimento de como se organiza a vida social do conjunto Cruzada São Sebastião. Neste local a rua se coloca como um dos elementos a serem estudados quando pretendemos pensar os significados que estão presentes dentro do ambiente urbano construído, principalmente as suas transformações no decorrer do tempo, induzidas ou não pela chegada de novos moradores.

Para tal não levaremos em consideração o uso da “boa forma urbana” tão criticada por Jacobs (2011), Mello e Vogel (1983) entre outros teóricos. Inicialmente procuraremos nos desprender de tais ideias a fim de evitar que pré-julgamentos

possam contaminar uma análise crítica em relação ao tema. Em segundo lugar, seguiremos com tal posicionamento por não acreditarmos na tal lenda da boa forma urbana.

Por boa forma urbana entendemos o pensamento desenvolvido por Mello e Vogel (1983) retirado do texto “Lições da rua: O que um racionalista pode aprender no Catumbi”. De acordo com tais autores, esta pode ser entendida como:

A boa forma é decorrente da relação optimal entre as necessidades humanas e os meios, escassos como cumpre, necessários ao entendimento destas. Trata-se de maximizar recursos tendo em vistas determinados fins cujo o carácter essencial e invariante os torna abstratos e inespecíficos. Valem para a humanidade inteira, configurando uma espécie de 'lei natural' da sociedade, que o intelecto atento e adestrado (e cartesiano) pode revelar e compreender. (MELLO; VOGUEL, 1983, p. 69)

Os autores chamam atenção para a existência da construção de padrões a serem seguidos dentro da construção de um ambiente. Esses padrões seriam noções elaboradas por aqueles que detêm um conhecimento técnico e racional, por sua vez essas noções seguem um apelo forte a uma forma urbana pré-concebida e colocada como uma lei natural, que deve ser seguida para o bom funcionamento da ordem urbana. Assim seguindo a lógica da “boa forma urbana” todos os elementos presentes dentro do universo urbano devem ter uma forma e função bem definidas.

A análise apresentada por Mello e Vogel (1983) antes de tudo remete a uma possível disputa de poder sobre quem é capaz de determinar a concepção da melhor forma urbana, assim como qual deverá ser o modelo de espaço construído que deverá prevalecer nas cidades. Nessa disputa, aqueles que têm o privilégio do conhecimento e da técnica estão à frente na disputa entre as elites e as massas. Isso ocorre por causa da forte valorização de uma tradição intelectual baseada no positivismo e nas relações hierárquicas e autoritárias desenvolvidas no seio da sociedade brasileira. Dentro desta análise caberia as massas seguirem as orientações formuladas por esses “iluminados”, delegando a estes a função de pensar quais seriam os modos mais adequados de construção do seu espaço urbano.

Com isso, logo inicialmente, colocamos em cheque as definições trazidas como “leis naturais” dentro da corrente modernista de pensamento urbano. Neste trabalho, estas definições passarão por um processo de relativização, sendo a primeira delas a categoria rua. Para Mello e Vogel (1983) a rua não é apenas uma

porção designada do espaço social. Assim como portas, soleiras, calçadas e varandas, a rua é uma categoria de uma classificação sofisticada, um sistema de espaço que tem uma conexão com um sistema de valores.

De acordo com os autores para entender como os moradores dão significado aos seus espaços de vivência é preciso compreender o sentido presente nesses espaços. Entender que esse espaço construído se constituiu a partir de signos empregados pela própria comunidade, com a finalidade de sustentar seu modo de vida e valores.

Pensando nisso resolvemos discutir a categoria rua, para pensar o espaço urbano para além das suas funcionalidades habituais. E mediante a isto, entender a relação existente entre espaço concebido e espaço vivido, tendo como ponto de partida a observação das práticas e modos de apropriação daqueles que ali vivem, ou seja, de seus moradores.

Trouxemos aqui alguns autores que já se debruçaram sobre este tema, não com a intenção de discutir ponto a ponto seus questionamentos, mas de dar luz ao que existe de comum em suas falas no que diz respeito ao tema tratado.

Pouco tempo depois da minha chegada à Cruzada São Sebastião presenciei uma mudança histórica dentro do conjunto: a “abertura” da rua Padre Bruno Trombetta, conhecida informalmente como “a rua da Cruzada”. Desde criança que frequento a Cruzada São Sebastião realizando o trajeto Cruzada São Sebastião – Cidade Alta, lugares onde residem meus familiares.

A construção da memória da rua sempre foi algo que me chamava atenção, principalmente pela vivacidade que era característica daquele espaço, que era tudo, menos um espaço destinado apenas à passagem de veículos. A primeira lembrança que me vem à memória sobre esse espaço é muito próxima da apresentada no filme “Cruzada” elaborado pelo LeMetro (Laboratório de Etnografia Metropolitana) sob a direção de Gabriel Zaguri. O filme apresenta aquele lugar como um espaço de sociabilidade local. Nessa versão da rua da Cruzada remetida hoje ao passado, tínhamos a realização das festas (sociabilidade), bares (que funcionavam dentro de trailer estacionados na extensão da rua), um ferro velho nas imediações da Igreja dos Santos Anjos e até um fliperama improvisado, onde a molecada se divertia.

Pensando nisso que resolvemos nos debruçar sobre a importância da rua para o estabelecimento de laços sociais dos moradores da Cruzada São Sebastião e o que isso pode nos revelar. A rua da Cruzada apresenta um exemplo de inversão

dos valores atribuídos a dicotomia casa x rua²⁵, se fomos pensar no que foi estipulado pelo antropólogo DaMatta (1997) em seu livro “A Casa & a Rua”. Nesse sentido a rua vira casa, local de familiaridade e hospitalidade, um espaço que foi apropriado por um grupo ou por grupos que fizeram daquele espaço a sua casa. “A rua pode ter locais ocupados permanentemente por categorias sociais que ali “vivem” como “se estivessem em casa”. (DAMATTA, 1997. p.39).

A partir de 2010 esse cenário foi bruscamente modificado com a Operação Choque de Ordem da Prefeitura do Rio de Janeiro. Com isso, a rua foi “aberta oficialmente” para carros. Os trailers e o ferro velho foram retirados, trazendo um novo fluxo ao local. Um gradil foi colocado ao longo de toda a extensão da calçada, impedindo, assim, os antigos modos de apropriação da rua para fins de comércio e lazer. Tal mudança foi anunciada devido uma alteração do trânsito decorrente a construção da linha 4 do metrô, que tem em seu projeto a construção de uma estação no Jardim de Alah, praticamente ao lado de uma das saídas do conjunto.

Imagem 46 - Operação Choque de Ordem para “abertura da rua Padre Bruno Trombetta.



Fonte: Marco Antônio Cavalcanti (O Globo, 2010.)

A “limpeza” da rua simboliza uma batalha sobre a melhor forma de ocupação daquele espaço. Sendo também um vetor que impulsionou a valorização imobiliária, que anuncia uma nova era no local e um novo tipo de ordenamento que se deve seguir a partir disso.

Entre seus moradores existe também uma disputa de como dever ser aquele espaço. Muitos aprovam as mudanças ocorridas com a abertura oficial da rua,

²⁵ Que na análise do autor não se apresenta como um modelo rígido e sim algo marcado pelo dinamismo. Ver DAMATTA (1997)

principalmente porque, segundo estes, esse processo valoriza o espaço. A suposta “degradação” do espaço está muito associada ao carácter informal das atividades desenvolvidas ali, segundo este grupo. A abertura, nesse sentido, significa a chegada da ordem, que afasta os estigmas que estão principalmente associados ao tipo de organização do espaço que se tem nos locais classificados como favelas.

Entendemos que a reabertura da rua faz parte de um processo de apagamento da construção da memória daquele local que demonstrava como aqueles moradores se apropriavam do seu espaço. Uma tentativa de apagar também não só a história daquele local e de seus moradores mais também a história daquele conjunto habitacional dentro do bairro do Leblon.

Apesar desse processo instaurado, a sociabilidade local apresenta espaços de resistência. Se inicialmente a rua era o espaço dessa sociabilidade, depois da mudança ocorrida os moradores locais reinventaram seus espaços fazendo das calçadas seu novo ponto de encontro, seu novo espaço de sociabilidade. Onde barracas, que antes eram representadas pelos trailers, hoje ocupam as calçadas, fazendo desta um mar comercial, principalmente nos finais de semana.

6. CONCLUSÃO.

O que vimos no decorrer do desenvolvimento deste trabalho foi mais uma narrativa sobre a Cruzada São Sebastião. Este projeto pensado pela Igreja Católica, que visava a recuperação de uma “vida favelada” que hoje, frente ao avanço de uma especulação imobiliária ganha novos públicos e, com ela novas formas de disputar, usufruir e organizar o espaço que se materializa na Av. Borges de Medeiros, 699.

Nesse contexto, esse novo espaço se distancia de um forma de organização mais evocativa da favela, onde forma e função são moldadas de acordo com a necessidade de seus moradores, passando para espaços com definições mais restritas e fechadas, devido a adoção de uma suposta lógica de “racionalização”. Em tal processo, as múltiplas funções são condenadas, onde espaço que é de moradia não pode ser local de trabalho. A rua nesse sentido, também tem funções estritamente definidas, esta não podem ser local de encontro, tendo como sua função específica somente a passagem de veículos.

Múltiplas disputas se apresentam nessa nova arena. Porém as disputas, por si só, não estão restritas à questão da organização do espaço local. Elas também se estendem sobre como deverão ser as novas formas de socialização ali desenvolvidas e do estilo de vida que se encontra mais adequado às novas transformações que se apresentam no conjunto. A chegada dos novos moradores representa (para um determinado grupo, que engloba mídia, imobiliárias e rentistas) uma possibilidade de “purificação” de um espaço que historicamente carrega o estigma de local a ser evitado no bairro onde se insere. Tal estigma está relacionado principalmente à memória de uma vida favelada, presente na história do conjunto e ligada ao seu local de origem.

Podemos constatar que a questão da valorização dos imóveis e a gentrificação local, não é um fenômeno que tem o mesmo significado para todos os atores envolvidos. Enquanto observamos proprietários, imobiliárias e alguns representantes oficiais o declararem como aspecto positivo, que tem função valorativa ao ambiente estudado. Outros se posicionam no terreno oposto, principalmente o público jovem, envolvido politicamente com organizações que trabalham a visão do local como favela. Para estes, a valorização dos imóveis funciona como um forma de apagar as identidades locais (seu apelo popular) e como

um fator de expulsão daqueles que possuem um poder aquisitivo menor, que são incapazes de acompanhar, o novo estilo de vida que se apresenta no local.

O que nos leva a pensar se o ideal da habitação social pensado pelos idealizadores do conjunto será capaz de se manter frente as investidas do mercado imobiliário. Tal processo, de aburguesamento, que tem se apresentado descaracteriza o objetivo da construção do conjunto habitacional (habitação popular para classes populares) e acena para um cenário de inúmeras transformações, que se refletem na forma de habitar e até mesmo nas relações sociais de seus habitantes.

As relações comerciais, assim como as relações de vizinhança, também apresentam novas formas de desenvolvimento. Principalmente no que diz respeito às transações imobiliárias. Se antes, como afirmamos no decorrer deste trabalho, estas se pautavam, no famoso boca a boca, hoje essas relações encontram-se mais despidas de questões pessoais se desenvolvendo no âmago das relações impessoais, que se cristalizam através do surgimento de novas figuras como a do fiador e da própria atuação das imobiliárias no local.

As relações de vizinhança se mostram também em processo de transformação, principalmente em relação a chegada dos novos moradores. Se antes a vida comunitária se apresentava de forma mais intimista, hoje essa mesma intimidade parece ser um problema aos olhos de quem chega. A vida se redesenha aos moldes do que Simmel descreveu ser característico da vida nas grandes cidades, voltada para a questão da impessoalidade das relações. O que quebra a lógica desenvolvida durante anos em um local onde ter parentes é ter capital.

Porém, apesar das transformações apresentadas, algumas questões ainda aparecem inalteradas. A organização social da Cruzada São Sebastião ainda está muito próxima do que foi descrito por Simões (2008) em sua tese. Quem está no topo da organização política e social ainda são aqueles moradores ditos de raiz. Estes continuam sendo os administradores dos blocos, líderes políticos, religiosos e etc.

A questão do estigma também se mantém, apesar de alguns esforços de desvencilhar a Cruzada São Sebastião dos fantasmas que a cercam durante anos de existência. A mídia é um bom exemplo, mesmo apostando na modificação de inúmeras questões dentro do conjunto, como abertura da rua e valorização dos imóveis, estes continuam a descrever a Cruzada São Sebastião como uma ilha de

pobreza, um bloco homogêneo inserido também em um Leblon homogêneo, digno de novela de Manoel Carlos. O que demonstra que algumas questões perduram no tempo mesmo quando assumem novas roupagens.

REFERÊNCIAS

- ALVITO, Marcos e ZALUAR, Alba (orgs). **Um Século de Favela**. 3a edição. Rio de Janeiro: FGV, 2003. 372 p.
- A Noite. Favelados em mesa redonda. **JORNAL A NOITE**. Rio de Janeiro, Outubro, 1956. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 25 mar. 2015
- BARCELLOS, Gilmar. Cruzada faz 60 anos com altos aluguéis e promessas - O Globo. Rio de Janeiro. Set. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/cruzada-faz-60-anos-com-altos-alugueis-promessa-do-governo-17617871>. Acesso em: 25 Out. 2016. Entrevista concedida a Célia Costa.
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre modernidade: o pintor da vida moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 152p.
- BECKER, Howard S. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Zahar, 2009. 298 p.
- BECKER, Howard S. **Truques da escrita**. Zahar, 2015. 256 p.
- BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. **De volta à cidade**: dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos. Annablume, 2006. 294 p.
- BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da habitação social no Brasil**. Análise social, 1994. 344 p.
- BRUM, Mario. **Cidade Alta**: História, memória e estigma de favela num conjunto habitacional do Rio de Janeiro. Editora Ponteio-Dumará Distribuidora Lta, 2016. 336 p.
- BURGOS, Marcelo Baumann. Dos parques proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro. In: ALVITO, Marcos e ZALUAR, Alba (orgs). **Um Século de Favela**. 3a edição. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 25-60.
- CAMILO, Manoel. Imóveis na Cruzada se valorizam em até 135%. Rio de Janeiro. Out 2010, Notícias do Setor. Disponível em: <http://asbearj.com.br/noticia/imoveis-na-cruzada-se-valorizam-em-ate-135/> Acesso em: 23 jan. 2017.
- CAMILO, Manoel. Depoimento de Campo para reportagem VICE. 7 jan. 2017. Entrevista concedida a Thaianne Barbosa e Juliana Passos.
- CANEGAL, Ana Carolina. Fronteira urbana: Uma discussão sobre a relação entre a Cruzada São Sebastião e o Leblon. **Desigualdade e Diversidade – Revista de Ciências Sociais da Puc-Rio**. Rio de Janeiro, n. 7, p. 81-114, jul/dez, 2010.
- CEFAÏ, Daniel; MELLO, Marco Antônio da Silva; MOTTA, Fábio; VEIGA, Felipe B. (ORG) **Arenas Públicas**: Por uma etnografia da vida associativa. Editora UFF, 2011. 514 p.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Vozes, 1994. 352 p.

CRIEKINGEN, Mathieu van. A cidade renasce! Formas, políticas e impactos de revitalização residencial em Bruxelas. In: BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. **De volta à cidade**: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006. p.89-120

CONCEIÇÃO, Wellington da Silva. "Qual dos três é melhor de se morar?": uma análise de hierarquias habitacionais em um bairro popular carioca. In: LIMA, R. K.; MELLO, M. A. S.; FREIRE, L. L. (Orgs.). **Pensando o Rio**: Políticas públicas, conflitos urbanos e modos de habitar. Niterói: Intertexto, 2015, p. 75-96.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987, 178 p

DE MELLO, Pedro Paulo Thiago. Botafogo e Aligre: Sotaques da gentrificação. In: Roberto Kant de Lima; Marco Antonio da Silva Mello e Leticia de Luna freire. (Org.). **Pensando o Rio**: Políticas públicas, conflitos urbanos e modos de habitar. 1ed. Niterói: Intertexto, v. 1, p. 97-134, 2015.

EDSON, José. A violência na zona sul. *Jornal do Brasil*. Maio, 1983. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 16 abr. 2015.

GONÇALVES, Rafael Soares; SIMÕES, Soraya Silveira; DE LUNA FREIRE, Letícia. A contribuição da Igreja Católica na transformação da habitação popular em problema público na França e no Brasil. **Cuadernos de Antropología Social**, n. 31, p. 97-120, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. LTC, 1988. 158 p.

GUSMÃO. Hugo Nicolau Barbosa. Mapa Racial da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Censo IBGE, 2010. Escala: 500 - 2000 metros.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Martins Fontes, 2000. 532 p.

Jornal do Brasil. Delegacia cadastra os moradores da Cruzada. **JORNAL DO BRASIL**. Rio de Janeiro. Jan 1974. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 abr. 2015

Jornal do Brasil. Na Cruzada São Sebastião moram os marginais que cometem 70% dos crimes na Z. sul. **JORNAL DO BRASIL**. Rio de Janeiro. Dez. 1973. Acesso em: 15 abr. 2015.

Jornal do Brasil. Batida de 6 horas na Cruzada leva à delegacia 62 adultos e 40 menores. **JORNAL DO BRASIL**. Rio de Janeiro. Jan. 1974. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 abr. 2015

Jornal do Brasil. Delegado acha que presença de conjunto da Cruzada se choca com padrão do Leblon. **JORNAL DO BRASIL**. Rio de Janeiro. Dez. 1973. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 abr. 2015

Jornal do Brasil. Governo dos EUA acha que Rio não está tão perigoso. **JORNAL DO BRASIL**. Rio de Janeiro. Set. 1990. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 15 abr. 2015

LAPLANTINE, François. **A descrição etnográfica**. Terceira Imagem, 2004. 178 p.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Centauro, 2001. 121 p.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. A partir do relatório SAGMACS: as favelas, ontem e hoje. In: MELLO, Marco Antônio da Silva et al. **Favelas Cariocas Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro: Garamond, p. 51-64, 2012.

MASSON, Nonato. Fogo deixa 5 mil ao desabrigo. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, mai 1969. Disponível em:– **Jornal do Brasil**. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_08&pasta=ano%20196&pesq=favela%20da%20praia%20do%20pinto Hemeroteca Digital - Acesso em: 23 jan. 2017

MELLO, Marco Antônio da Silva; VOGEL, Arno. **Quando a casa vira rua**. Rio de Janeiro, FINEP/IBAM, 1981. 141p.

MELLO, Marco Antônio da Silva; VOGEL, Arno. Lições da rua: o que um racionalista pode aprender no Catumbi. **Arquitetura Revista**, v. 1, n. 1, p. 67-79, 1983.

MELLO, Marco Antônio da Silva et al. **Favelas Cariocas: ontem e hoje**. Rio, Garamond, 2012.

MELLO, Marco Antônio da Silva; SIMÕES, Soraya Silveira: “Onde você mora?” Propósitos e implicações do endereço. In: VILLANOVA, R; DUARTE, C.(org.) **Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e métodos, da arquitetura à antropologia**. - Rio de Janeiro, FAPERJ – RIO DE JANEIRO, 2013. 240p

NERI, Marcelo. **A nova classe média**. Rio de Janeiro, FGV/IBRE, 2008. 70p.

O Dia. Leblon é o bairro mais caro do país para se viver, estima portal. **O DIA**, Rio de Janeiro, jan 2014. O Dia Rio. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-01-27/leblon-e-o-bairro-mais-carro-do-pais-para-se-viver-estima-portal.html> Acesso em: 23 jan. 2017

O Globo. Em 1955, 36º Congresso Eucarístico fez do Rio a capital mundial do catolicismo. **O GLOBO**. Jul 2013, Acervo O GLOBO. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/em-1955-36-congresso-eucaristico-fez-do-rio-capital-mundial-do-catolicismo-9123322>. Acesso em: 23 jan. 2017

O Globo. Onda de gentrificação. Imóveis na Cruzada se valorizam até 135% **O GLOBO**. Rio de Janeiro. Out 2013, Notícias do Setor. Disponível em: http://www.ademi.org.br/article.php3?id_article=55780 Acesso em: 23 jan. 2017

PASSOS, Juliana. Do Brooklyn a Beverly Hills, a vida em um conjunto habitacional no Leblon. **VICE**. Jan2017. Disponível em https://www.vice.com/pt_br/article/do-brooklyn-a-beverly-hills-a-vida-em-um-conjunto-habitacional-no-leblon. Acesso em: 23 jan. 2017

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; CRUZ, Gisele dos Reis; MABERLA, Juliana Eleuze Carreira. Proximidade territorial e distância social: reflexões sobre o efeito do lugar a partir de um enclave urbano—A Cruzada São Sebastião no Rio de Janeiro. **VeraCidade**, v.3, n.3, p.1-20, maio, 2003.

SANCHEZ, Lujan. Depoimento sobre a vida na Cruzada. Rio de Janeiro. 18 mar. 2015. Entrevista concedida a Thaiane Barbosa.

SANTIAGO, Vinícius. Depoimento sobre a vida na Cruzada. Rio de Janeiro. 10 mar. 2015. Entrevista concedida a Thaiane Barbosa.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 2º reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 174p.

SLOB, Bart. **Do barraco para o apartamento—a humanização e a urbanização de uma favela situada em um bairro nobre do Rio de Janeiro.** 2002. 164 p. Trabalho de conclusão de curso. Vakgroep Talen en Culturen van Latijns-Amerika Universiteit Leiden Universidade de Leiden, Holanda, 2008.

SILVA, Joel. Depoimento de Campo para reportagem VICE. 7 jan. 2017. Entrevista concedida a Thaiane Barbosa e Juliana Passos.

SILVA, Maria Laís, Os urbanistas e seu debate: reflexões sobre “Aspectos Humanos da Favela Carioca “. In: MELLO, Marco Antônio da Silva et al. **Favelas Cariocas Ontem e Hoje. Rio de Janeiro:** Garamond, p. 101-120, 2012.

SILVA, Shirley. Depoimento de Campo para reportagem VICE. 7 jan. 2017. Entrevista concedida a Thaiane Barbosa e Juliana Passos.

SILVA, Thaiane Barbosa, **A questão habitacional e seus agentes:** Um estudo sobre os conjuntos Cruzada São Sebastião e Cidade Alta. 2013. 105 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Política e Planejamento Urbano) - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, Thaiane Barbosa, **Estigma entre estigmatizados:** distinção e transferência de estigma em um conjunto habitacional do Rio de Janeiro. 2015. 110 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Sociologia Urbana) - Programa de Pós-graduação em Sociologia Urbana – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SIMMEL, George. A metrópole e a Vida mental. In: O, VELHO (org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro. ZAHAR EDITORES. 1979, p.11-25.

SIMÕES, Soraya Silveira. **Cruzada São Sebastião do Leblon:** uma etnografia da moradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro. 2008. 415 f. Tese. (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

SOLETI, Dayse. Imóveis na Cruzada se valorizam em até 135%. Rio de Janeiro. Out 2010, Notícias do Setor. Disponível em: <http://asbearj.com.br/noticia/imoveis-na-cruzada-se-valorizam-em-ate-135/> Acesso em: 23 jan. 2017

VAINER, Carlos. Os liberais também fazem planejamento urbano? Glosas ao “Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro” In: ARANTES, Otílio; VAINER, Carlos;

MARICATO, Ermínia. **A Cidade do Pensamento Único:** Desmanchando Consensos. Petrópolis: Vozes, p. 105-120, 2000.

VALLADARES, Lícia. A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, V. 15, n. 44, p.5-34. Out. 2000.

VALLADARES, Lícia. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. FGV, 2005, p.204.

VASCONCELOS, Fábio. Economia, eventos e UPPs reinventam os bairros do Rio. **O GLOBO**. Rio de Janeiro, Out 2013. Disponível em: http://www.upprj.com/upload/midia/27.07.2013.oglobo.Economia,_eventos_e_UPPs_reinventam_os_bairros_do_Rio._Portal.pdf Acesso em: 21 set. 2017.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade**. Ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.198p.

YAZBEK, Priscila. Os cinco bairros com imóveis mais caros de RJ, SP e BH. **Exame.com**, jan 2016. Seu dinheiro. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/os-cinco-bairros-com-imoveis-mais-caros-de-rj-sp-e-bh/> Acesso em: 23 jan. 2017.